

SÃO PAULO
5 a 11 de
fevereiro de 1976

Ano I
Número 12
Cr\$ 5,00

Diretor Editorial
SAMUEL WAINER

AQUI

SÃO PAULO

Querem
matar o
português

ÚLTIMA PÁGINA

FACE MAP - BIBLIOTECA
CLASS
classificação

INUNDAÇÃO

VEREADOR-EMPRESÁRIO FAZ PROPOSTA-IMPACTO
CONTRA A AMEAÇA: DESTRUIR BARRAGENS. P. 19

FUNDO CEMAP
FA 182/318



O
NOVO
DONO
DA
BOLA

O empresário Melchior, presidente da restauração Paulista de Futebol, está nas páginas 13, 14 e 15



Guarujá: Marina roubou a festa

Foi a grande festa da temporada. Germano Mariutti, o decorador de casas e iates de luxo, abriu suas portas no Guarujá para 500 pessoas do jet-business. Mas quando a mulata Marina Montini apareceu, a festa veio abaixo. Página 16.

ELIS SE CONFESSA

PÁGINA 25

O leitor Paulo Antônio Dias Menezes, de Cruzeiro, ganhou a coleção "História da República Brasileira" (16 volumes, no valor de Cr\$ 600,00), de Hélio Silva, por sua carta publicada na semana passada, a melhor da edição. Endereço para ele retirar o prêmio e para os leitores escreverem: rua Rouxinol 51, CEP 04516.

Apelo à ironia nacional

Sr.: Num matutino desta Capital, o professor e jornalista Osvaldo Leite Martins, sob o título "A Mal-amada", comenta o fato lamentável de os livros didáticos de Português pouco refletirem a realidade de paulista, contendo, exclusivamente, reproduções de textos de jornais cariocas, como também crônicas de cidadãos da Cidade Maravilhosa, por nascimento ou opção.

Em associação de idéias, há de se perguntar: por que uma das mais vendidas revistas semanais, editada no Rio, regularmente nos brinda com a tradução de uma crônica do sr. Art Buchwald? Há mais de 20 anos, esse jornalista e monstro-sagrado nos Estados Unidos, e vários jornais americanos publicam seus trabalhos. Ultimamente, porém, suas sátiras têm envolvido somente personalidades políticas dos Estados Unidos, tanto o presidente e secretário de Estado como também senadores, prefeitos e outros vultos pouco conhecidos por nós, brasileiros, a não ser por noticiários ocasionais.

Os leitores americanos devem achar graça nas brincadeiras alusivas aos escândalos, faux-pas, e às ambições de toda essa gente. Para eles, cada personagem satirizada por Buchwald é figura familiar. Mas o seu comporta-

mento não deixa de ser tipicamente americano, as emoções que agitam os cidadãos naquele país, como no caso Watergate, não nos tocam de perto, como o fariam os detalhes pitorescos sobre nossos próprios homens públicos com seus pontos fracos e suas obstinações. Por que, então uma revista como **Manchete**, que está sendo vendida no país inteiro, ao invés de um Art Buchwald ocupando meia página (e quantas divisas?) não nos traz um Lourenço Diaféria com análises maliciosas de acontecimentos de São Paulo? Ou será que nossos políticos ainda não são suficientes maduros para aceitarem o tratamento que um ironista lhes dispensaria? **Trudi Landau, Capital.**

Cueca, uísque e elogio

Sr.: Li o **AQUI** nº 11, foi a primeira vez. Gostei muito e acho que vai carburar. Chamar o general Dilermando de "Dilê" é ótimo. Afinal, o Exército emanado do povo, tem que ser povo. Nada de santidades, né? Gente como a gente, sem máscara nem nada. Também a Igreja emana do povo e o meu filho, outro dia, disse "esse tal de Paulo Arns é legal" e eu acho que o meu filho tá certo, pô. Agora, tem uma coisa. Digo, duas coisas: as matérias do Fortuna e do publicitário Enio Mainardi (aiás, aquela cueca dele não é unissex?).

LEITOR

O Fortuna disse que SP é muito chegada a um aumentativo. E que a máquina que escava o metrô se chama "Tatuzão". Ora, o Mainardi que diz que sal-sicha dá câncer, e tem como freguês da sua agência o uísque Drury's, deve saber de uma coisa: "Tatuzão" é o nome que o pessoal lá do bar/lar onde a gente se encontra tacou no Drury's. Também chamam ele de "Rui Barbosa" você toma umas doses hoje e amanhã dia seguinte com um pé dum cabeção igual ao do baiano.

Minha primeira carta para o **AQUI** deve elogiar a atitude do jornal, até meio obsessiva, percebe-se, em defesa do tal de consumidor. Eu, tu, ele; nós, vós, eles. Metam ficha aí que a gente vai comprar o jornal toda semana (não dá pra tirar aquele macaco horrível do anúncio da TV Globo?). Obrigado, **Haroldo Feijó, Capital.**

Entre o orgulho e o respeito

Sr.: Nada adianta produzirmos mais de 40% do PNB do país (e esse percentual é motivo de orgulho para todos nós) se a população aumenta esmagadoramente. Se a cidade é responsável por essa fatia de PNB devia ter maior atenção das autoridades. Para sentirmos isso de perto basta irmos à Rodoviária de madrugada, e contar-mos quantos recém-chegados lá dormem no chão,

Os quatro candidatos à coleção de Hélio Silva desta semana: um leitor indignado com a Arca de Noé instalada na cidade; dois autores de sugestões para a preservação dos valores de São Paulo; e um novo leitor jurando fidelidade.

esperando o dia seguinte para sair em busca do pão. Só que o pão já acabou.

Alguma medida deve ser tomada (em alto nível) para que se contenha isso. São Paulo muito deve aos imigrantes, mas em tudo a vida nos ensina que deve haver um meio-termo. A imigração excessiva e o conseqüente aumento da população, acompanhados de uma especulação imobiliária desastrosa, vêm alterar nossos costumes, nossa educação, nosso padrão de vida. Qualquer medida que corrigisse esse problema traria benefício a todos (e quem sabe a Arena até ganhasse as eleições?).

Eu gostaria de sugerir uma medida paliativa para esse problema, enquanto não se toma uma decisão radical e objetiva: que não se deixe deteriorar valores tais como educação, folclore, história, etc., pois a perda desses valores implica o desprezo por parte do indivíduo pela cidade onde mora.

Que se promova aqui, entre os habitantes, o que é nosso (somente **AQUI** e algumas rádios vêm fazendo isso): o carnaval, os museus, os parques, os monumentos, os meios de comunicação, as datas históricas e até nossos políticos, tudo deve ser conhecido mais detalhadamente pela população.

Isso intensificará o respeito por parte dos habitantes às coisas nossas e ao patrimônio público, pois só assim guardaremos um pouco da tradição nessa cidade fantástica onde



A coleção de Hélio Silva, prêmio semanal a um leitor.

tudo já deve ter acontecido.

Devemos preservar essa nossa personalidade, pois ela interessa ao país. Foi principalmente por causa dela que conseguimos tudo aquilo que se avista (e se imagina) do alto do edifício Itália. **Roberto Nogueira Giosa, Capital.**

Na canoa de Noé

Sr.: Se Noé estivesse vivo, ficaria realmente muito triste em saber da situação em que se encontra a sua casa, a sua moradia transformada em um desastre de exposição. Não foi apenas o comportamento indisciplinado da elefanta Aisa; mas isto pode significar muito bem a falta de adaptação dos animais presos nesta exposição.

Além do caso citado acima, temos a impressão de que o mundo realmente

vai acabar, mas não é em água ou fogo; é na surdez natural provocada pelo alto-falante que anuncia as atrações da Arca. Assim mesmo, o secretário do Meio Ambiente, Sr. Paulo Nogueira Neto, que visitou as instalações no dia 30 de dezembro, e vários especialistas, sabem muito bem que a Arca do pobre Noé não está oferecendo condições necessárias para os animais expostos ali. A área é limitada e onde estão os animais maiores, como os cavalos e bois, estão em um aperto muito grande, sem poder se locomover como devem e precisam. As gaiolas das pombas também são pequenas, baixas e bem estreitas — as pombas romanas são duas vezes maiores que as conhecidas.

Resta, apenas, pedir a Deus que não mande o dilúvio tão cedo, permitindo assim um aperfeiçoamento na velha Arca de Noé. **Manoel Alves Calixto, Capital.**

AQUI

DIRETOR EDITORIAL
Samuel Wainer

EDITOR GERAL
Sérgio de Souza

EDITOR ADJUNTO
Narciso Kalili

REDATORES:

Guilherme Cunha Pinto, Sérgio Vaz

REPÓRTERES

Takao Miyagui, Antonio Carlos Fon

FOTÓGRAFOS

Geraldo Guimarães, Amancio Chiodi, Joel Sian

ARTE

Valdir de Oliveira, Sérgio Fujiwara.

COLUNISTAS

Ricardo Kotscho, C.B., Klaus Kleber, C. Bittencourt, Hella Poli, Rubens Ewald Filho, Pola Vartuck, Daniel Más, Renato de Moraes, Pietro Maria Bardi, Moacir Werneck de Castro, Gilberto Mansur, Claudia Andujar, Mauro Chaves, Sérgio Mello, Ignácio de Loyola, Reginaldo Fortuna.

COLABORADOREES

Michel Laurence, Walter Negrão, Roberto Santos, Fernando Moraes, Abilio Pereira de Almeida, Isabel Regis, Silvia Campolin, Joaquim Rodrigues Mathias, Ignês Knaut, Wilson Moherdau, Joelmir Betting, Jorge da Cunha Lima, Hamlet Paoletti, Lucila Simonsen Santos.

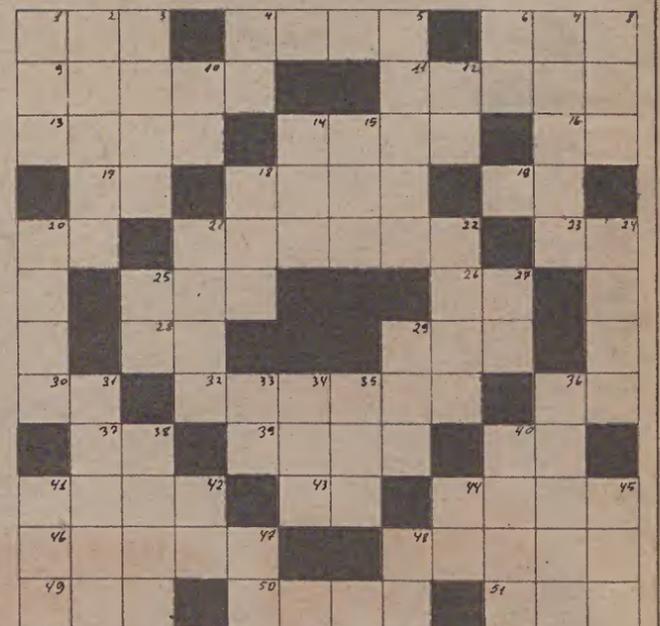
AQUI São Paulo é uma publicação da Editora Brasil-Mundo Ltda. Escritório Central, rua 7 de Abril, 264 - 8º andar, salas 817/8. Fones: 32-1438 e 24-0218, São Paulo, SP. Departamento Editorial: Avenida Rouxinol, 51, fones: 61-7551, 241-1683 e 61-8259. Distribuição: Abril, Cultural e Industrial - rua do Curtume, 554. Fones: 262-7977 e 65-8416, São Paulo, SP. Composto e impresso na PAT Publicações e Assistência Técnica Ltda. rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, fone: 81.7461 - São Paulo, SP.

CRUZADAS

1. O mesmo que muito. 4. Deus grego dos ventos. 6. Ruído. 9. Submeter à ação do calor até ficar cozido e levemente tostado. 11. Pessoa impertinente, importuna (pop., fig.). 13. O mesmo que aiti. 14. Nascimento de um astro (Astr.). 16. Símbolo do tálho. 17. Confusão, encrenca (fig.). 18. Afeição profunda. 19. Igreja episcopal. 20. Região de Artilharia. 21. Solapar, enfraquecer. 23. Nota musical. 25. O deus dos muçulmanos. 26. Gemido de dor. 28. Sigla do Amazonas. 29. Título nobre inglês. 30. Saudação popular. 32. Lançar, jogar longe. 36. Sociedade Anônima. 37. Nordeste. 39. Aderir-se, conformar-se. 40. Ruim, perversa. 41. Terreno em frente ou ao redor de igreja. 43. Símbolo do ouro. 44. Irmão de Abel. 46. Pavilhão ou recinto circular para espetáculos. 48. Nome comum a vários cactos colunares. 49. Fund and Agriculture Organization. 50. Impressão de um sinete. 51. Sufixo que forma verbos frequentativos.

Verticais:

1. Cruel, perverso. 2. Estabelecimento industrial produtor de açúcar, aço, etc. 3. Pronome demonstrativo. 4. O érbio. 5. Molusco que às vezes produz pérolas. 6. Abreviatura de senhor. 7. O dia que passou. 8. Doença, moléstia. 10. Nesse lugar. 12. Para o. 14. Sufixo, exprime idéia de tumefação. 15. Lista, relação. 18. Rebordo do chapéu. 20. Incomum, precioso. 21. Parte imponderável do ser. 22. Desabar. 24. Indivíduo de antiga casta dominante no Peru. 25. Estação meteorológica. 27. Imposto de Renda. 29. Sua Alteza Real. 31. Indígena, autóctone. 33. Símbolo do tântalo. 34. Navio, no Norte. 35. Indivíduo levado a julgamento. 36. Assanhada, agitada (fig.). 38. Engano, equívoco. 40. Movimento de fluxo e refluxo das águas do mar. 41. Associação Cristã Feminina. 42. Flecha turca. 44. Aqui. 45. Maior, principal. 47. Símbolo do ósmio. 48. O cobalto.



SOLUÇÃO

Verticais: MAU - USINA - ISTO - ER - OSTRAL - SR - NTEM - MAL - AI - AO - OMA - ROL - ABA - RARO - ALMA - RUIR - INCA - AA - IR - SAR - INDIA - TA - ITA - RÊU - SAIDA - ERRO - MARE - ACF - OC - CA - MOR - SO - CO.

Horizontais: MUI - EOLO - SOM - ASSAR - SARNA - ULI - ORTO - TL - NO - AMOR - SE - RA - ABALAR - MI - ALA - UI - AM - SIR - OI - ATRAR - SA - NE - ATER - MA - ADRO - ABU - CAIM - CIRCO - CARDO - FAO - SELG - EAR.

Quem tem Cheque Especial Banespa tem muito mais. Agora com limite bem maior: Cr\$ 50.000,00

Se antes já era importante ter o Cheque Especial Banespa, imagine agora com o novo limite de Cr\$ 50.000,00. O maior limite do Brasil.

O Cheque Especial Banespa é dinheiro automático na sua conta ou no seu bolso.

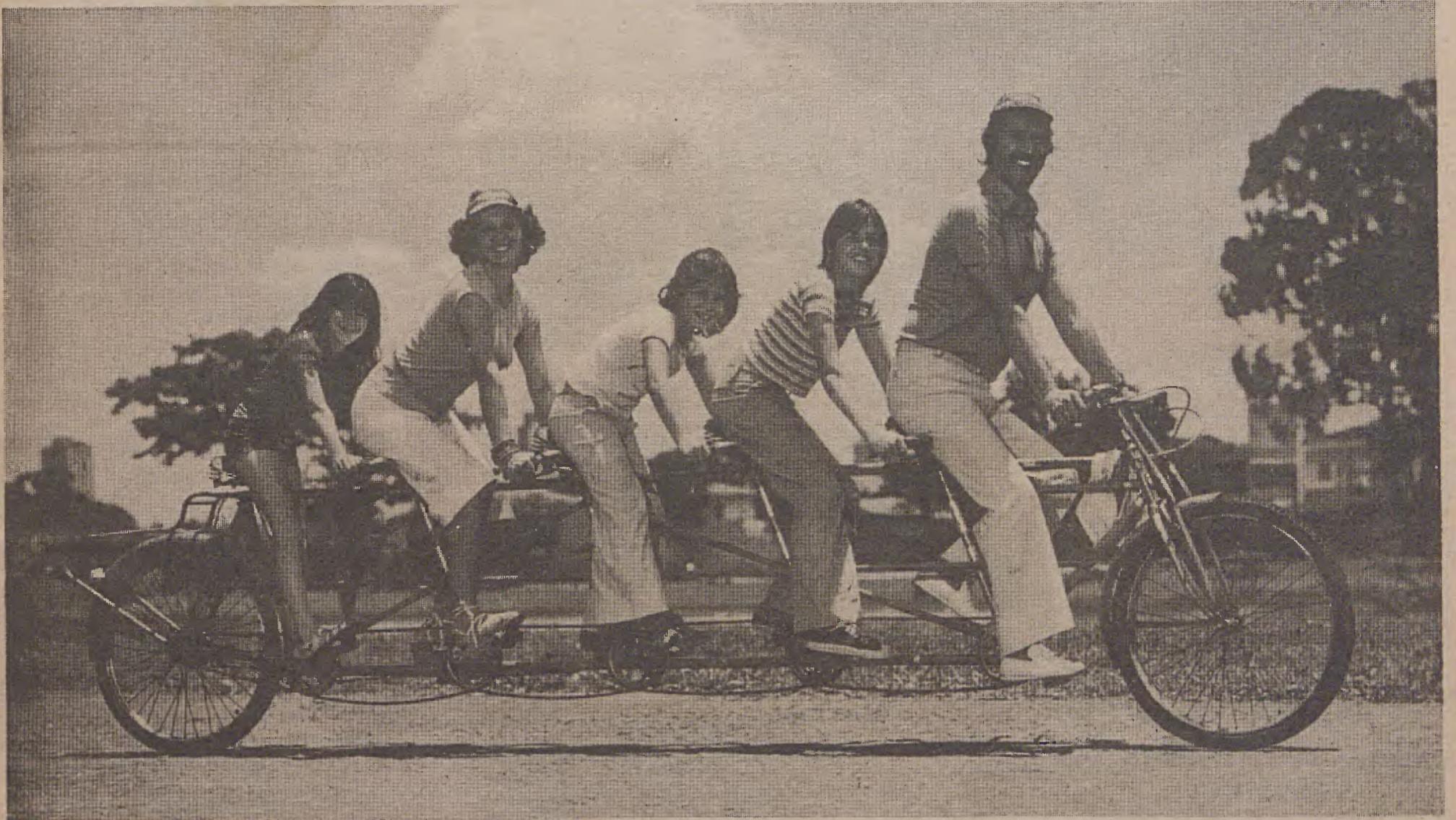
Você pode usá-lo como dinheiro vivo em qualquer parte do País. E ele será muito bem aceito, porque quem tem Cheque Especial Banespa tem sempre uma credencial a mais.

É uma tranquilidade muito maior: você pode sacar além do seu saldo, até o limite do seu contrato (que equivale a três vezes o seu saldo médio). E sem precisar fazer qualquer pedido ao gerente.

É só preencher o cheque.

Descubra toda a importância de ter um Cheque Especial Banespa com o seu novo limite.

Consulte qualquer agência do BANESPA.



CHEQUE ESPECIAL BANESPA



ESCOLHA AQUI

Na televisão os documentários vão trazer Getúlio, Jânio, De Gaulle, Euclides da Cunha, o Quarup e mais de uma hora de Muhammad Ali. Ainda, um filme com Carmem Miranda, musicais e um novo humorístico. Nos cinemas, Carlitos e Idi Amin Dada.

TV



Carmem Miranda



Antonio Fagundes e Ester Góes



Stênio Garcia



Leslie Carol e Fred Astaire



João de Barro



Waldir Azevedo

DOCUMENTÁRIO

• Com cenas da vitória de Getúlio Vargas nas eleições de 1950, a criação da Petrobrás, a posse de Juscelino, o início da fabricação de carros nacionais, a inauguração de Brasília, a posse e a renúncia de Jânio Quadros a TV Globo, no programa TV Ano 25, pretende mostrar a evolução do telejornalismo brasileiro (sexta-feira, dia 6, às 21 horas).

• Dois outros personagens são objeto de documentários na TV: um estadista, o presidente Charles De Gaulle, e o escritor e jornalista Euclides da Cunha. O primeiro em Biografias, domingo, às 15 horas, o segundo em O Homem e a Arte, sexta-feira, às 21:30 horas. Ambos no canal 2.

• Importantes do ponto de vista da Antropologia e da história dos documentários no Brasil, são os filmes que o canal 2, vai exibir quarta-feira que vem: os dois primeiros documentários cinematográficos sobre folclore no Brasil, realizados em 1936, pelo antropólogo e filósofo francês Claude Lévi-Strauss e em 1938, por Luís Saia (Folclore no Brasil, 20:30 hs.); um documentário de Roberto Santos sobre a Jornada Kamaiurá e a festa Índia Quarup (Terra e Gente no Curta Metragem Brasileiro, às 21:30 hs.).

• Muhammad Ali, através de flashes de todas as suas disputas de título mundial, desde o tempo em que, ainda com o nome de Cassius Clay venceu Sonny Liston, em 64, até a mais recente luta contra Frazier, o documentário dá uma visão da carreira e da personalidade controversa do boxeador. Especial. Quinta-feira, dia 5, às 22:30 hs., no canal 4.

CINEMA

• O Homem de Kiev (The Fixer), 1968. Um filme de John Frankenheimer (diretor de "O Segundo Rosto", "Grand Prix", "Sob o Domínio do Mal"), baseado em romance de Bernard Malamud (Prêmio Pulitzer, 1967). O filme aproveita uma crônica histórica de perseguição anti-semita (a opressão de agentes czaristas russos às minorias judaicas, em 1911) para abordar criticamente

o terrorismo em todas as épocas. Com Alan Bates e Dirk Bogard. Sábado, dia 7, às 23 horas, no 4.

• A TV Bandeirantes está levando todos os domingos deste mês, às 17 horas, um Festival de Carmen Miranda, para comemorar o aniversário da atriz, que seria dia 9. Domingo, às 17 horas, a estréia: "Alegria Rapazes" (Something for the boys). Este é o filme em que Carmen está melhor como comedianta, desempenhando o papel de uma fazendeira que transforma sua mansão arruinada em pensão para esposas de soldados. Rodado em plena guerra, 1944. O musical é de Cole Porter e ainda tem uma ponta de Judy Holliday.

• "Papai Pernilongo", musical com Fred Astaire e Leslie Carol, dando prosseguimento à série de "musicais famosos", iniciado domingo passado com Marilyn Monroe, "Mundo da Fantasia". Dia 8, às 20 horas, no 13.

MÚSICA

• João de Barro, o Braguinha, falecido recentemente, autor das mais cantadas marchas-rancho, como "As pastorinhas", fala sobre este ritmo, sobre si, e canta suas músicas dos velhos carnavais, "Jardineira", "Touradas de Madri", etc. O entrevistador é José Ramos Tinhorão. Terça-feira, dia 10, às 23 hs., em "As muitas histórias da Música Popular Brasileira", no 2.

• Waldir Azevedo, compositor de música regional e tocador de cavaquinho, será entrevistado por Pink Wainer, na Série Documento e vai tocar algumas músicas que compôs, entre elas "Delicado" e "Brasileirinho". Sábado, às 19:30 hs. no 13.

ENTREVISTA

Os principais entrevistados da TV nesta semana serão o palhaço Arrelia e o cirurgião cardiologista Jesus Zerbini (De Conversa em Conversa, 5ª feira, 23 hs., no canal 2). Klaus Reinach, presidente da SABESP, falará sobre os problemas da represa de Guarapiranga em entrevista a Nei Gonçalves Dias e Joelmir Betting (Interesse Público, 2ª feira, às 23 horas, no 13). Zélio, o cartunista, será entrevistado por Sérgio Viotti (Tema Livre, 3ª feira, 21:30 hs. no 2).

TEATRO

Teatro Dois apresenta a peça A Beata Maria do Egito, de Raquel de Queiroz, dirigida e adaptada por Kiko Jaess. É colocado o conflito que se estabelece entre Maria do Egito (Ester Góes), a beata, fervorosa seguidora de Padre Cícero e o Tenente (Antônio Fagundes), que o combate. Amor, religião, política, interesses particulares misturam-se neste drama nordestino. No elenco estão ainda Stênio Garcia e Antonio Petrin. Segunda-feira, às 22 horas, no canal 2.

ESTRÉIA

A Tupi estréia neste sábado, às 21 horas, um novo programa de humor: "Deu a louca no show". Os temas dos sketches pretendem ser atuais - novelas, Pelé, Armando Marques, o medo em São Paulo, a onda de desastres cinematográficos -, mas tratados da maneira declaradamente conhecida, repetindo esquemas dos programas humorísticos da televisão. Com Renato Corte Real, Walter d'Ávila e a participação, nesta estréia, de Nelson Gonçalves cantando "Boemia".

CINEMA

Carlitos,
no Museu
Lasar Segall
(Afonso Celso,
362. Vila Mariana):
"Tempos Modernos",
sexta-feira,
e "Luzes da Cidade",
sábado.
Ambos às 20
e 22 horas.

Na seção Infante
juvenil de sábado
(15:30 e 17 hs.),
um desenho animado:
"Asterix, o Gaulês",
de Uderzo. Ingresso,
Cr\$5,00 (preço único).

Os documentários
desta semana
(5ª feiras, às
21 horas) serão
"Morrinhos",
de Norberto Amorin
(1973) e "Bóias Frias",
de Reinaldo Volpato
(1974). Além
desses, há um
documentário sobre
os impressionistas Degas,
Monet e Cézanne.
(domingo, 16 hs.,
ingresso gratuito).

A partir de hoje, no cine
Arouche-A, um dos filmes
de maior sucesso em Paris
durante o ano passado:
"O General Idi Amin Dada",
documentário de Berbet Schroeder
já mostrado em parte pela
tevé Globo. Distribuição:
CIA (Cinema Internacional
Associado).

ESCOLHA AQUI

Linda Batista cantando na semana, João Bosco também; um jeito de comprar o gordíssimo New York Times de domingo (só que custa Cr\$ 45,00); e a mostra do artista brasileiro que foi o único a trabalhar com todas técnicas: o universal Lasar Segall.

SHOW

Esta semana tem a volta de duas cantoras para as casas noturnas paulistas. Na Igrejinha (rua 13 de Maio) Linda Batista, a primeira rainha do rádio volta cantando músicas de Lupiscínio Rodrigues e outra, menos conhecida pelo público mas uma afinada cantora de blues, Rosa Maria, volta na 5ª feira, ao Opus 2004 (Consolação, 2004). Há mais de seis meses ela estava afastada do Opus, onde cantava músicas de Aretha Franklin e Billie Holliday.

Quinta-feira (5), duas da madrugada, João Bosco estreia na Igrejinha mostrando suas novas músicas em parceria com Aldir Blanc.

MUSEU

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (bloco da História, Cidade Universitária), que contém a maior e mais variada exposição de Arqueologia Clássica da América Latina, acaba de enriquecer seu acervo Mediterrâneo e Afro Brasileiro.

Entre as peças recém adquiridas estão lamparinas de terracota gregas e romanas, vasos funerários e objetos de metal etruscos e cerâmica italiota. As peças afro-brasileiras da Bahia foram acrescentados objetos de culturas africanas (nigerianas) relacionadas às origens dos negros brasileiros.

LIVROS

catullo branco
ENERGIA ELÉTRICA E
CAPITAL ESTRANGEIRO
NO BRASIL

prefácio de barbosa lima sobrinho



A política hidrelétrica brasileira e a participação, desde a década de 30 até hoje, são o assunto das 135 páginas de Energia Elétrica e Capital Estrangeiro no Brasil, de Catullo Branco. O autor é engenheiro e ex-deputado em São Paulo (eleito em 1947). Prefácio de Barbosa Lima Sobrinho; Editora Alfa-Omega; Cr\$ 28,00.

JORNAL

Há apenas um lugar em São Paulo onde o New York Times de domingo pode ser comprado: a banca de jornais e revistas dentro do Hilton Hotel, que fez assinaturas para atender aos seus hóspedes. Mas qualquer pessoa tem direito a um exemplar — qualquer pessoa que dispuser de Cr\$ 45,00, preço de cada.

O jornal chega no próprio domingo, por volta das 17 horas.

A assinatura do New York Times dominical pode ser conseguida apenas por um escritório do Rio de Janeiro (av. Copacabana 500, sala 810),

já que a representação em São Paulo fechou esta semana. Preço da assinatura, por seis meses: Cr\$ 1.500,00.

ARTES

Como faz todo ano, o Museu Lasar Segall está promovendo uma retrospectiva que permite uma visão conjunta da obra do único artista plástico significativo do Brasil que criou em todas as técnicas. Em três salas, estão expostos óleos, aquarelas, desenhos, gravuras e esculturas de Lasar Segall. A mostra fica até o dia 30 de março, à rua Afonso Celso 382, Vila Mariana.

Marcelo Nitsche, artista paulista que já expôs no MAM na Galeria Art-Art e em bienais de gravuras na Colômbia, está mostrando seus trabalhos da série Homem e Paisagem (8 desenhos em lápis de cor e aquarela sobre papel) e Auto Retratos (12, acrílico e óleo sobre tela). Paralelamente à exposição foram editadas gravuras (técnica litografia), a Cr\$ 250,00 cada.

A mostra fica até o dia 24 de fevereiro, das 14 às 21 horas, na Galeria Arte Global (Al. Santos, 1893).



Lasar Segall - Na rede (guache).

O financiamento mais veloz do mundo.

O financiamento de veículos da Mercantil - Finasa é também o mais versátil.

Você escolhe o seu carro no revendedor de sua preferência, e depois, zuuuummm!

Vai em qualquer uma das 248 agências do Banco Mercantil de São Paulo, escolhe o melhor plano e pega rápido e fácil o dinheiro do financiamento.

Só. E feliz carro novo.



MERCANTIL - FINASA
CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTO S.A.

A CIDADE



Ricardo Kotscho

"Em matéria de prioridade, a semana foi triste: 10 milhões para o carnaval e 950 mil para os flagelados"

Bem se pode imaginar as notícias do ano que vem: chuvas, enchentes, etc.

Caro prefeito,

Espero que esta venha encontrá-lo gozando de perfeita saúde junto aos seus — são, salvo e, principalmente, seco (sei, prefeito, que esta não é uma forma propriamente original de se iniciar uma carta, mas o que tem acontecido de original nos dias que correm ?).

Chuvas, notas oficiais, enchentes, sistema de defesa civil, reuniões sigilosas, comissões de estudos, desabrigados, grupos de trabalho, falta de verbas, fenômeno meteorológico imprevisível, situação sob controle, acidente da natureza, tudo depende do tempo, mobilizamos todos os recursos, canalização de córregos, repórter agredido, orçamento comprometido, tromba d'água do século, glub, glub. Ufa ! Vou lendo os jornais e não encontro uma única notícia nova. Quantas vezes já li tudo isso nos últimos dias, meses, anos ?

Mas, já que sobrevivemos, vamos logo aos fatos, antes que a água venha de novo. Enquanto a cidade enxuga no varal dos imprevistos, essa olivetti com sua mania de dúvidas fico me fazendo perguntas, feita criança pequena com seus terríveis "por que papai?" Por que tudo isso?, pois é, por quê? Será que é mesmo coisa do destino, um complô da natureza, maldição dos céus? Trata-se de uma divergência insanável entre alguns santos — Pedro e Paulo, no caso — que resolveram se vingar justo em cima de nós ?

Ou essa desgraça toda era perfeitamente previsível, a partir do momento em que administradores irresponsáveis começaram a se dedicar a piruetas tecnológicas e pirotecnias econômicas, comprometendo o equilíbrio ecológico, invertendo prioridades, jogando com o futuro de um acampamento humano que já passa dos 10 milhões de seres?

Deixando de lado as especulações do sobrenatural, a poesia urbanística e o faz-de-conta da cidade do futuro que nunca chega, enquanto a do presente vai-se acabando, não estaria na hora de acabarmos de uma vez com essa orgia de frases e planos, e partirmos para a ação ?

Acidente imprevisível que se repete ciclicamente com religiosa constância deixa de ser acidente — e, muito menos, imprevisível. O desmatamento da Serra do Mar, a poluição da água e do ar, os detritos industriais todos, deixaram há muito tempo de ser "coisa de jornalista" e constituem ameaças permanentes, fazem parte do cotidiano e continuam sendo olímpicamente ignoradas. Tragédias em São Paulo, sr. prefeito, são apenas consequências — e não causas dos nossos males.

Pior que tudo é que não nos restam sequer esperanças. Após uma reunião no Palácio dos Bandeirantes, naquela quinta-feira fatídica da semana passada, o governador, sempre tão solícito em dar entrevistas

quando reina a paz, encarregou o chefe da sua Casa Militar de fornecer informações à imprensa. Ficamos sabendo, então, que as enchentes só acabarão quando forem canalizados todos os córregos, obra orçada em um bilhão de cruzeiros. E que o governo não tem essa verba. No dia seguinte, o sr. diria aos jornais que "com todas as suas fontes de recursos esgotadas, a Prefeitura não vai investir mais nada contra as enchentes, além do que consta do orçamento deste ano".

Será isto realmente irreversível ? Um bilhão de cruzeiros é menos da metade do que foi gasto com a ponte Rio-Niterói — não chega a ser, portanto, uma verba inalcançável. Mas não precisamos ir tão longe. Quase metade do orçamento de 9 bilhões de cruzeiros da Prefeitura será destinado este ano às obras do metrô. Ninguém discute a necessidade de altos investimentos no setor de transportes de massa. Há no momento, porém, em que cabe ao administrador estabelecer prioridades — no nosso caso, são as obras contra enchentes — ou nos arriscaremos a ter o mais moderno e eficiente metrô do mundo, sem passageiros. Quem está morrendo afogado, como se sabe, precisa de uma tábua, antes de pensar em transportes rápidos. Está aí o susto da represa de Guarapiranga que não me deixa mentir.

Em matéria de prioridades, no entanto, a última semana foi triste, muito triste, prefeito : não é que dois dias depois de ficarmos sabendo que a Jaraguá — uma firma especializada em desanimar o carnaval paulista — receberá mais de 10 milhões de cruzeiros da Prefeitura, somos surpreendidos com a notícia de que o governo dará uma verba de apenas 950 mil cruzeiros para atender aos flagelados? Ninguém exige do prefeito que ele perpetre o milagre da multiplicação dos dinheiros públicos. Espera-se, apenas, que eles sejam empregados onde é mais preciso.

De qualquer forma, não é batendo em repórter — como fez o engenheiro Valdelino Marcondes, da Administração Regional de Santo Amaro — que se impedirão novas catástrofes. No máximo, se poderá impedir que seus motivos sejam noticiados. O que, aliás, torna-se perfeitamente dispensável : mais algumas semanas como a última e não restará ninguém para ler estas notícias.

Por falar nisso, quando toda a cidade acordava assustada no sábado, com o perigo de rompimento da represa de Guarapiranga, leio na 1ª página do jornal que o sr. pediu para ser avisado "meia hora antes de algum acontecimento mais grave". Se for possível, eu também gostaria de ser avisado para garantir a minha carona. Porque, como diz o escriba salvo do naufrágio aqui ao meu lado : se tudo correr bem, estamos perdidos.

SUMÁRIO

AQUI São Paulo — Ano I, nº 11. Semana de 5 a 11 de fevereiro de 1976. — Preço do exemplar, Cr\$ 5,00.

13

Foi tecelão na fábrica de José Ermínio de Moraes em Sorocaba, é o sucessor de José Ermínio de Moraes Filho no comando do futebol paulista: o comendador Alfredo Metidieri assume a presidência da Federação com toda a força do Interior, que esperou 15 anos por essa oportunidade. E avisa: "Agora mando eu."



16

Era a festa do ano no Guarujá e estavam todos lá. Odile Rubirosa, Jorginho Guinle, Rudi Crespi e um penetra no jet-set: o repórter de AQUI.



19

Em entrevista exclusiva a AQUI, o vereador Vicente de Almeida, empresário e ex-assessor de Faria Lima na Secretaria de Viação e Obras Públicas, apresenta uma solução para o problema das enchentes na cidade : a destruição de barragens, acrescentado : e a encampação da Light.



22

Ninguém reparou muito nos gols. Flávio foi o "grosso" do Corinthians, o centroavante desprezado pelo Fluminense. Agora, feliz no Internacional, fazendo o balanço de uma carreira cheia de vaias, ele vem anunciar respeitosamente: faltam 8 gols para chegar ao milésimo de Pelé.

24

Por duas horas de gemidos e e bomboleios, o Beco instala uma banheira no camarim, a cidade prepara uma recepção oficial, os galãs se perfumam: Rachel Welch vem aí.

25

Elis não fala nada sobre a briga com a equipe que a ajudou a montar Falso Brillante, o maior show da cidade. Mas tem outras revelações, como: "quero voltar à sarjeta".

Você não está sozinho na Anchieta-Imigrantes.



A PARTIR DE HOJE, QUANDO PRECISAR, ABRA ESTA CAIXA.

A DERSA implantou, definitivamente, o mais moderno sistema de atendimento rodoviário do país:
FONES DE EMERGÊNCIA S.O.S.

Gratuitamente, você poderá dispor de toda esta infra-estrutura de serviços:

AMBULÂNCIAS COM ATENDENTES DE PRIMEIROS SOCORROS, HOSPITAIS, GUINCHOS MÉDIOS E PESADOS, CARROS COM MECÂNICOS, BOMBEIROS E POLÍCIA RODOVIÁRIA.

São 200 Fones de Emergência S.O.S. ligados diretamente ao Centro de Controle Operacional - CCO.

A cada 1000 metros você vai encontrar uma caixa amarela, em ambas as pistas da Anchieta-Imigrantes.

Basta retirar o fone do gancho para acionar o serviço desejado, a qualquer hora do dia ou da noite.

O importante na estrada é nunca se sentir só.

DERSA

Desenvolvimento Rodoviário S.A.



São Paulo - ponte do progresso nacional

FONE DE EMERGÊNCIA S.O.S. A HUMANIZAÇÃO DE UM SISTEMA RODOVIÁRIO

BASTIDORES



J.C. Bittencourt

"Da mesma forma, não haveria razão para se temer uma eventual marcha-ré dos novos programas políticos que inundaram as emissoras brasileiras de televisão depois de 1974. Não se poderia, de forma alguma, estabelecer qualquer espécie de confusão com programas desse tipo e a chamada "propaganda eleitoral".

Na rouquidão de Paulo Egydio, a nova abertura

A onda pessimista que varreu o País com relação às eleições municipais de 15 de novembro deste ano teria justificativa? Segundo informações disponíveis — e precedentes de áreas da maior responsabilidade — o pleito municipal de 76 se desenvolverá dentro da maior normalidade, e não se exercerão pressões contra o MDB, além, é óbvio, do natural e sadio jogo eleitoral, que sempre acaba apresentando alguns excessos de parte a parte.

No mais, não haveria maiores restrições à utilização dos eficientes instrumentos de comunicação, como são o rádio e a televisão, desde que devidamente enquadrados nas regras do jogo. O presidente Geisel não se exporia à realização de "eleições fechadas" depois de haver fornecido condições para a realização do pleito mais limpo e livre dos últimos vinte anos, em 1974. Qualquer restrição que se fizesse ao processo eleitoral, teria inevitavelmente reflexos negativos para o Governo. E os maus frutos seriam colhidos pela Arena, o partido que oficialmente conta com o apoio do Executivo federal.

Da mesma forma, não haveria razão para se temer uma eventual marcha-a-ré dos novos programas políticos que inundaram as emissoras brasileiras de televisão depois de 74. Não se poderia, de forma alguma, estabelecer qualquer espécie de confusão com programas desse tipo e a chamada "propaganda eleitoral". Afinal — considera-se — o debate livre de idéias é a condição essencial para o estabelecimento de um jogo democrático, que se cristalizaria com o Modelo Político brasileiro. Como afirma o governador Paulo Egydio com insistência, se o País foi capaz de chegar ao seu Modelo Econômico, por que não chegará ao seu Modelo Político?

Seria absolutamente inviável chegar-se a um Modelo Político se não se possibilitasse o livre debate de idéias. De outra forma, estariam sendo estabelecidas regras viciadas de jogo, desde que adotadas em gabinetes fechados, sem a consulta dos setores de opinião que formam o consenso nacional. Estaríamos partindo — em proporções até mesmo mais drásticas e suicidas — para a formação de novas arenas e emedebês que, por nascerem artificiais, terão que, necessariamente, ser sepultadas nessa condição.

O MDB não teria crescido em 74, mas inchado a partir do instante em que se transformou na Frente Ampla reunindo as oposições brasileiras e o descontentamento com o custo de vida. Mais ou menos na forma inversa do que ocorreu com a Arena anteriormente. Ou seja: o processo de "inchação" dos dois partidos seria semelhante.

Diante das informações disponíveis, a onda pessimista teria sido estimulada dentro de um contexto mais amplo. E as lideranças responsáveis do MDB, de uma forma ou de outras, teriam aceito o jogo, pois permitiria uma fixação maior dos setores liberais do Governo junto às correntes do Sistema descontentes com o chamado processo de distensão. O silêncio a que se impôs o presidente nacional do MDB, deputado Ulysses Guimarães, seria sintomático. Da mesma forma com que o governador Paulo Egydio teria tomado determinadas cautelas em sua pregação política (embora mostrasse preocupação em ativá-las).

À semelhança dos meses que precederam as eleições de 15 de novembro de 1974, a tática estaria definida: um aparente retraimento do MDB através de seus porta-vozes mais responsáveis, ao lado de uma "escada" política arenista, tendo como principal figura o governador dos paulistas, em fase de início de "rouquidão política", estimulando os comícios. Ultrapassada — sem arranhões — a fase eleitoral, se partiria para novos partidos políticos, como primeira etapa de nova experiência no rumo de um Modelo Político permanente.

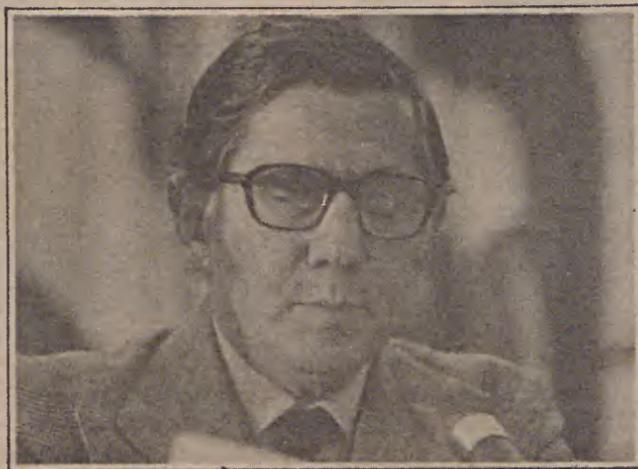


Paulo Egydio

Pirolito Pirolito Pirolito

• Numa das reuniões do Consulti, o secretário de Obras, Francisco de Barros, não aguentou: disse com todas as letras, que os 36 prefeitos da área metropolitana deveriam procurá-lo diretamente para fazer suas reivindicações, pois poderia recebê-los todas as manhãs das quintas-feiras. E Barros reclamou: todos os ofícios das Prefeituras estavam lhe chegando às mãos pela Secretaria dos Negócios Metropolitanos... + A disputa pela liderança do MDB na Assembléia, depois de um ano de alta produtividade do atual líder Alberto Goldman, só teria uma explicação: há muitos pretensos candidatos ao Senado em 1978, pelo MDB, e eles estariam vindo em Goldman o seu principal adversário. • O presidente da Federação do Comércio, José Papa Júnior, que pretende incursionar na área política, viajou misteriosamente para os Estados Unidos.

Segundo se informa, Papa manteria importantes reuniões — altamente sigilosas — com autoridades norte-americanas. E, na volta, começaria a adotar a postura de candidato à sucessão de Paulo Egydio. • Empresários paulistas poderão se transferir de armas e bagagens para o Estado do Rio: o secretário da Agricultura daquele Estado, José Rezende Peres, está estimulando o plantio de café como única fórmula capaz de salvar a agricultura fluminense. O IBC está apoiando a idéia. • Também o Paraguai está se mostrando um mercado atraente para os empresários brasileiros. Um grupo empresarial está adquirindo grandes extensões de terras (a preços convidativos) e pretende entrar de sola no setor de transportes urbanos. • Será mesmo criada a Empresa Metropolitana de Transportes, que na primeira fase atuará na área de planejamento apenas. Mas o incrível irá acontecer: o metrô paulistano deverá continuar sendo o único do mundo administrado por uma Prefeitura e não pelo Governo Estadual ou pelo Governo Federal. Apesar da Prefeitura ser minoritária, o prefeito Olavo Setúbal não quer abrir mão do metrô. Vaidade empresarial? • Não será surpresa se o presidente da Assembléia, deputado Leonel Júlio, acabar apoiando a reeleição de Alberto Goldman na liderança do MDB na Assembléia, deixando o seu "afilhado" Augusto Toscano a ver navios. • O secretário do Interior, Rafael Baldacci, voltando de Brasília com sinal verde da área federal (leia-se BNH) para a constituição da Cecap S/A, já devidamente aprovada pela Assembléia. De tabela, Baldacci aproveitou para uma nova visita ao chefe do Gabinete Civil da Presidência, general Golbery do Couto e Silva.



Severo Gomes

Vem vindo um novo Ministério: do Comércio Exterior

Uma velha aspiração da área empresarial estaria em vias de ser viabilizada com a criação do Ministério do Comércio Exterior, que determinaria um certo esvaziamento do atual Ministério da Indústria e Comércio. Esses estudos já teriam sido aprovados em Brasília e a sua concretização segundo fontes políticas do Governo — seria iminente. Um pouco menos avançados estariam os estudos de criação do Ministério da Economia, que absorveria setores do Planejamento e da Fazenda. O Ministério da Fazenda, dentro desse novo enfoque, funcionaria ao estilo do Ministério do Tesouro norte-americano. Além de critérios técnicos, a criação das duas Pastas seria também uma solução política, evitando-se o "crescimento exagerado" de figuras ministeriais.



Nabi Chedid

Solon Borges dos Reis, líder do Governo? Nunca.

O deputado Solon Borges dos Reis garante a AQUI que nunca aceitaria ser o líder do Governo na Assembléia. No máximo — frisou — "eu aceitaria as funções de líder da Arena", desde — é claro — que existissem essas duas figuras. Apenas como líder da Arena, Solon acha que poderia desenvolver uma atuação que impedisse a "robotização" da bancada de seu partido não deixando de insinuar uma crítica velada ao Governo, à medida em que se exige fidelidade dos parlamentares governistas às matérias de seu interesse. Dentro dessa linha de raciocínio, Solon, cujo nome vinha sendo lembrado como possível substituto de Nabi Chedid na liderança, afirma que foi surpreendido com as especulações e garante seu apoio à permanência do atual líder. Solon Borges dos Reis, antigo democrata-cristão, identifica-se com os chamados "renovadores" da Arena paulista, entre os quais figuram o sodresista Marco Antonio Castelo Branco e o carvalhista Armando Pinheiro e o "independente" Paulo Kobayashi, mais o sodresista e carvalhista José Felício "Gijo" Castelano. Armando Pinheiro, um dos frequentadores mais assíduos do 2º andar palaciano (a Casa Civil) ao lado de Castelo Branco, parece ser a figura que mais se contrapõe à permanência de Nabi Chedid como líder do Governo, pois ele próprio — apesar de sua condição de "cristão novo" de primeiro mandato legislativo — aspiraria assumir essas funções, dentro de um esquema mais amplo.

Diante de rivalidades existentes na área do secretariado do governador Paulo Egydio Martins, poderiam ser feitas algumas alterações num prazo de aproximadamente 90 dias. O mais curioso: essas rivalidades não se observam apenas entre os auxiliares políticos do governador (envolvendo nomes como Arrobas Martins, Nabi Chedid, Ademar Filho e Rafael Baldacci), mas se transportaram também à chamada "equipe técnica". Um dos pontos de atrito seria o planejamento e execução de obras na área metropolitana, o que envolve praticamente quase todas as Secretarias de Estado. Ao lado disso, haveria vaidades insatisfeitas com o maior trânsito de alguns deles no gabinete e na residência particular do governador. O certo, porém, é que Paulo Egydio, no momento em que estabelecer sua política de Governo (o que parece próximo) adotará uma só atitude: quem não se enquadrar, rual

CONSUMO



Zuleica Seabra Ferrari

"É claro que um órgão de defesa dos consumidores deverá ter em seu quadro advogados de primeira linha. E espero que a dra. Zuleica não desista no meio do caminho, como eu fiz. De qualquer forma, jamais deixei de defender meus direitos de consumidor. Como testemunho do que afirmo, estou anexando um dossiê completo de uma desventura que tive..."

O Galaxie sem freio, a 100 por hora, com a família toda dentro

Desde o primeiro número de AQUI tive a boa intenção de escrever-lhes, cumprimentando não só pela iniciativa, como também pela qualidade do semanário. Faço-o agora, pois, como durante alguns anos editei a revista Marketing, aprendi a avaliar, sem falsa modéstia, um bom trabalho profissional de jornalismo.

Aproveito a oportunidade para aplaudir a iniciativa do lançamento da nossa "Nader das Perdizes", dra. Zuleica Seabra Ferrari. A criação de um órgão de defesa dos consumidores sempre foi meu velho sonho, desde a época em que era Vice-Presidente Executivo da Associação dos Dirigentes de Vendas do Brasil. Lamentavelmente, me faltou apoio dos demais colegas de diretoria.

É claro que um órgão de defesa dos consumidores deverá ter em seu quadro advogados de primeira linha. E espero que a dra. Zuleica não desista no meio do caminho, como eu fiz. De qualquer forma, jamais deixei de defender meus direitos de consumidor. Como testemunho do que afirmo, estou anexando um dossiê completo de uma desventura que tive com a firma Sonnervig. Há nessa desventura lances até pitorescos e se acharem que a história tem algum valor jornalístico para os leitores interessados, como eu, na defesa dos consumidores, fiquem à vontade para publicá-la. **Sebastião Bonfá, São Paulo.**

Ilmo. Sr.
Jerônimo Mário Carlotti
DD. Diretor Superintendente
Sonnervig S.A. Comércio e Indústria
Rua Frei Caneca, 640
Capital
Prezado Senhor,

A incrível história que passarei a relatar-lhe deve já ter ocorrido inúmeras vezes com a sua grande empresa, a Sonnervig S.A. Normalmente, porém, as coisas importantes que acontecem com o mais importante elemento de uma empresa, o cliente, raramente chegam ao conhecimento de sua cúpula.

Iniciando o presente relato, que poderia mesmo tornar-se uma novela de boa audiência, vou chamar de **personagem** o maldado Galaxie 1974 - chapa DM-4490. Eis os lances principais:

No último dia 31.7, às 8.30, o Sr. Melquíades Pinto dos Santos, meu motorista há sete anos, pensou ser conveniente levar a **personagem** para uma revisão, já que no sábado seguinte viajaria para o Rio de Janeiro, para apanhar minha família.

A **personagem** foi, então, entregue ao Sr. Wagner, recepcionista, a quem foi dito que, simplesmente, se fizesse uma revisão para uma próxima viagem. Combinou-se que a hora para a retirada do veículo seria no dia seguinte, sexta-feira, às 15 horas. Lá, pontualmente, compareceu o Sr. Melquíades Pinto dos Santos. Foi, entretanto, informado que a revisão iria ainda demorar um pouco. O sr. Melquíades lá retornou às 18 horas. Somente às 19.30 lhe foi entregue a **personagem**, juntamente com as duas notas fiscais, nos valores respectivos de Cr\$ 1.238,77 e 3.219,57. Pela nota de mão-de-obra, vê-se claramente que o início dos trabalhos de revisão fora no dia 1.8, às 18.30. Não obstante esse fato, foi cobrada a bagatela de Cr\$ 4.458,34. A esta altura, encontrava-me no Rio de Janeiro, para onde seguira no dia 1º pela manhã. No sábado, dia 2, fiquei aguardando a chegada da **personagem** juntamente com o Sr. Melquíades, que entretanto apareceu com um carro alugado, pois, segundo relatou-me, apanhou a **personagem** na Rua Frei Caneca às 19.30 e, a custo, conseguiu chegar até o nosso escritório (rua Alagoas esquina com Ceará). Nessa mesma noite tentou contato com a Sonnervig, porém debalde. No sábado pela manhã, tentou novo contato telefônico com a Sonnervig, quando então foi informado só existir Plantão de Vendas: nada se poderia fazer. Daí, ele alugou outro carro e seguiu para o Rio.

Na 2ª. feira, dia 4, pela manhã, ao iniciar-se o expediente na Sonnervig, o Sr. Melquíades foi até lá e conversou com o Sr. Wagner, o qual providenciou um mecânico para levar o carro de volta à oficina. Lá permaneceu nossa **personagem** até o dia 6, quarta-feira. O signatário, já

relativamente irritado, telefona para o Sr. Wagner e pede que este lhe indique quem é o Diretor-Presidente da empresa, ou a pessoa encarregada de resolver os problemas da Sonnervig. Depois de muita insistência, consegue conversar com o Sr. Plautio Barka. Dá-lhe uma solene bronca, porém ainda seguindo os ditames de cidadão civilizado. O Sr. Plautio garante que o problema será resolvido e que a **personagem** lhe será devolvida ainda naquele dia. Também providenciou a entrega de um Maverick ao Sr. Melquíades, que o signatário passou a utilizar até o dia 6, quarta-feira, às 16 horas, quando o Sr. Melquíades, após retirar a **personagem** da oficina, conseguiu vir até a Rua Alagoas apanhar o signatário e levá-lo até a sua residência. Entretanto, já no dia seguinte, quinta-feira, pela manhã, novamente a **personagem** tornava-se imóvel.

Com muita habilidade e sacrifício, o Sr. Melquíades conseguiu levar a **personagem** cambaleante e com acessos de tosse até a oficina da Sonnervig. Novamente, foi lá atendido pelo Sr. Wagner, que prometeu uma revisão no carburador e na bomba de gasolina e que o problema seria rapidamente sanado. A essa altura, volta o signatário a ser um pouco mais áspero por telefone com o Sr. Plautio, que lhe pede milhões de desculpas, informando que o assunto será prontamente resolvido. Assim, lá permaneceu o Sr. Melquíades, aguardando o conserto. Em torno de 14 h. sai ele gloriosamente dirigindo nossa **personagem**.

Na sexta-feira de manhã, dia 8, o usuário da **personagem**, já com uma certa desconfiança, telefona novamente ao Sr. Plautio e diz-lhe que irá viajar no sábado de manhã com a família, com destino a sua fazenda, a 300 km de São Paulo, e que esperava que a **personagem** realmente estivesse em plena forma, ao que obteve a garantia do chefe-geral da oficina. Assim, no sábado, dia 9, às seis da manhã, enche o porta-malas e ocupa todos os lugares com as seguintes pessoas: sua mãe, de quase 70 anos, sua filha de 3 anos, seu sobrinho de 22 anos, seu irmão de 38, sua prima e advogada de 40 e mais um sobrinho de 12. Segue vitoriosamente pela Via Anhanguera. Lá por volta das 7 horas, quando desenvolvia uma velocidade de 100 km por hora, pela faixa da esquerda, ouve um barulho e um soco. Com a direção totalmente endurecida, sem freios e com o motor já paralisado, olha para a faixa da direita: afortunadamente, nenhum carro, apenas um acostamento limpo. Manobra para lá e, depois de alguns segundos de pânico, verifica que o carro ultrapassa o acostamento, sem contudo rodopiar. Com o sangue gelado nas veias e quase sem poder respirar ou falar, saímos pelo mato a dentro. Verificamos com alívio que nada ocorrera. Abrimos o capô; com surpresa encontramos as três correias completamente caídas. E percebemos no acostamento algo estranho, redondo: uma polia dupla (eixo de manivela), juntamente com um parafuso, peças essas em meu poder para uma eventual peritagem judicial. Alguns minutos após, aparece um volkswagem amarelo-e-preto. De seu interior, surgem dois gentis guardas rodoviários, que prometem parar o primeiro ônibus, o que é feito logo em seguida. Antes de entrar no ônibus, em companhia do meu sobrinho de 22 anos, perguntei aos guardas onde estávamos: exatamente no km 75 da Via Anhanguera.

O restante da família lá permaneceu apavorado, tomando conta da **personagem**.

O signatário e seu sobrinho, deixados no Posto Lago Azul, conseguem pedir um taxi, dirigido por um gentil crioulo - para levá-los à Sonnervig em São Paulo, onde chegam às 11 da manhã.

O signatário, ainda bastante trêmulo face à emoção por que passara e, principalmente, emocionado por encontrar-se vivo (o que ocorrera com a **personagem** poderia ter consequências trágicas), mas, nem por isso menos irritado, pede que lhe seja fornecido um automóvel Galaxie para prosseguir a viagem. Ao mesmo tempo, procura na Lista Telefônica o telefone do Sr. Plautio Barka. Diz-lhe alguns desaforos apropriados para o momento, e imediatamente providenciam-lhe um LTD-1972, chapa CJ-4207, o próprio Belo Antônio - a razão do cognome será entendida no decorrer da novela.

Já um pouco mais aliviado, o signatário consegue um motorista para dirigir o Belo Antônio até o km 75, pois não se sente com segurança para guiar

Logo no início da Via Anhanguera, o signatário passou observar que quanto o Belo Antônio ultrapassava os 90 km/h., começava a se sacudir todo, demonstrando um evidente interesse nativo pelo nosso samba.

Por volta de 12.30, chegávamos ao km 75. O restante da família, embora com bastante sede, passava bem. Meu sobrinho de 22 anos assumiu o comando do Belo Antônio enquanto a **personagem** lá ficou à espera do quinho.

Mal havíamos sambado uns 20 km, passa um Corcel branco, buzinando e fazendo sinal: nosso motor está pegando fogo. Por sorte, havia um posto de gasolina alguns metros à frente. O atendente abre o capô e verifica estar a caixa de direção completamente seca. É colocado o óleo apropriado e tomamos em seguida a variante da Anhanguera que leva à estrada de Mogi-Mirim. Pouco mais de uma hora após, na altura do km 200, ouviu-se um barulho. O Belo Antônio trocava o samba por uma valsa furiosa. Pneu furado. Passado o susto, abrimos o porta-malas e tiramos de lá o estepe, dos mais carecas. Ao ser colocado, porém, no seu devido lugar, e aliviado o miçaco, o aro simplesmente vai ao chão, o que evidenciava estar o pneu vazio. Recorre então, o signatário, ao extintor de incêndio: faz uma operação boca-a-boca, válvula de extintor com válvula do pneu, e aciona. Imediatamente ele e seu irmão recebem um banho de pó branco. Só aí se verifica não ser de oxigênio, mas de um pó químico, a aparente robustez do pneu. Minha priha, então, consegue parar um motorista, após dez minutos. Meu sobrinho vai com o pneu até a Borracharia Alvorada, no km 191, para conserto, conforme nota fiscal em meu poder.

Assim, permanece ao sol, continuamente, toda a família do signatário.

Exatamente às 18.30 parávamos o Belo Antônio em frente à casa de minha pequena fazenda. Alegria geral. E a constatação de que uma viagem, toda em asfalto, nos havia tomado o tempo recorde de 12 horas e meia para percorrer 300 km. Às 17 horas do domingo, iniciamos a nossa viagem de volta; ali pela altura da Casa Branca notamos que, no painel, as flechinhas do pisca-pisca funcionavam estranhamente às mil maravilhas. Resolvemos então fazer uma averiguação externa: não sem muita surpresa, notamos que o Belo Antônio não tinha suas lanternas traseiras funcionando; e muito menos seu pisca-pisca. Com as naturais precauções e confiando em que nossa Polícia Rodoviária continuasse tão ineficaz quanto sempre o foi na verificação dos equipamentos de sinalização dos automóveis, chegamos, graças ao bom Deus, sãos e salvos às 21.30 do dia 10, à minha residência.

Logo após terminar esta história, que espero se torne uma novela bastante agradável a V. Sa. e eventualmente a outros membros de sua diretoria, fiz um resumo do ocorrido ao Dr. Flavio Guimarães, Diretor de Relações-Públicas da Ford do Brasil, a quem estou enviando duas cópias para que as faça chegar às mãos de Mr. Joseph W. O'Neill e Mr. David R.E. Toer.

Atenciosamente,

Sebastião Bonfá

Houve troca de correspondência, e a empresa eximiu-se da maioria das responsabilidades que o sr. Bonfá lhe atribuía, terminando por dizer em sua resposta final:

"...Diante do exposto, comunicamos que nesta data estamos encaminhando para cobrança todos os títulos referente aos serviços por nós executados no seu veículo, exceção feita àquelas decorrentes da garantia".

Ao que o sr. Bonfá retrucou, também dando por encerrado o seu protesto:

"faço referência à sua inverídica carta de 10 do corrente, para informar-lhe que o assunto já foi definitivamente esclarecido em minhas cartas endereçadas a V.Sas. e ao Banco do Brasil. Quero mais uma vez frisar que nada devo à sua organização; pelo contrário, sua organização é que me deve indenização de vulto pelos prejuízos sofridos. Caso insistam em não cancelar os falsos débitos, serei obrigado a entrar com uma ação contra V.Sas., e outra, contra a Ford, nos Estados Unidos, através do grande defensor dos consumidores, Dr. Ralph Nader, já que, lamentavelmente, ainda não possuímos no Brasil um órgão para a defesa do desprestigiado e explorado consumidor. É bem verdade que já existe na Câmara Municipal um projeto de autoria do vereador Celso Matsuda que, possivelmente, trará alguma proteção contra empresas que agem inescrupulosamente, como a de V. Sas."



CONSUMO



Zuleica Seabra Ferrari

"A Sala Mário de Andrade tem 90 lugares ! Só me lembro de ter visto uma entrada (ou saída) para aquela sala e se um incêndio tivesse início junto a ela não sei como se arru-mariam os frequentadores. A solução é não ir a esses cinemas. Sem ninguém para comprar entrada, gostaria de saber como eles aguentariam..."

RESPOSTA AO SR. SEBASTIÃO BONFÁ

Com sua inteligência e prestígio acredito que já tenha resolvido o problema Galaxie/Sonnervig, que o senhor relata com tanto humor. Entretanto, se o senhor chegar a comunicar-se com Ralph Nader para tentar a solução contra a Ford nos Estados Unidos, por favor não deixe de comunicar-nos os resultados. Peço, porém licença para uma sugestão: que tal o senhor reunir diversos casos de problemas de consumo e suas tentativas de solução, narrá-los no estilo de sua carta e publicar (não se esquecendo de documentar-se de tudo, antecipadamente). "Ridendo Castigat Mores". Rir do adversário é uma arma muito eficaz. Fazer os outros rirem dele ainda é melhor.

Como esta coluna tem por objetivo servir de ponte entre governo, empresários e consumidores, aproveito a oportunidade para fazer-lhe uma pergunta, ao senhor que é Diretor Comercial da Cerâmica Porto Ferreira S/A: Como devem proceder os consumidores que desejarem apresentar alguma queixa sobre os produtos dessa empresa?

À vítima de roubo no cinema : não vamos mais àquele cinema

Ralph Nader ? Betty Friedan ?

Não. Apenas Zuleica — que se dispõe a fazer o que é

possível através de uma coluna de jornal : aproximar interesses coincidentes e tornar públicas as queixas encaminhadas; informar, esclarecer e ajudar no que possa e, quando não puder, berrar junto com os prejudicados.

O simples fato de se saber que o público não está indiferente aos abusos que são cometidos pode pressionar os responsáveis a corrigirem a situação. Mas se o público não reclamar porque acha que não adianta, que não há solução (e pode não haver, mesmo), os problemas, realmente, nunca serão resolvidos. O caso do "macarrão gravatinha" serviu para alertar o público e o governo da situação de precariedade em que se acha o Estado para enfrentar o problema da higiene na alimentação pública : um único Instituto Adolfo Lutz, com funcionários insuficientes e mal pagos para realizar os milhares de exames que se sabe serem necessários e mais os milhares que devem ser necessários e ainda não sabemos. Surgiu, assim, pelo menos a promessa da criação de outros laboratórios do Estado. Mas se o público deixar de denunciar a má qualidade dos produtos que merecerem tal denúncia, o Estado se esquecerá da necessidade da criação dos laboratórios. (Ou não basta parar de chover para que as medidas contra as enchentes fiquem para o próximo verão ?).

Você disse que já tinha escrito cartas e endereçado à Embrafilmes, ao Instituto Nacional do Cinema e ao recém-fundado Conselho de Defesa do Consumidor. Pois fez muito mal em rasgar as cartas. Escreva-as de novo e mande todas. É preciso movimentar o maior número possível de pessoas para que haja esperança de solução futura.

Na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo existe um Departamento de Cinema que tem alguém encarregado de pesquisar legislação relativa ao assunto. Era (e parece-me que ainda é) o Jan Koudela. Não acredito que conhecer a legislação lhe devolva a paz, mas acho que é útil saber de que maneira legal o público pode ser prejudicado em seus interesses culturais. E ninguém melhor do que você para denunciar isso. Não assisti a "Guerra e Paz" e, depois da sua infor-

mação não assistirei. Será muito valioso que o público se afaste da bilheteria de filmes nas condições que você descreveu, a fim de desestimular a mutilação das obras de arte.

Quanto à Sala Mário de Andrade do Cine Belas Artes, parece-me que você apenas ouviu falar dela, não é? Eu estive lá, assistindo a "Esse Crime Chamado Justiça", que é a história de um juiz que não encontra na lei e no sistema judiciário nenhum meio de punir um indivíduo culpado de inúmeros gestos criminosos; assim, ele decide condená-lo por um crime que aquele indivíduo não cometera.

Espero que nossos políticos e legisladores também o assistam, para lembrarem-se mais uma vez de que sua omissão leva os indivíduos a tomarem a justiça em suas próprias mãos.

E espero que o assistam nesse mesmo cinema, a fim de constatarem suas condições de segurança (ou insegurança).

As condições de segurança em caso de incêndio, seja da Sala Mário de Andrade, seja de outras na mesma situação, são muito precárias — você tem toda razão.

A Prefeitura, após vistoria (inclusive do Corpo de Bombeiros !) concede um alvará para funcionamento, baseado nas posturas do Código de Edificações do Município de São Paulo (Lei nº 8266, de 20/06/75). Esse Código parece determinar normas contra incêndio somente para as cabines de projeção e só dispõe sobre as saídas de emergência para salas com mais de 100 lugares. A Sala Mário de Andrade tem 90 lugares ! Só me lembro de ter visto uma entrada (ou saída) para aquela sala e se um incêndio tivesse início junto a ela não sei como se arru-mariam os frequentadores. A SOLUÇÃO É NÃO IR A ESSES CINEMAS. Os corajosos que se arrisquem. Sem ninguém para comprar entrada, gostaria de saber como esses cinemas aguentariam.

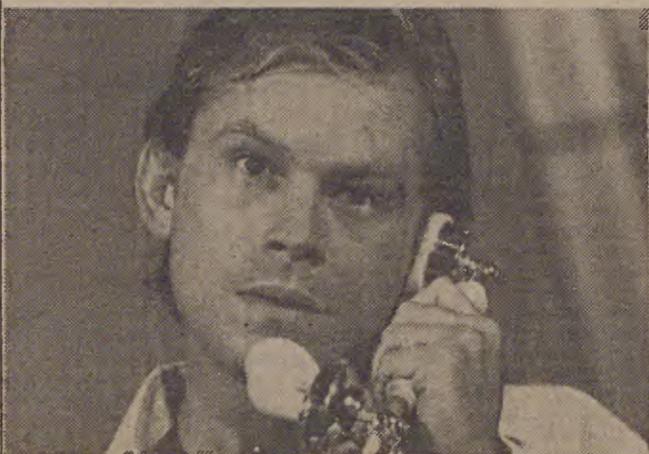
O seu protesto contra o descaso em relação à cultura e à própria vida é justo. Por que não se encontrar uma fórmula para exibir "Guerra e Paz" sem mutilações ? E na língua original ? Garanto que o exibidor que conseguir isso será imensamente respeitado.

ANJO MAU

DE CASSIANO GABUS MENDES

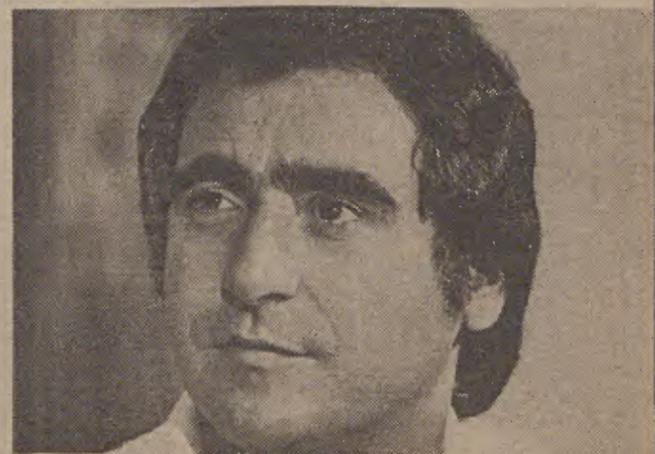


DIREÇÃO:
RÉGIS CARDOSO



JOSÉ LEWGOY
SÉRGIO BRITTO
PEPITA RODRIGUES
VERA GIMENEZ
ZANONI FERRITE
HENRIQUETA BRIEBA

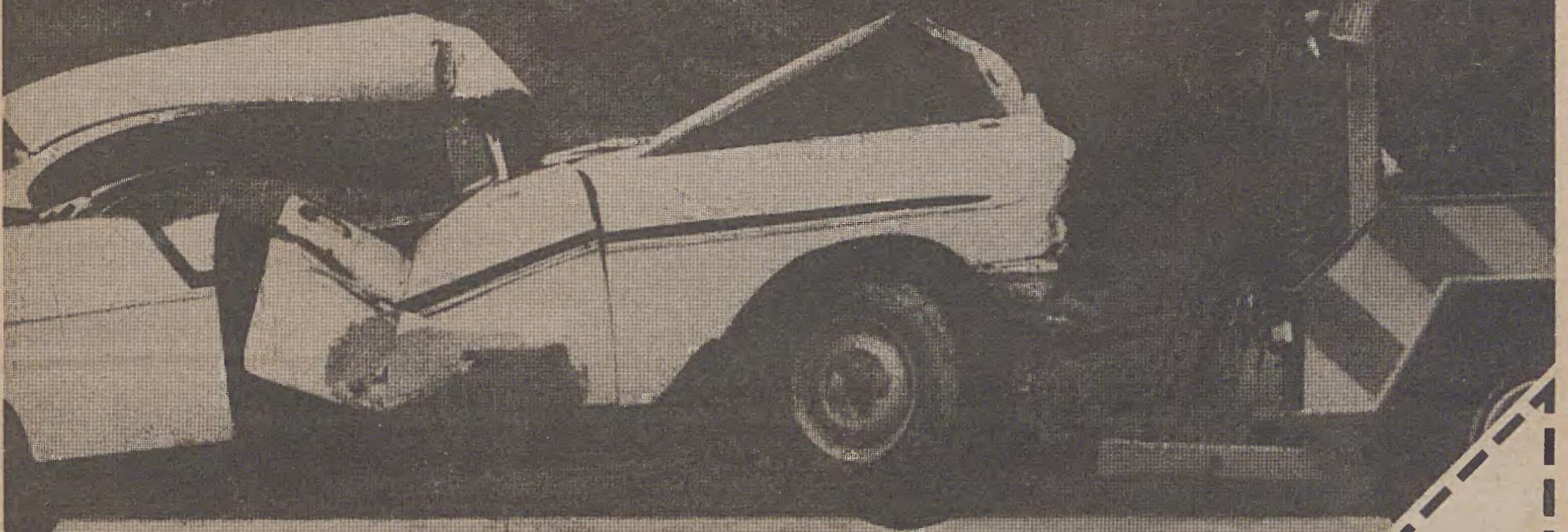
COM
SUZANA VIEIRA
JOSÉ WILKER
RENÉE DE VIELMOND
LUIZ GUSTAVO
VANDA LACERDA



DE SEGUNDA A SÁBADO
7 DA NOITE.


REDE GLOBO

DEIXOU DE FAZER REVISÃO NO
CARRO, ARRUMOU AS MALAS E SAIU
DE FERIAS. PARA SEMPRE.



SE VOCÊ NÃO PRECISA DE CONSELHOS, LEVE PARA ALGUÉM QUE PRECISE.

Nos meses de férias há mais carros nas estradas. Também há mais erros, mais descuido, mais preocupações com a manutenção do carro, não se preocupa com a vida. Muitos desses acidentes acontecem por como motorista e que o carro é infalível. E muitas dessas falhas mecânicas desarrumam as malas e deixam a mulher e as crianças passarem as férias em casa. Pode ser menos divertido, mas é mais seguro. O motorista que não se



Campanha de Segurança
nas Estradas.

OBSERVADOR

"O mercado jornalístico paulista, estagnado há muitos anos, assistirá a uma grande disputa: a Folha de São Paulo, cansada do segundo lugar ... se prepara para a disputa do primeiro com o Estadão... e poderá entrar um novo concorrente: o Diário Popular, que se mudará para a antiga sede do Estado, na Major Quedinho"

EB

E o MDB elegeria o Presidente da República em 82

Alguns tópicos para facilitar a previsão dos destinos brasileiros:

1 - Apesar do que diz a Arena, o MDB vai ganhar as eleições - as municipais, deste ano, e as federais, em 1978. Fazendo a maioria do Congresso, se tudo correr normalmente, o MDB fará também o presidente da República, em 1982.

2 - As multinacionais do petróleo, extremamente bem informadas, decidiram investir boas somas no Brasil (as negociações com a Petrobrás vão muito bem, só falta agora divulgar a minuta dos contratos de risco). Ora, o MDB é notoriamente contrário à participação estrangeira na prospecção e lavra do

petróleo nacional se chegar ao poder, é bastante provável que as multinacionais do petróleo tenham alguns prejuízos, coisa a que não estão habituadas. Não foi correndo riscos que Rockefeller ficou rico.

3 - Muitos dirão que o presidente da República tem compromissos inabaláveis com a distensão, e a prova disso seria a troca de comando no II Exército. Não é verdade: uma cuidadosa leitura dos discursos do presidente mostra que seus compromissos são com a ordem jurídica, com o respeito às leis. Já é um notável avanço, pelo qual o presidente só merece elogios; mas não devemos esquecer que uma das leis em vigor no país é o Ato Institucional número 5.

Diversos Diversos Diversos Diversos Diversos



Felipe Keirala Filho

● Frase do deputado Francelino Pereira, presidente nacional da Arena: "Há muitos anos não se vê tanta liberdade como agora". Claro: o deputado Francelino Pereira está à solta, falando bobagem.

● Há quem duvide da fácil vitória do MDB nas próximas eleições. Mas a Arena tem colaborado: agora, convenceu o governador fluminense

se Faria Lima, o popular Kung Bó, a participar de sua campanha. Previsão do colunista: no Rio, o MDB ganha fácil. Aceito apostas.

● O velho senador Magalhães Pinto continua em grande forma: indagado sobre a divergência entre seus correligionários Teotônio Vilela (contra o Ato 5) e Jarbas Passarinho (pró Ato 5, 477 e outros), comentou: "O Teotônio é muito inteligente". Sobre Francelino Pereira, seu antigo comandado da UDN mineira, hoje presidente nacional de seu partido: "O Francelino tem um sorriso muito simpático".

● Outro dia, no Congresso, velhos cronistas parlamentares recordavam os bons tempos - tempos em que Ulysses Guimarães era um obscuro deputado, ofuscado por estrelas como Vieira de Mello, Carlos Lacerda, Afonso Arinos, Milton Campos, Pedro Aleixo, Adauto Lúcio Cardoso, Gustavo Capaneira, época em que José Bonifácio, quando falava o que não devia, era corrigido por Aliomar Baleeiro, Bilac Pinto, Abelardo Jurema, Tancredo Neves. Nesses tempos quem eram os três últimos governadores de São Paulo? Fácil: Sodré era candidato derrotado a senador; Laudo Natel era candidato derrotado a prefeito; e Paulo Egydio, numa eleição para prefeito com sete candidatos, tirou o sexto lugar. O atual ministro da Justiça, Armando Falcão, não

conseguia reeleger-se deputado federal pelo Ceará, e era obrigado a recolher-se a seu tabelionato.

● Sensação no mercado de vendas a varejo: uma gigantesca rede, com filiais em todo o Brasil, recebeu oferta de compra. A proposta partiu de uma multinacional, cujo nome ainda não foi revelado, e era a seguinte: cinco vezes o valor do ativo, mais o equivalente a dez anos de lucros idênticos aos obtidos em 1975. Não foi possível ainda apurar as condições de pagamento.

● O mercado jornalístico paulista, estagnado há muitos anos, assistirá a uma grande disputa: sob a inspiração de Cláudio Abramo, a Folha de São Paulo, cansada do segundo lugar, contratou Alberto Dines, ex-editor-chefe do Jornal do Brasil, para chefiar sua Sucursal do Rio e integrar seu Conselho de Redação. Com as contratações sugeridas por Dines (entre outras, Oswaldo Paralva no Japão; Antônio Callado em Londres; Paulo Francis em Nova York) a Folha se prepara para a disputa do primeiro lugar em São Paulo, tradicionalmente pertencente ao Estadão. A reação do Estadão deverá vir no meio do ano, quando se concluir a mudança para a nova sede. E, na luta, poderá entrar um novo concorrente: o Diário Popular, há muitos anos circunscrito a anúncios classificados, que se mudará para a antiga sede de O Estado de S. Paulo, na rua Major Quedinho.

● A respeito do problema das enchentes em São Paulo: há exatamente dez anos, em janeiro de 1966, o repórter Ewald Dan-
tas Ferreira, do Jornal da Tarde, publicou longa reportagem sobre as causas das

inundações. Vale a pena ler novamente a reportagem: (pg. 13) até o momento, nada foi resolvido.

● A luta na Associação Comercial tem seguido, até o momento, o modelo da luta na Arena paulista: de um lado, a Duratex, de Laerte Setúbal, que apóia Felipe Keirallah, Luís Fernando Levy, do Banco Itaú; com Maluf, Laudo Natel, do Bradesco. Na Arena paulista, a luta é a mesma: de um lado, Paulo Egydio (Comind), Olavo Setúbal e Cláudio Lembo (Itaú); de outro, Laudo Natel (Bradesco)

● Está certo: não é jogando pedras no passado que vamos construir o futuro da nação. Mas a memória do país anda mesmo muito ruim: ninguém se lembra, por exemplo, da cremalheira brilhantemente inaugurada pelo ministro Mário Andreza e pelo presidente começou a funcionar (e vai demorar mais). Analisemos: a cremalheira é vitalmente necessária para o país (enquanto não houver cremalheira funcionando, pelo menos 14 milhões de toneladas anuais de carga terão de ser transportadas de caminhão, com o conseqüente acréscimo de custos); não é nenhuma inovação técnica (na Suíça, diversas linhas férreas de cremalheira funcionam muito bem - e nos Alpes, não na Serra do Mar); a Serra do Mar não apresenta nenhuma novidade geológica: os ingleses construíram a Santos-a-Jundiá há mais de cem anos, e o sistema funciona bem até hoje. Concordamos em que não se deve passar o tempo a atirar pedras no passado; não é por isso, entretanto, que se deva desperdiçar tantas pedras.

NO AR UMA "SENHORA" PROGRAMAÇÃO



Uma programação delicada, sofisticada, ciumenta, ingênua e misteriosa.

Como você... Mulher de hoje. Para isso, estudamos e fizemos uma sensacional programação de novelas e teatros. Amor... aventuras... suspense.

Com a chancela dos mais famosos e premiados autores: IVANI RIBEIRO... JANETE CLAIR... J. SILVESTRE... DULCE SANTUCCI... URBANO REIS... Além disso, uma programação que vai cuidar de seus problemas e apontar soluções inéditas para o seu dia-a-dia, num papo muito informal, gostoso e amigável, nas vozes de HEBE CAMARGO... RODOLFO MAYER... LIA DE AGUIAR... ARQUIMEDES MESSINA... LORELEY... ENIO FERREIRA... MARY GERSEY... VIDA ALVES... Estes, alguns dos nomes que vão conversar com você

desde o probleminha do tempero da salada às paixões mais desenfreadas; do buraco em frente à sua casa ao seu artista predileto; do preço da batata ao veu & grinalda. Uma conversa entre mulheres, dia e noite, sem dar bola para o relógio.

Para as novelas e os teatros, as vozes de GILMARA SANCHES... EZIO RAMOS... GESSY FONSECA... CESAR MONTECLARO... ANTONIO DE FREITAS... JUDI... GERVASIO MARQUES... MARIA APARECIDA ALVES... OSVALDO CALFAT... e muitos outros. A rádio MULHER acha que chegou a hora para todas nós. É lógico que tem gente que vai estrilar, achando que para tudo existe uma hora determinada.

Uma novela às 2 da madrugada? Um grande teatro às 4 da manhã? Para uma programação tão arrojada, uma filosofia corajosa: vamos provar que "o hábito faz o monge"...

730 KHz
Rádio Mulher
São Paulo

ESTE É ALFREDO METIDIERI,

Nos próximos três anos, o comendador Alfredo Metidieri não vai poder encerrar seu expediente às seis da tarde e relaxar no bar de sua indústria, com um copo de scotch na mão. Nem participar regularmente do torneio f. niliar de buraco, ou seguir suas novelas pela televisão. Até o futebol de salão, que jogava razoavelmente três vezes por semana, estará comprometido. Nos próximos três anos, o comendador vai dedicar todo o seu tempo ao futebol mesmo porque será constantemente observado: ele é o primeiro dirigente do Interior eleito presidente da Federação Paulista de Futebol, nos 35 anos da história da entidade.

Nas primeiras reuniões, ele vai mais escutar do que falar. É um costume que aprendeu ainda pequeno, quando nem pensava em dirigir uma empresa têxtil como a sua (a segunda do Estado, só menor do que a do grupo Votorantim, sua vizinha) nem comandar 1.300 empregados ("meus amigos"), nem ter dois carros (um camaro e

um galáxie, brancos), uma elegante casa em Sorocaba, três cães de raça, um estoque com dezenas de caixas de uísque importado, ser presidente de oito entidades assistenciais, políticas e de serviço, ter seis comendas que guarda displicentemente num envelope de papelão, em cima de sua mesa na sala de 6 por 10 metros de onde comanda sua indústria.

Metidieri aprendeu a ser um ouvinte paciente quando ainda era um garoto sem futuro, trabalhando 14 horas por dia e estudando à noite para poder viver. Ainda não tinha doze anos e sala de casa, no distrito de Votorantim (hoje, município), às 5 horas da manhã para pegar o bonzinho que o deixava na Estação Paula Souza, onde trabalhava como tecelão, na fábrica de José Ermírio de Moraes (pai do ex-presidente da Federação Paulista de Futebol).

— Metidieri, um ex-tecelão, foi eleito presidente da Federação Paulista de Futebol — anunciou, no dia 27 de

janeiro um jornal da sua terra, Sorocaba, de onde ele poucas vezes saiu e onde é cumprimentado a cada esquina.

A 90 quilômetros de São Paulo, Alfredo Metidieri vivia sua vida com muita calma. Acostumado aos homens do Interior, Metidieri diz que não se conforma nunca com gente que muda de posição ou de idéias por interesses.

Por exemplo, quando a luta pela união do Grupo dos 13 estava mais acesa, há um mês, falou-se em deserção para os lados do deputado Nabi Abi Chedid. Um dia, o comendador abriu um jornal e leu que a posição do presidente do São Bento era "indecisa". Telefonou imediatamente para o repórter que assinava a matéria e não sossegou enquanto não deixou claro que a sua posição era uma só: ao lado do Grupo dos 13, pelo compromisso que tinha firmado.

Nem por isso ele quis um desmentido do jornalista.

“CHEGA! NINGUÉM

“Agora aqui mando eu”, garante Alfredo Metidieri, primeiro dirigente do Interior eleito presidente da Federação Paulista de Futebol, quebrando uma tradição de 35 anos. Entrevista a Luís Carlos Assis.

Quando entrou para o Grupo dos 13, o senhor já pensava em ser presidente da Federação Paulista de Futebol?

— Toda a minha pretensão era colocar o supervisor do São Bento, Cláudio Castilho (hoje, superintendente da Federação), num dos cargos menores. Eu mesmo não queria nada, não quero nem gosto de projeção. Estou satisfeito com o que tenho: a indústria a amizade do pessoal de Sorocaba. Mas, não pude fugir e, olha, bem que eu tentei.

— Quando o seu nome foi indicado, em Campinas, na reunião do dia 17, o senhor tentou recusar?

— Recusei, é claro. Eu estava trabalhando pela candidatura do Leonel Martins de Oliveira, o presidente do Guarani. Um dia antes da reunião, no Hotel Terminus, cheguei a reunir alguns presidentes de clubes para compor forças em volta do Leonel. Eu achava que ele era o homem indicado.

P — A essa altura, o nome de José Ferreira Pinto Filho (presidente do Juventus) já estava afastado das cogitações do Grupo dos 13?

— O candidato natural do Grupo dos 13 era o Ferreira Pinto. Foi ele quem praticamente começou todo o movimento do Interior, quando estava na Coordenadoria de Esportes. É um homem do esporte, fez uma ótima administração no Juventus, é habilidoso. Mas, em Campinas, procurava-se um nome que fosse do agrado de todos os presidentes do Grupo, um homem que não provocasse nenhuma desunião. E nós estávamos lutando pelo Interior, mas sem nenhuma intenção de desunir o futebol paulista.

P — Mas quase conseguiram. Por que Ferreira Pinto não era do agrado de todos?

— Olha, tínhamos começado a luta final do movimento, isto é, indicar um candidato para a presidência da FPF, quando apareceu o deputado Nabi Abi Chedid. Ele queria, também, ser o candidato. E candidato do Grupo dos 13, porque precisava do nosso apoio de maioria. Mas, nós tínhamos um compromisso de honra — até assinado — entre os 13 clubes: o nome devia sair exclusivamente de entre nós, 13 presidentes de clubes do Interior, da Divisão Especial, e que estávamos unidos em torno de reivindicações para esses clubes. Nabi Abi Chedid nem tinha participado da nossa reunião, não tinha assinado, nem era presidente de clube da divisão especial — ele, como todos sabem, é presidente do Bragantino, da primeira divisão. Então, começou a briga.

P — Que briga era essa?

— O deputado Nabi conseguiu o apoio de alguns presidentes que faziam parte do Grupo. Esses presidentes,



O COMENDADOR DE SOROCABA,

Simplesmente, queria deixar claro que não era homem de mudar assim, sem mais nem menos, os compromissos que assumia. Nessa época, ele nem pensava em ser o presidente indicado pelo Grupo dos 13.

Mas, que não mudaria de posição, isso era verdade. Tanto que, nos dias seguintes, falou-se que seria chamado ao Palácio dos Bandeirantes, na Capital, para declarar seu voto para a presidência da Federação. Disseram até que o comendador seria convencido a apoiar o deputado Nabi Abi Chedid — afinal, ele era o líder da Arena em Sorocaba — como uma forma de ficar do lado do governo. Mas, a palavra assumida na reunião do Grupo dos 13 estava mesmo acima de tudo, e ele respondeu :

— Se eu for convocado para uma reunião em Palácio com o governador para falar de problemas do futebol, com a possibilidade de que o lado político seja envolvido na questão, então peço demissão do meu cargo de presidente do diretório da Arena. Se for tratar de problemas

do futebol, quero conversar com o governador apenas como presidente do São Bento.

Não foi chamado. Talvez, porque a essa altura o deputado Nabi Abi Chedid já tivesse percebido que era difícil dobrar a vontade desse homem de 1m64, 76 quilos de peso, educado segundo os padrões rígidos da moralidade do Interior. Não foi chamado e não falou mais nada.

Na verdade, todas as vezes que o Grupo dos 13 se reunia, Alfredo Metidieri falava o mínimo possível. Sempre que tinha alguma idéia que poderia transmitir ao Grupo, consultava antes o supervisor do seu clube, Cláudio Castilho, homem de confiança até hoje (Metidieri o nomeou superintendente da FPF). Geralmente, deixava que o próprio Castilho falasse. Prudentemente, timidamente até, mantinha-se no segundo plano.

Quando foi indicado para presidente da Federação, na reunião do Grupo, em Campinas, teve de falar. Ficou na frente das câmaras de televisão e dos microfones, pis-

cando muito com as luzes fortes, tremendo cada vez que levantava uma folha de papel.

Tremia exatamente como no dia das eleições da Federação. Ali, no dia 26 de janeiro, sua eleição estava assegurada por um documento assinado pelos 13 presidentes de clubes, uma declaração de voto. Tinha até um discurso de posse escrito a máquina, que ele puxava do bolso de vez em quando, sempre com as mãos tremendo. A eleição estava garantida, mas Alfredo Metidieri só iria confiar no sucesso quando o presidente da mesa, Henri Aïdar (presidente do São Paulo F.C.) declarasse que era o vencedor, com 19 votos a favor, contra 3 abstenções.

Foram dias difíceis os que antecederam às eleições. Metidieri encontrava-se todos os dias com o vice-presidente indicado pelo Grupo, José Ferreira Pinto Filho, e os dois traçavam planos para garantir a fidelidade dos 13 presidentes na hora decisiva. Ferreira Pinto, um perfeito

MAIS FAZ POLÍTICA

então, começaram a falar que não reconheciam o Ferreira Pinto como o líder natural do movimento muito menos que tivesse condições de ser presidente da Federação.

P — Uma manobra de Nabi Abi Chedid para dividir o Grupo?

— Pode até ter sido, não sei. Mas, a verdade é que quando chegou a reunião de Campinas, onde a gente ia indicar o nome do candidato, só havia uma solução; escolher um nome que agradasse a todos e, mais à área do Governo. Já que falavam que o deputado Nabi era candidato do Governo, coisa que mais tarde foi desmentida pelo próprio governador Paulo Egydio.

P — E Ferreira Pinto não agradava à área do Governo?

— Bem, não sei. Mas, pelo menos não agradava a todos os integrantes do Grupo dos 13. E isso já era suficiente. Era vital que o Grupo se mantivesse unido. Só assim o Interior poderia conseguir tudo o que vem pedindo em todos esses anos, sem nunca ser atendido.

P — Então, o nome de agrado geral foi o seu?

— Pra você ver. Logo eu, que nem pensava em pegar um carguinho desses menores, lá dentro da Federação. Queria era ficar em Sorocaba, tocando a minha vida, sem preocupação. Mas, nós tínhamos outro compromisso de honra: o escolhido não poderia recusar. Mesmo assim eu tentei, relutei. Agora, que não tem jeito, vou trabalhar. Para quem pensa que esse é um cargo de projeção, aviso que é, antes, um cargo de sacrifício. Vou largar praticamente tudo para me dedicar à administração da FPF.

P — Até mesmo a sua indicação para prefeito de Sorocaba, nas eleições municipais deste ano?

— Até mesmo isso. Nós vamos ter uma reunião, no diretório da Arena de Sorocaba, sou o presidente da Executiva — e decidir isso aí. Talvez eles achem que dê para conciliar os dois cargos. Mas, se eu tiver de escolher, escolho a Federação.

P — Mas circulou uma versão de que o senhor poderia demitir-se do cargo de presidente da FPF, para dar lugar a Ferreira Pinto, que se elegeria presidente indiretamente. Apenas um modo de burlar os setores insatisfeitos com o nome de Ferreira. A sua indicação para prefeito não seria um ótimo pretexto?

— Não, nunca. Eu lutei muito para não entrar nesse negócio, mas agora eu pago para não sair. E não entrei para abrir guarda-chuva para o José Ferreira. Quem estiver pensando que isso pode ser uma manobra particular, que se cuide. Eu vou, efetivamente, dirigir a Federação Paulista de Futebol. Vou tomar contato com todos os problemas e tentar resolvê-los — além de, dentro do possível, cumprir a plataforma do Grupo dos 13, que acabou me elegendo. Embora o regime da Federação seja presidencialista, vou montar uma equipe e dirigir, exatamente como faço na minha fábrica. As decisões são minhas.

P — Isso quer dizer que o senhor usará da sua autoridade de presidente para coibir excessos ou mesmo medidas de aproveitamento político?

— Ninguém vai usar a Federação Paulista de Futebol como ponte para cargos ou mandatos políticos. Qualquer medida adotada, que não seja exclusivamente para ajudar o futebol de São Paulo, será coibida por mim. E eu sei usar minha autoridade. Quando for necessário, serei o presidente da Federação e direi "não", simplesmente. Como eu disse, a FPF é como a minha fábrica: fácil de dirigir, se se monta uma equipe para trabalhar, traba-



lhar de verdade; fácil de controlar, deixando essa última decisão na mão do presidente.

P — Quer dizer que, agora, o senhor tem uma arma política nas mãos?

— Sempre em interesse do futebol paulista.

P — Mas, em interesse também da Arena, do partido do Governo, ou não?

— Isso está acontecendo naturalmente. Falaram, quando o Grupo dos 13 resolveu não apoiar o deputado Nabi, que a vitória do movimento representava uma derrota da Arena, porque o Nabi era candidato, mesmo que não oficial, do Governo. Mas, veja você, a vitória do Interior foi uma vitória do partido governista: a Arena foi amplamente beneficiada.

P — E como isso aconteceu?

— Simples. A vitória do Nabi Abi Chedid seria a vitória da Capital contra todo o Interior, contra quase 600 cidades do Interior. Na Capital, o prefeito é nomeado pelo governador, logo o interesse político é bem pequeno, por parte do governo. Mas, a maioria dessas 600 cidades têm prefeitos eleitos pelo povo. E a vitória do Grupo dos 13 representou um aumento da simpatia do povo pelo partido da situação a crédito que um aumento de 20 a 30 por cento. E olha que o Grupo dos 13 já está dando um mínimo de quatro candidatos da Arena para as prefeituras de suas cidades: Vanderley Pires, em Jundiá; Inocência Medina Garcia, em Bauru; Pedro Pavão, em Marília; Faustino Jarruche, em Ribeirão Preto — todos presidentes de clubes, que contam, depois da vitória dos pequenos na Federação, com o máximo apoio popular.

P — Então, a campanha de popularização da Arena, com vistas às eleições municipais, saiu beneficiada?

— Certamente. O povo do Interior sempre esteve insatisfeito com o tratamento que a Federação Paulista de Futebol dava aos clubes pequenos. Agora, que os pequenos venceram, e prometem medidas voltadas para o Interior, todo o povo está com os presidentes do Grupo dos 13, na maioria homens que representam a Arena em suas cidades.

P — Isso quer dizer que cumprir fielmente as promessas feitas aos clubes pequenos significa a manutenção da popularidade do nome da Arena em São Paulo?

— Claro, mas não se pode esquecer que a Federação Paulista de Futebol é de futebol, em primeiro lugar. É para isso que vamos nos voltar. As consequências políticas são naturais e não podem afetar de nenhum modo o andamento do futebol de São Paulo.

P — E como vai começar o trabalho dos pequenos, agora que têm o poder na FPF?

— Nosso plano básico é estimular todas as divisões; todos os clubes que jogam futebol. Os dois vice-presidentes nomeados — que antes eram indicados pelo Interior — vão tratar disso. Vamos pedir ajuda da Caixa Econômica do Estado, das prefeituras, dos próprios clubes. E estimular, depois de muitos anos, os campeonatos juvenis e de aspirantes. É daí que saem os grandes nomes do futebol — é do Interior. São esses nomes que, depois, sobem para as equipes profissionais, pequenas ou grandes, e vão aparecendo para abastecer o mercado do espetáculo que é o próprio futebol.

P — Atualmente, não é um espetáculo meio descolorido?

— É, e a razão é exatamente o esquecimento do Inte-

NOVO PRESIDENTE DO FUTEBOL

estrategista, ia desafiando o que tinha sido feito e Metidieri concordava com a cabeça.

Logo no dia seguinte ao de sua indicação para a presidência, ele recebeu abraços de todos os seus amigos, em Sorocaba. E passou o resto do dia com Ferreira Pinto, estudando os nomes para os cargos de confiança. Um outro repórter, que foi entrevistá-lo naquele dia, mal conseguiu ouvir Metidieri. As perguntas, Ferreira Pinto tinha sempre uma resposta pronta que o comendador confirmava, sempre silencioso mas inquieto, como se não lhe agradasse aquela situação de deixar um outro falar por ele.

Mas, Metidieri ainda não conhecia bem os problemas da Federação. O que ele conhecia muito era o São Bento, clube do qual foi diretor por 18 anos. E cuja presidência assumiu, há oito meses, quando o antigo presidente Beraldo foi assassinado (não queria assumir, pois a essa altura já acumulava oito presidências — duas guar-

das-mirins, uma comissão de obras, a Comissão Municipal de Esportes de Sorocaba, uma Campanha de Natal, o diretório municipal da Arena, além das suas duas empresas comerciais, a indústria e uma imobiliária — e essa 9ª presidência, a do São Bento, não era nada recomendável: o clube devia salários de três meses aos jogadores e a dívida total era de 900 mil cruzeiros).

Acabou aceitando, comentam até na cidade, para salvar o prestígio político de José Ermírio de Moraes Filho, então presidente da Federação Paulista de Futebol.

Verdade ou não, Aldredo Metidieri assumiu a presidência do São Bento, reuniu amigos, conseguiu doações e salvou o clube. Hoje, o São Bento não deve nada e os jogadores recebem em dia — além do que, o velho estádio está sendo todo reformado para o próximo campeonato paulista.

Os jogadores do São Bento prestaram-lhe uma homenagem no dia em que foi eleito na FPF (ele desculpou-se muito e recusou um jantar que o presidente da CBD lhe oferecia na ocasião, pois tinha assumido o compromisso antes). Nessa homenagem, alguém chegou a insinuar que, agora que ele era o presidente da Federação, o São Bento veria dias melhores — podia mesmo conseguir uma boa classificação no Campeonato Paulista. Logo o São Bento, que no ano passado completou séries de jogos sem vitória.

— Vocês vão ter de jogar muito para conseguir isso. Sinceramente, não acredito que estejam em condições de competir com uma porção de times da Divisão Especial. E eu não vou fazer nada a favor de vocês, a não ser o que for justo e direito.

Alfredo Metidieri é a favor da Lei do Acesso, o pior inimigo do São Bento.

AS CUSTAS DA FPF



rrior. As equipes foram ficando cada vez mais fracas, porque não se dá oportunidade a ninguém. E os garotos não jogam porque não há chances, não há clubes em condições de tocar um plano para fazê-los subir, em etapas. De vez em quando, aparece um bom jogador juvenil, e pronto: jogam o garoto num time principal de um clube qualquer, ele se assusta, não tem o treino necessário, não passou por todas as etapas que devia passar — vai mal, joga mal e fica queimado. O futebol só tende a piorar, como espetáculo.

P — Então, a intenção é movimentar todo o futebol do Estado de São Paulo. E a Lei do Acesso, que entra em vigor este ano?

— A Lei do Acesso, nós já sabemos, vai ser um problema difícil de resolver. O Conselho Nacional de Desportos, que soltou a lei, quer que, em cada uma das divisões inferiores, haja um máximo de 20 clubes. E só aqui em São Paulo há quase 30 em cada uma.

P — Isso vai criar dificuldades políticas?

— Nós pretendemos fazer a regularização (competência das Federações) e divulgá-la amplamente para que não haja nenhuma reclamação depois. Por exemplo: para um time adquirir o direito de subir à Divisão Especial, precisaria ter um município com um mínimo de 100 mil habitantes — para garantir as rendas — e um estádio, de concreto, para não menos do que 10 mil pessoas. Os que se enquadrarem nesses critérios, que aqui eu cito como exemplo, vão disputar o acesso na primeira divisão. E, mesmo assim o número de clubes vai ultrapassar os 20, determinados pelo CND.

P — E, ainda, há o perigo de se usar a elevação de categoria do time da cidade como argumento dos candidatos às eleições deste ano e de outros anos?

— Não, esse perigo está afastado, porque ninguém vai construir estádios do dia para a noite, ou aumentar a população da cidade sem mais nem menos. Os estádios que devem ser construídos, serão sempre para atender à necessidade dos esportistas da região. Não para servir de motivação política para ninguém.

P — E as outras metas do Interior, dentro da Federação?

— As outras metas não são do Interior, mas de todo o futebol de São Paulo. No dia das eleições, declarei que o Grupo dos 13 estava extinto. E está: agora, só existe o futebol paulista. E é por ele que nós vamos trabalhar. Estamos, por exemplo, compondo uma diretoria entre Capital e Interior para que, no futuro, não exista reclamação de nenhuma das partes. Nem o Interior quer impor seus pedidos, nem quer ver nada imposto por ninguém.

P — O senhor se refere aos clubes grandes? Eles podem ser a maior dificuldade para a sua administração?

— Não, não são e nem podem ser. Eles não são cegos e estão vendo que o que a nossa administração quer é aplicar a justiça e a lei. Tudo que será feito na Federação, será feito com o amparo da lei, que deve ser — e nós vamos tomar o cuidado de divulgar — do conhecimento de todos. Nada de protecionismo, nem a grandes nem a pequenos. O futebol de São Paulo é um só. E, dentro de três ou quatro meses, se há algum ressentimento, alguma oposição, vai desaparecer à vista do nosso trabalho.

P — O senhor reconheceria que existe, de fato, a diferença entre grandes e pequenos — isto é, que cada um dos clubes tem seus problemas peculiares que não podem ser resolvidos sob um mesmo critério?

— Claro que reconheço. O que nós, pequenos, quere-

mos é a igualdade de tratamento. Na verdade, não se pode comparar um São Paulo, por exemplo, com despesas de 400, 500 mil cruzeiros mensais, com um São Bento, que pouco passa dos 150 mil. É verdade, também, que se o São Paulo arrecada 300 mil com os sócios, o São Bento arrecada 20 mil, o que torna evidente a maior dificuldade de se gerir um clube do Interior. Isso de certa forma, quase nivela as coisas. Entretanto, há que se reconhecer que existem duas necessidades distintas a serem satisfeitas: a dos pequenos e a dos grandes. E a Federação vai tentar fazer exatamente isso, dispensando tratamento igual a todos.

P — Isso elimina os problemas causados entre grandes e pequenos com a eleição de um presidente do Interior para a FPF?

— É a nossa intenção. Ninguém está querendo prejudicar ninguém. Agora mesmo estamos compondo, além da diretoria, um departamento de árbitros e um departamento técnico que tenham representações iguais tanto para o Interior como para a Capital. Assim, ninguém reclama. Nós queremos cuidar dos problemas do futebol de São Paulo. Só um exemplo: no ano passado, a Federação Paulista de Futebol deu 400 mil cruzeiros, doação mesmo, a outras federações, de tênis, vôlei, basquete, uma porção delas. Não temos nada contra as outras federações, mas todos têm seus problemas e nós temos os nossos. Quatrocentos mil cruzeiros já ajudam a resolver — é dinheiro dos clubes, arrecadado dos próprios clubes. Todo o superavit será devolvido a eles, não diretamente, mas em forma de benefícios, que vão ajudar o futebol paulista.

P — E as tabelas dos campeonatos? Isso não poderia ser o centro de uma futura discórdia entre grandes e pequenos?

— Este ano não dá para fazer mais nada. As datas já estão marcadas, especialmente as da CBD, e nós temos de segui-las. Mas, para o ano seguinte, nós vamos procurar fazer uma tabela entrosada com o campeonato nacional. Só assim, a gente pode resolver o problema econômico de todos os times que não participam do campeonato da CBD. Dentro de 15 dias, eu e o José Ferreira Pinto Filho vamos visitar o presidente Heleno Nunes. Será uma visita de cortesia, mas nós já vamos começar a falar desses problemas e pensar no campeonato Paulista de 1977.

P — Isso não conflita com a determinação do governo federal, de promover a integração do território nacional através do esporte?

— Mas, o campeonato nacional não será esquecido, apenas entrosado. E, se não há muito interesse político em se fazer um campeonato paulista junto com o Nacional, escalonando datas e locais, há pelo menos o interesse econômico. Mais do que isso, há o interesse social: a satisfação da torcida, vendo seus clubes jogando o ano todo é tão importante, em termos políticos, como a integração pelo campeonato nacional. No campeonato regional, há rivalidades, há entusiasmo das torcidas — enfim, há público, há pessoas interessadas. E o interesse político do governo federal não está voltado para as pessoas?

P — Para os eleitores, o senhor quer dizer.

— Também, por que não?

P — O que, então, lhe garante uma administração tranquila?

— Tranquila, sim, e cheia de trabalho. Se a gente conseguir uns 50 por cento de tudo que pretende realizar, neste ano crítico e cheio de abacaxis, então a tranquilidade da nossa administração fica assegurada pelos dois anos restantes de mandato.



Tânia Cal e Jorginho Guinle



Marina Montini



Odile (ex-Rubirosa)

DONOS DE GRANDES FORTUNAS OU DE GRANDES TÍTULOS, ARTISTAS, EMPRESÁRIOS, GENTE FAMOSA, 500 SELECIONADÍSSIMOS CONVIDADOS, PASSAVAM SOB O BRAÇO DE GERMANO MARIUTTI, O DECORADOR. COMEÇAVAM A FESTA DO ANO NO GUARUJÁ. REPORTAGEM DE HAMILTON DE ALMEIDA FILHO.



Germano Mariutti

A FESTA DA CRISTA DA ONDA NO GUARUJÁ, FOI MESMO UM NEGOCIO!

Não há como negar: a festa do artista e decorador Germano Mariutti foi um su. Um estrondoso sucesso!

Ao abrir as portas de sua casa estilo mediterrâneo, na praia de Pernambuco, pela sexta vez, Germano Mariutti (e seu sócio, Zé Duarte Aguiar) encheram de vida o cenário do acontecimento mais top da temporada de banho-76 do Guarujá. Mais de 500 cintilantes personalidades (nem todas conhecidas) do jet-business paulista, carioca, do velho, do novo e de todas as partes do mundo ("chegadas até de avião ao Guarujá"), dizendo presente ao chamado do anfitrião (ele todo de branco, dos cabelos aos sapatos), das 10 da noite às 8 da manhã de domingo.

Uma super-produção, coisa de fita de cinema, seja Hollywood ou Cinecittá, sei lá. Estonteante!

Fechei os olhos e entrei. Convite arranjado, suado. O padre Domenico que me desculpe — um convite valia Cr\$ 5 mil, para fins filantrópicos, a quem não tivesse a honra de estar na lista da casa dos Mariuttis.

Abri os olhos, virei, mexi e assisti a tudo como a um filme. Mais com a sensação de ter entrado na fita errada. No duro, cheguei até pensar que era a "Dolce Vita" dirigida pelo Antonioni. Um tédio. Não fosse num determinado momento a passagem de "La Montini", a mulata carioca Marina Montini, 1,77 m cobertos (não muito fartamente) por um vestido branco, de deusa. Que Odile Rubirosa, que Tânia Caldas, que nada! Ela chegou e roubou a festa. Pra mim, Marina Montini foi a estrela do filme.

Ela passou como um cometa negro, ficou quase 2 horas, mas pôde se mostrar, mesmo, menos de 20 minutos. Fez as pessoas rodarem pela casa atrás e à sua volta, como quis — só não gostou de ser bolinada quando dançava com Germano Mariutti ("imagine, havia um velho

que nem tirava a mão do bolso pra me beliscar, audácia!"), mas curtiu o assédio. Como disse: — "É a festa do cheguei! Cheguei, fechei e fui embora. Como num festival de cinema, Cannes, coisa assim, sabe?"

Mas não era só Marina, tudo na festa, tudo, tudo era um luxo. Quando cheguei, dez e meia, ainda pouca gente, Germano foi logo dizendo:

— "Eu não sei falar. Eu sei pintar, decorar, fazer amor... Tudo isso eu faço muito bem (e dava risada, eufórico). Falar é com o meu sócio, Zé Duarte. Ele é que fala bem, sabe contar tudo".

Primeiro, antes de Germano, foi a casa que me desbundo. A avenida das Mangueiras é a terceira rua, pra dentro da estrada Guarujá-Bertioga, ali em frente ao Jequi-Mar. No convite não tinha número nem nada, só "praia de Pernambuco". Olhei a rua, não fiz fé — cheia de lama misturada com areia, e muito verde, muito mesmo, entre uma casa e outra. Ninguém sabia ali da festa — enquanto no Rio, São Paulo, ela era o assunto do "jet set". Estava todo mundo mais ligado na falta de água total do Guarujá, nas enchentes e na estrada cheia de carros voltando já na tarde de sábado.

Achei a casa sozinho, mas confesso que foi fácil. A varanda do primeiro andar — uma verdadeira torre —, toda contornada com velas acesas ao vento, mais a quantidade de carros e rapazes que eu chamaria de G-boys (queimados de sol ou crioulos de camiseta com um enorme gê desenhado no peito) me tiraram qualquer dúvida — era ali. Você mal chegava perto, os rapazes já vinham estacionar seu carro, deixá-lo à vontade para entrar. Isso foi considerado muito fino no zum-zum lá dentro depois. Ah! A lista de convidados na mão do rapaz da porta também. (Além dos G-boys, todos os íntimos de Germano também estavam de branco, só que de slack ou calça de linho e camisa bem leve).

Toda murada, plantas em volta e por sobre os muros, pintada de amarelo propositadamente envelhecido (com santos desenhados em azulejos aqui e ali) e a porta senhorial de madeira talhada, pesada — eis a fachada. Passar da porta, um salto no espaço — a surpresa. Um largo corredor até um hall com uma mesa redonda de mármore, luz fraca, bem desmaia-da combinando com a música ambiente — clássicos. Os fotógrafos (eram quatro até o fim da festa), faziam com que todos os convidados dessem uma pequena parada, distraída, quase imperceptível, à espera do espocar dos flashes. Os grupos e os casais rodeavam a mesa para o abraço e o beijo do anfitrião — voz mais alta de todas, sorriso mais largo.

Que pena: não havia um só cinegrafista. — "Aproveite agora, vá ver a casa, vá lá em cima."

Era Zé Duarte concordando com a minha presença, amável. Quando fomos apresentados (por Germano) não sei se ele entendeu bem a minha presença. Veio preocupado, com um homem forte ao lado, perguntando o que era. Ah! Nada que esmanasse o brilho da festa, tudo bem! Depois, só fui vê-lo nervoso assim na hora de mandar Ed Costa (e seu SP-3, três conjuntos de música num só, inclusive Escola de Samba) entrar, lá pela meia-noite: "Ed, entra! O pessoal está meio agitado".

Eu não diria que o ambiente estava agitado. Havia sim muita gente já a essa altura. O único comentário desairoso que tinha ouvido até ali fôra contra o uísque: Bell's, garrafa na bandeja, fartamente servido pelos garçons (tinha também vinho rosé brasileiro, Chateau de la Tour). Um rapaz e uma moça, logo na entrada, comentavam, sendo que ele justificava estar bebendo Coca-Cola por causa da marca do uísque: "Nacional, assim é demais". No fim da festa, uma língua mais viperina e mais solta (quem sabe por causa do próprio Bell's) comen-

tava: "O Germano faturou uma nota da Bell's pra servir esse uísque."

Não fiquei sabendo o nome dela — nem sei se o nome dela saiu publicado entre os 178 que a coluna social da Folha deu na segunda-feira. Cento e setenta e oito nomes, fora os títulos nobiliárquicos, condes e viscondes, além da citação da procedência dos convidados, seja Londres, algum lugar da Itália ou da França, "que vieram em compasso da eletrônica. Business". Engraçado, o autor do comentário não foi à festa. "O Tavares de Miranda dorme cedo, ele não vai mais. Estas festas são uma loucura, uma verdadeira loucura", me diria depois Dona Iná, secretária do cronista há 14 anos. Nem ela foi à festa — receberam aquele monte de nomes e as informações por telefone, de uma informante. Aliás, fora o Meninão (Álvaro Assumpção, da Folha da Tarde) que circulou com seu copo a noite quase toda, de colunista mal se viu a passagem rápida da Alik Kostakis, da Última Hora. Um acontecimento social desses e tão poucos colunistas, estranho.

Mas até ali eu não tinha sentido a diferença entre uma festa "verdadeiramente de sociedade" e uma festa ao estilo de Germano Mariutti. Uma senhora que me contou isso, além de lembrar com nostalgia das festas fechadas de até 30 anos atrás (tempo em que o repórter Joel Silveira abalou o país com a reportagem "Os Grã-finos de São Paulo"), comentou: "Fechado mesmo hoje é o almoço de 8 de dezembro na casa do Yan de Almeida Prado, vão só umas seis, oito pessoas". É, conforme a velha senhora, o almoço da Pensão Tamandaré, embora Yan já nem more mais na rua que batizou a "pensão", e sim na Guaianazes, no centro da cidade. Almoço de comidas finas, bebidas mais "nas ainda, conversas literárias e até mesmo (imaginem!) políticas.

No Guarujá mesmo, dizem, ainda existe uma festa fechada. É a dos Campellos (Alice e Luis

Eduardo), donos do Samambaia (clube do qual Silvio Santos não conseguiu ser sócio). Os Campellos fizeram este ano o "XV Gala do Samambaia". É no clube mesmo, os convites são poucos e rigorosamente distribuídos. O último Gala foi no domingo anterior à festa de Mariutti. Ele próprio, caríssimo decorador de casas, festas e iates, foi quem preparou o ambiente — que foi saudado pelos colunistas sociais como uma "verdadeira cachorrada". Imaginem que galpos e dálmatas ("proliferavam tendo na cabeça uma circunferência cheia de pontos brilhantes de onde saíam pequenas palmeiras") foram colocados por Germano nos jardins do Samambaia Clube. Tudo isso em meio ao black-tie obrigatório.

Na festa de Germano estamos todos à vontade, esportivos. Só as mulheres de longo fazem bem à vista. Os homens parece até que combinaram: quase todos de calça clara, camisa escura, aberta no peito para mostrar o bronzeado ou a correntinha de ouro ou prata. Em ambos os sexos, poucos jovens, quase todos os presentes numa faixa mais madura dos 30 para os 40 anos. As mulheres enganando mais do que os homens na idade, pelo menos de longe.

— "Aqui quem vem é quem está na crista da onda. Se você voltar o ano que vem, provavelmente serão outros. Vem muito constureiro, artistas, gente da atualidade".

Quando ouvi essa explicação a casa ainda estava vazia. Na medida em que ela foi engravidando, observei melhor o comportamento dos convidados. Nada de muito entusiasmo, rodas pequenas, um zum-zum alto mais pelo número de pessoas do que pelo tom de voz. Mal comparando, todos se comportavam como se estivessem num coquetel informal. Procuravam observar os que chegavam e só os mais famosos e conhecidos de todos (das revistas e da tevê), despertavam algum murmúrio ou mereciam olhares.

Foi assim quando Odile (ex-Rubirosa) se fez notar presente, o marido a reboque. A propósito de Odile, correram comentários maldosos de uma área andrógina: "Em Saint Tropez, no verão, quando estão muitos iates parados e todos querem dar festas, os mais ricos recorrem ao mercado negro de convidados, contratam até uma Brigitte Bardot, cash"...

É, as festas devem ter mudado. Tempos modernos. A atração principal da recepção dos Mariuttis era, sem dúvida alguma, a casa. Subindo para o primeiro andar, por uma escada envelhecida que sai do corredor de entrada, você chega à varanda, uma torre quadrada. Redes de renda branca, plantas, trepadeiras, almofadões e braços, tudo bem encaixado, largado, mas muito bem largado. Ligado à varanda, o quarto de Germano, aberto como todas as dependências, com a larga cama turca, móveis coloniais, mais plantas, mais almofadas ou grandes travesseiros — não sei —, e a vasta vista para a piscina, lá embaixo, e os fundos do quintal.

Quando subi, não havia ninguém. E havia tantos objetos e trastes à disposição, que constrangia olhar o banheiro privativo do quarto-suíte de Germano. Voltei, percorrendo os quadros nas paredes. Do patamar, uma vista do primeiro dos dois grandes salões. Aí a impressão inicial de desbunde cedia lugar à sensação de ter entrado, de repente, num enorme estúdio de TV, onde se gravava um comercial de loja de departamentos, estilo Henri Matarasso — só que cheia de gente e com a mais farta exposição de objetos e móveis.

Lá embaixo, de onde Germano Mariutti saudava os convidados oferecendo a casa, podia-se continuar, à esquerda, pelo amplo salão cheio de ambientes, com saída para a piscina, para um jardim interno ou para mais um salão; à direita, dava-se numa longa mesa de frios

com molhos, servidos à americana, e um fogão a lenha, onde jazia o picadinho com arroz. Normalmente os convidados percorriam a casa, deslumbravam-se com o outro salão, com uma parede espelhada e um piano de cauda preto; ou com a romanesca mesa de frutas e frios (principalmente queijos) instalada no jardim interno. Despencavam uvas de cima de uma mesa-redonda, bem em frente ao bar onde se servia o Chateau gaúcho. Mas todos acabavam mesmo se reunindo ou formando grupos em volta da piscina, ao ar livre.

Do lado de lá da piscina, debaixo de uma cobertura de lona azul, o SP-3 de Ed Costa começou a tocar quando já havia muita gente só conversando, ali fora. À frente dos músicos uma pista e os rapazes de branco já a postos para dançar quando Zé Duarte mandou Ed Costa atacar. E Ed atacou com seus 20 músicos, inclusive duas cantoras (menos o contrabaixista, que faltou), no estilo que o leva a ser solicitado para todas essas festas: de "Smoke gets in your eyes" até "Bamba la Bamba", passando por Martinho da Vila ou samba enredo, tudo, no mesmo andamento: aquela mistura de bossa-novajazz Sérgio mendes-rocke-uma-pitadinha-de-Ray Coniff. Mas tudo isso saindo de quatro potentíssimas caixas de som espalhadas pelo jardim e que, pelo amor de Deus, quando vibraram fizeram correr um frisson. Germano, Zé Duarte e, principalmente, os rapazes de branco, saltaram serelepes puxando as mulheres para a dança. Logo correu também o zum-zum de que "mais tarde vai ter até escola de samba".

Vamos circular. Parecia ser a palavra de ordem da festa. Todas as pessoas procuravam ver quem é que estava na outra rodinha, ou no outro salão. Começava-se também a comer, os frios e os quentes. Antônio da Rocha Pádua Diniz (Grupo Nacional), bastante festejado pelos flashes na chegada, servia-se de presunto cru no bufê da piscina, comentando:

— "É... vamos dar uma forradinha pro uísque".

Entre os mais olhados na circulação geral colocavam-se Tânia Caldas, toda de vermelho, mais Jorginho Guinle, de camisa aberta no peito e a obrigatória correntinha. Ela, Tânia, muito fotografada e ele, aparentemente, sem assunto, sempre andando um pouco atrás dela, meia-rédea. Da festa? "Maravilhosa, Germano sabe receber", diziam.

Isso eu notei: todo mundo fazia questão de falar bem da festa e, principalmente, de dizer que era a segunda ou terceira vez que vinha. Foi assim com Mário Prioli (Canecão, Rio), logo que fomos apresentados por Dayse Carta: "Maravilhosa. Essa foi a melhor. Eu não falto, essa é a terceira vez que eu venho. Toda essa gente bonita, olha aí". Mário já estava meio chutado, sentado na beira da pista de danças, tomando mais um uísque e elogiando os paulistas:

— "Esse ano vou fazer um Canecão em São Paulo, negócio grande, da altura dessa gente, meu. Uns 40 milhões de dólares..."

— "Quatro?" — perguntei, pensando não ter ouvido bem, afinal a orquestra estava alta.

— "Coisa grande mesmo, meu. 40 milhões de dólares, com a Souza Cruz, a GM, todo mundo. Tem nada que ver com esse negócio de Anhembi, não".

— "Mas já está tudo certo?" — insisti preocupado com a notícia.

— "Vamos ver, vai sair. Num sei ainda onde é, mas vai sair. Esse ano foi tudo bem lá no Rio, tudo certo. Até a remontagem do "Brasileiro, Profissão Esperança" deu um dinheirão. Agora esse ano, vou fazer do "Deus lhe Pague" (não é do seu tempo, né?) um p... musical. Música do Vinicius, uma turma..."

O papo ia correndo pela casa, os grupos mais cansados, lá pela uma e meia, duas horas da

manhã, procuravam um dos três quartos de portas abertas para a varanda da piscina. Entravam, sentavam no chão ou nas camas, ficavam comentando as pessoas, ou outros.

Sozinhos, no salão principal, Horácio Coimbra (Grupo Cacique) e o ministro Severo Gomes (da Indústria e Comércio) foram vistos conversando. Eu mesmo não vi, me contaram quando perguntei a um fotógrafo se o ministro havia chegado. Fui vê-lo já no salão espelhado dos fundos, conversando com uma senhora, encostado ao piano. O salão estava semi-lotado, quase nos esbarramos, mas ninguém parecia ter curiosidade sobre Severo Gomes. Ele, descontraído, de camisa azul-escuro com bolinhas brancas e calça creme, passava como outra pessoa qualquer da festa. Segurava um copo de uísque já um pouco aguado e mantinha uma conversa animada. Vi-o, depois, dar uma volta pela piscina, quando nos falamos rapidamente. À sua passagem, depois que cumprimentou um grupo de pessoas, ouvi o comentário: "Puxa, ele é o ministro e eu fui dando tapinhas nas costas dele..."

Antes, chegar a Júlio de Mesquita Neto, seguido por Júlio Bisneto dois passos atrás, como que protocolarmente. Vieram sós, entraram direto para a piscina e não ficaram muito tempo. Apenas compareceram, enquanto Luís Vieira de Carvalho Mesquita (outro diretor de O Estado) ficava mais tempo, acompanhado da esposa e amigos.

Raul Cortez, com ar francamente decorativo, (não sei porque, sempre o associa a mortadela) olhar perdido, era visto em todas as dependências da casa. Muito solicitado pelos olhos dos senhores de camisa listrada de azul e branco, também aberta no peito, bronzeado até a careca. Só se mostrou menos decorativo e mais animado num papo com Tania Caldas (quando Jorginho Guinle quase dormiu de pé), falando mal do elenco de uma peça. Mas Ed Costa não me deixou ouvir o nome da peça!

Entre 2 e 3 horas dar-se-ia o momento culminante: bateu uma fome generalizada e, quase ao mesmo tempo, Zé Duarte mandou entrar a esperada escola de samba, anunciada como Vai-Vai.

Na casa, a essa altura, havia umas 500 pessoas, acredito. O gramado em volta da piscina estava duro-e-preto de gente em pé, espiando para o palco e pista de dança onde uma porta-bandeira e um mestre-sala ainda menino mal conseguiram evoluir: ao som dos ramborins, surdos e atabaques que os músicos de Ed Costa passaram a empunhar, muita gente começou a tentar sambar junto, inclusive o anfitrião. Esse clima mais frenético durou menos de 20 minutos. Quando os dois passistas iam descansar, arrisquei perguntar a um:

— "De onde é a escola?"

— Daqui mesmo. Do conjunto ... — me respondeu, indo se trocar.

Quando o conjunto voltou, com o "Moonlight Serenade", muitas pessoas se revezavam no bufê quente, e outras (a maioria) se retiravam. Os que ficavam, e não estavam comendo, procuravam sentar ou se surpreendiam — como a secretária de Marina Montini — com o fato de uma festa dessas servir sorvete. Uma sorveteria fôr colocada à beira da piscina para oferecer sabores de frutas tropicais — côco e abacaxi.

Saído de um dos quartos, onde conversava em petit-comité com o grupo de Marina Montini — que chegou pouco antes da escola de samba mas não aguentou ficar circulando, tanto assédio —, o costureiro Clodovil já dava sinais de cansaço, sendo parado aqui ou ali por uma senhora. Logo depois que ele deixou o quarto, "La Montini" irrompeu no meio da festa, **again**.

Foi seu reaparecimento que interrompeu minha conversa com o Mário Prioli e suas idéias quanto ao Canecão-76. Logo que ela che-

gou, lá pela uma e meia, eu assisti à sua entrada triunfal, a corrida dos fotógrafos, e sua intimidade com o mundanismo — coisa de mulata verdadeiramente internacional. Tratando a uns e outros de "meu querido", fazendo com os lábios som de beijocas atiradas, a curta e a longa distância. Dando voltas com a cauda do vestido presa na mão, girando, sempre procurando com os olhos os fotógrafos e os amigos. Visitou toda a casa, subiu ao primeiro andar, sempre segurando o vestido e arrastando um bando de gente atrás de si.

Carioca, filha de baianos, mulher de shows, teatro e cinema desde os 15 anos, Marina viveu anos fora do Brasil, na Itália, nos Estados Unidos, além de ter sido musa e modelo de Di Cavalcanti (ela possui um dos óleos que inspirou ao pintor), Me confessou:

— "Eu sou bicha e como todas as bichas, me dou bem com a frescura."

Para aceitar o quarto convite consecutivo de Germano Mariutti, "os outros três não atendi porque não estava no Brasil ou em São Paulo", Marina faltou ao trabalho no Beco — em pleno sábado. Curtiu uma desculpa para dar a Abelardo Figueiredo (diretor-artístico e proprietário do Beco), na base do "carro quebrou, barreira caiu na estrada, não deu pra voltar a São Paulo." Ele aceitou a desculpa. Também, o sucesso que ela fez lá!...

Na segunda vez que surgiu no salão foi logo dançando com Germano Mariutti e só parou por causa daquele incidente — bolinada por trás, à traição. Saindo, minutos depois, levada até a porta por Zé Duarte e pelo irmão de Germano, Toninho Mariutti, Marina continuava sendo fotografada. Procurava sair e reunir o seu grupo ao mesmo tempo, comentava:

— "Acho que fico no Brasil até março, depois não sei. Qualquer cidade pra mim é cidade. Mas diga que eu gosto muito de São Paulo."

E saiu, jogando beijos.

Fatalmente, logo depois, menos de 20 minutos, a festa voltou ao seu ar inicial — só que agora todos apareciam definitivamente cansados.

A festa tinha esgotado seus recursos e dado todos os seus piques, previamente anunciados sempre em forma de Zum-Zum.

Mas a festa deve continuar. As pessoas que saíam não faziam alarde. Como Odile, que nem vi ir embora. Só ouvi depois o comentário de alguém pichando-a por não ter gostado: "É porque essa festa não é como as que ela está acostumada lá no Rio. Sempre acabam numa tremenda..."

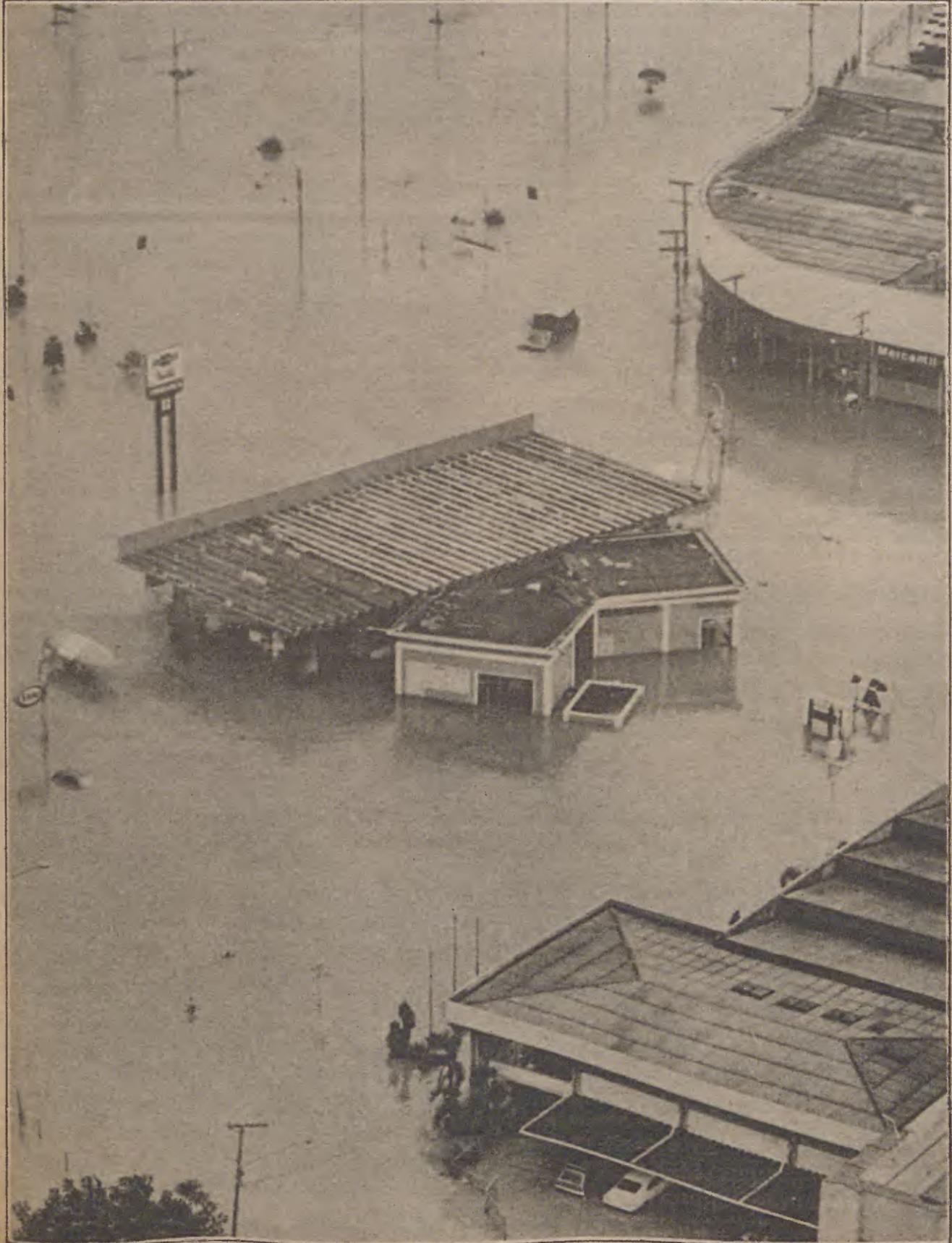
Bem, eu sei que, lá pelas 6 da manhã, havia quase 20 pessoas ainda em volta da piscina, Ed Costa, já bastante desfalcado (apenas 3 músicos), "La Bamba" e o próprio Mariutti reclamava um belo break-fast, para si e os sobreviventes.

Realmente, um su. A sexta festa de temporada de Germano Mariutti continua na boca de um pequeno mundo. Hoje, parece que as festas de "jet business" são feitas para ser comentadas, numa linguagem exclusiva das colunas e do novo mundo social, do business-show, quem sabe. Tanto quanto comparecer à festa de Germano, ser decorado por ele também é uma notícia importante. Recentemente, uma conhecida senhora paulista gastou 150 mil cruzeiros na festa de seu aniversário (toda preparada por Germano Mariutti e Zé Duarte); e mandou fazer um audio-visual a cores para mostrar pelo correio a festa e a decoração para sua mãe, na Europa.

A porta da casa estava aberta, escancarada — o sol entrando, vindo do lado do mar. Os da casa se preparavam para nadar na piscina, exaustos, e já avisavam que não acordariam antes das 6 da tarde de domingo, 12 horas depois.

Acabou a festa. Vim embora.

SOLUÇÃO PARA AS ENCHENTES: DESTRUIR BARRAGENS



Vicente de Almeida, respeitado vereador da ARENA, é empresário agropecuário, tendo crescido politicamente com o brigadeiro Faria Lima. Em 1956, foi para a Secretaria de Obras do Estado, auxiliar Faria Lima, que despontava como um dos secretários mais dinâmicos do Governo Jânio Quadros.

Em 1965, acompanhou o brigadeiro, como chefe de gabinete, na Prefeitura de São Paulo. Já está em sua segunda legislatura na Câmara Municipal. Acha que tudo isso lhe dá pelo menos 10 anos de vivência dos problemas da cidade. Sua grande preocupação, agora, é a volta das eleições diretas para prefeito da Capital. "A ARENA não pode ser responsabilizada pelos erros dos governantes," diz.

ENCAMPAR A LIGHT



O vereador Vicente de Almeida (ARENA), assessor de Faria Lima desde os tempos do brigadeiro na Secretaria de Obras, propôs na Câmara Municipal uma série de medidas contra o transbordamento de represas e rios. Uma dessas medidas — a demolição da barragem Edgard de Sousa, da Light, localizada em Santana do Parnaíba, e a limitação daquela empresa ao simples papel de distribuidora de energia elétrica, e não produtora, certamente levantará polêmica.

Vicente de Almeida começa a analisar as enchentes por uma descrição do Tietê, "que nasce em Pedra Rajada, na serra da Barra, contraforte da serra do Mar, a 840 metros de altitude e 22 km de distância do oceano, percorrendo 1.150 km até o rio Paraná, com uma área de drenagem de 71.900 km². Das nascentes até a barragem de Pirapora, o rio percorre 165 km, com uma bacia de 5.649 km². A bacia do rio Pinheiros tem 1.476 km², o que representa 26% desse trecho e a bacia do Tamanduatei, 320 km² representando 6% da bacia do Tietê, entre as nascentes e a barragem de Pirapora".

Sobre as razões para a demolição da barragem Edgard de Sousa, Vicente afirma que as obras da Light no rio Pinheiros e Tietê fizeram desviar a água desses rios: "Em 1908 e 1909, a primeira obra foi a construção da barragem de Guarapiranga. Em 1932 e 1934, o represamento do rio Grande, em Pedreira (Santo Amaro), com completo desvio das águas. Em 1901, a primeira obra da Light no Tietê, exatamente a barragem de Santana do Parnaíba, hoje Edgard de Sousa. Em 1939, foi instalada a primeira bomba de recalque em Pedreira, o que permitiu o encaminhamento da vazão regular da represa de Guarapiranga para o reservatório Billings e, posteriormente, a instalação das demais bombas de recalque em Pedreira e a construção da estação elevatória de Traição, onde hoje se situa a saída da av. Bandeirantes, possibilitando a derivação para o reservatório Billings a construção de toda a bacia hidráulica de Guarapiranga, com área de 1.400 km².

"A Light construiu a estação reservatória de Pedreira, que pega a água de Guarapiranga e joga na Billings. Quando a Light construiu Traição, toda a água foi vertida para a Billings. Normalmente, isto reduziria o nível da água do rio Tietê em Osasco, o que porém não ocorre porque nem sempre o sistema funciona ao mesmo tempo e porque o rio Tietê, entre São Paulo e Santana do Parnaíba, ao longo dos anos ficou assoreado — sofreu deposição de detritos — o que reduziu sua vazão, em alguns pontos, a até 80%".

Por que o assoreamento do Tietê e Pinheiros?, pergunta Vicente, para logo responder:

— "Como já vimos, a primeira obra da Light no Tietê foi Edgard de Sousa. Durante a II Guerra houve escassez de energia elétrica em São Paulo, obtendo a Light autorização do Governo Federal para desviar o alto Tietê para Cubatão e assim gerar acima de um milhão de quilowatts. Barrou o Tietê em Pirapora, aproveitando nessa barragem também as águas do rio Juqueri. Através de bombas, recalcou as águas de Pirapora para Santana do Parnaíba e para isso alterou a barragem de Edgard de Sousa, também autorizada pelo Governo Federal, em 1946. Em 1954, houve o alteamento da Edgard de Sousa. Com essas obras, o Tietê passou a ser afluente do Pinheiros, invertendo-se o curso do Tietê, de Traição para cima. O Tietê é mais alto e entra em Pinheiros. Com isso o

Tietê passou a ter duas nascentes, uma em Salesópolis, que é a natural, e outra em Pirapora. A Prefeitura de São Paulo, quando elaborou o projeto de canalização do Tietê, partiu de uma premissa: haverá navegação na Grande São Paulo. O convênio HIBRACE, para chegar a canalização do alto Tietê, partiu de duas premissas: haverá navegação e o alto Tietê será desviado para Cubatão, para geração de energia elétrica. A segunda premissa obrigou ao alteamento da barragem de Edgard de Sousa. Com os sucessivos recalques de Edgard de Sousa, Traição e Pedreira, as águas ficam na represa Billings, passam para o rio das Pedras e chegam até Cubatão, para geração de energia.

"Mas como os recalques de Edgard de Sousa, Traição e Pedreira são intermitentes, as águas do Tietê e Pinheiros se dirigem ora num sentido, ora noutro. Com isso, a declividade do canal do Tietê, no município de São Paulo, se já era pequena, tornou-se nula. A vazão do Tietê tornou-se reduzida e o volume de suas águas incapaz de transportar os sedimentos que nele são despejados pelos seus inúmeros afluentes e galerias. Na verdade, a navegação e o transporte de sedimentos em suspensão são incompatíveis, pois a primeira exige baixa velocidade das águas e a segunda alta velocidade. O resultado da baixa declividade é que se não houver desassoreamento contínuo, os canais ficam obstruídos. É uma das causas das enchentes.

"O Centro Tecnológico de Hidráulica da USP montou três postos de medição de material sólido em suspensão transportado pelo Tietê. Um na área de Cumbica, onde o Tietê entra em São Paulo; outro na ponte das Bandeiras e o último na Vila Anastácio, onde o rio sai do município. De abril de 1967 a outubro do mesmo ano, quando o transporte de material sólido não é o mais importante, porque abrange o período de 7 meses de seca, foram obtidas as seguintes tonelações: Cumbica, 37.000 t; Bandeiras, 75.000 t e Anastácio, 172.000 t. Essas medições indicam o sensível aumento de tonelação de sólidos carregados para o Tietê, durante seu percurso no município. O depósito desse material no fundo dos rios constitui fator do agravamento do problema das inundações. É preciso um serviço eficiente e contínuo de drenagem."

Vicente de Almeida cita também estudos batimétricos no Tietê, que dão a deposição de detritos:

"Entre Barueri e Osasco houve constatação de 1.600.000 m³ de detritos. A perda mais intensa de profundidade foi verificada a partir de 1950, exatamente no período em que se alteava a barragem de Edgard de Sousa. Mais recentemente, no Tietê, entre a foz do Pinheiros e o Tamanduatei, foi verificado assoreamento da ordem de um milhão de metros cúbicos de detritos, e diminuição de 1,5 m de profundidade do canal, cifra que atinge

em certos trechos 2,5m, apesar das drenagens feitas pela Prefeitura. Isso quer dizer que o aumento do assoreamento é maior que o volume dragado."

O vereador explica outra causa das enchentes: "Quando o Governo Federal autorizou a Light a explorar energia elétrica no alto Tietê, impôs como uma das obrigações à empresa a construção de cinco barragens nas cabeceiras do Tietê, visando sua regularização e o não agravamento do problema das enchentes. Seriam essas barragens: Ponte Nova, Biritiba, Biritiba Mirim, Jundiá e Taiacupeba. A Light nunca as construiu e o Governo do Estado está assumindo a responsabilidade de construí-las, tanto que já concluiu a de Ponte Nova e está construindo a de Taiacupeba. Às vezes o Tietê transborda em São Paulo sem que chova na cidade, devido a chuvas nas cabeceiras e o assoreamento do rio. Outra causa das enchentes são os afloramentos rochosos existentes do Tietê, a partir de Vila Anastácio e outra ainda, a falta de retificação do rio entre a ponte velha de Osasco e Edgard de Souza."

Vicente lembrou que o Governo do Estado já retificou o trecho entre a ponte velha de Osasco e a ponte da rodovia Castelo Branco, estando em fase final de obras a retificação entre ponte da rodovia Castelo Branco e barragem Edgard de Souza. Calculou que o assoreamento do rio Tietê no município de São Paulo é de 320.000 t por ano. Ele calcula o custo da retirada e transporte desse material a vinte cruzeiros o metro cúbico, significando uma despesa de Cr\$ 64.000.000,00 que a Prefeitura teria que pagar, fora o que o Estado teria que gastar em outras cidades, além do que a Light já gasta. Sem falar dos prejuízos com as enchentes, há quase um século desfalcando a economia da cidade.

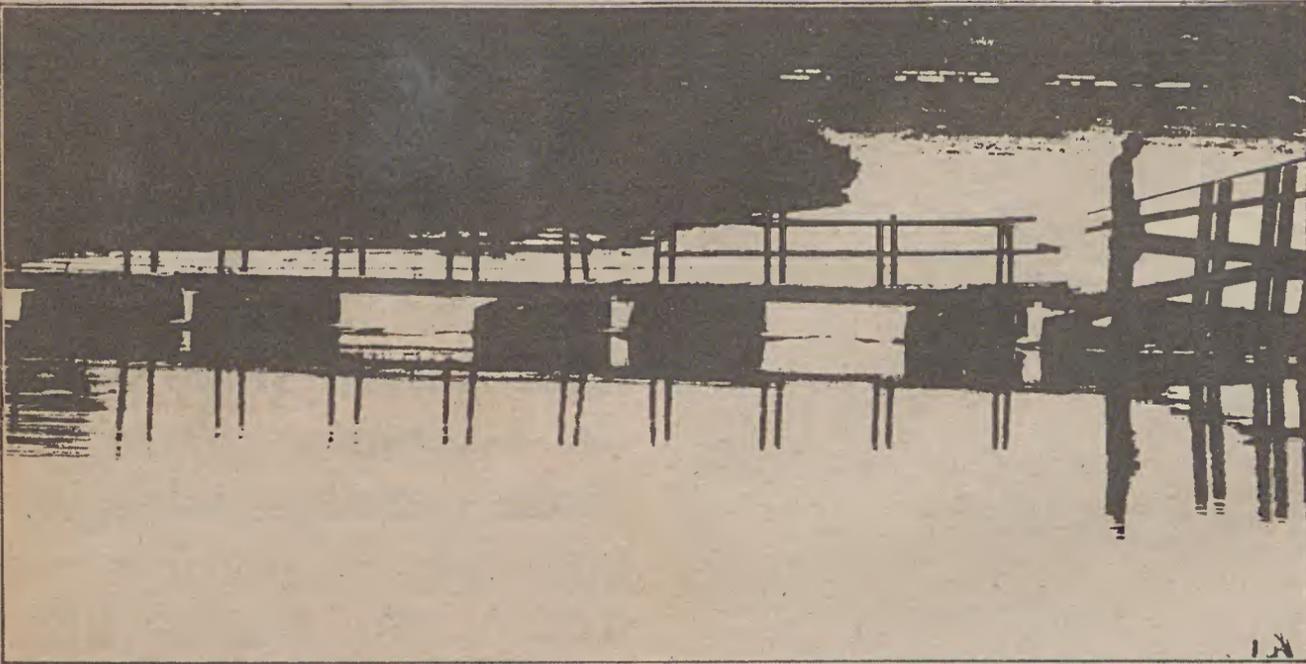
Segundo Vicente, se não houvesse barragens e recalques, a declividade do Tietê e Pinheiros aumentaria de tal maneira que a própria água se encarregaria de transportar os sedimentos rio abaixo. Por isso propõe a demolição de Edgard de Sousa, Pedreira, Traição e Pirapora. Ao mesmo tempo, diz ele, São Paulo ficaria cercada por um colar de águas limpas, formado pelas nascentes do Alto Tietê, Billings, Guarapiranga e Juqueri, acrescentando que a geração de energia hoje em Cubatão pode ser substituída pela energia de Ilha Solteira. Explica, ainda mais, que a CESP é responsável por 40% do abastecimento da cidade; Furnas por 40% e a Light apenas 20%.

Quer que a Light passe a distribuir energia e não produzi-la. Analisa o custo-benefício da operação. Custo: rebaixamento dos leitos do Tietê e Pinheiros; desapropriação parcial da Light; remoção dos obstáculos entre Pinheiros e Pirapora. Benefícios: eliminação dos prejuízos causados pelas inundações dos rios Tietê, Pinheiros e Tamanduatei, recreação e fornecimento de água potável a população.

Lázaro Almeida Machado



HÁ 10 ANOS, ISTO



São Paulo, março, 1966: uma chuva pouco mais forte alaga tudo, mata, espalha os detritos, pára os transportes, a luz, o gás. Vem o prefeito e anuncia à imprensa um plano de 10 bilhões de cruzeiros. E em matéria de planos, um especialista norte-americano que nos visitou há pouco declarou no Instituto de Engenharia que São Paulo está 20 anos atrasada. Isto é: há 20 anos devia ter começando o que dizem que vão fazer agora: um planejamento global que equacione todos os problemas da grande São Paulo. Pois fora do planejamento global não há salvação.

Dia 31 de dezembro passado foi criada a Comissão do Planejamento do Alto Tietê, para cumprimento de um plano. Mas qual? É preciso coordenar em várias frentes: acabar as enchentes, o risco de secas, abastecer as casas, tocar as indústrias, recuperar da várzea 15 mil hectares hoje inúteis, reduzir a poluição, tornar os rios navegáveis. É o mínimo necessário, para quem pensa em São Paulo do ano 2.000.

Além de planejamento, são necessários bons técnicos, bons administradores e dinheiro. Esse encontro aconteceu quando o engenheiro Antonio Mauricio Rocha dirigia o DAE e forçou a criação do Grupo Executivo do Alto Tietê. O Estado apoiou, mas mudanças administrativas pararam a coisa por um tempo, e só voltou aos trilhos agora, com a Comissão de Planejamento do Alto Tietê, presidida pelo engenheiro Della Togra e com técnicos do DAEE, DAE, DOS e Serviço do Tietê. Participarão o governo federal e representantes dos 30 municípios da região. Porque o problema é de todos eles.

O governo fez contrato com um grupo de empresas, que tomou o nome de HIBRACE. Participam a Hidroservice, Brasconsult e Planidro.

Hidroservice — É uma empresa brasileira especializada em projetos globais de desenvolvimento. Tem 250 técnicos, entre engenheiros civis, eletricitistas, mecânicos, geólogos, economistas, arquitetos, urbanistas, juristas, desenhistas, calculistas e outros. Está construindo usinas nos Rios Casca, Jaguará, Caraguatatuba, planos diretores de Santarém e Obidos, planejamento global para aproveitamento agrícola da bacia de Sapucaia, em Minas, aproveitamento do submedio e baixo São Francisco e outros projetos.

Planidro — Tem profissionais em engenharia civil, química e sanitária. Está estudando para a SUDENE o abastecimento de água e serviço de esgotos e em Fortaleza e Campina Grande supervisionando obras do BID em Porto Alegre, Belém, São Luís, Salvador, Teresina e Natal. Para o Departamento Nacional de Obras sanitárias planejará esgotos para Florianópolis. Em São Paulo, faz o projeto de esgotos para a Zona Norte.

Essas duas empresas realizam o planejamento, cobrindo com técnicos para todos os problemas as diferentes necessidades de um plano total. E parte dele já está pronta, outra ainda em esquematização.

Um plano diretor está surgindo por obra da experiência nacional, de organização nacional, elementos importantíssimos na luta pela emancipação política e econômica do País. A terceira empresa do convênio Hibrace não está atuando no planejamento.

Inundações eram problema em 1893

Quando Teodoro Sampaio estudou o problema, em 1893, as enchentes já estavam perturbando: cada ano, a mesma quantidade de chuva trazia prejuízos maiores, porque a cidade crescia. 1923 foi o ano da grande enchente: o povo gritou, o governo levou o competente susto, a Prefeitura pensou no primeiro planejamento global. Firmino Pinto, o prefeito, contratou uma comissão chefiada por Saturnino de Brito, e a solução que planejaram foi construir um canal que substituiria o Tietê entre Guarulhos e Osasco. Mas quem começou os trabalhos foi outro prefeito famoso — Pires do Rio.

Um dia veio a Light, brecou o Tietê e levantou a usina, perto de Cubatão. O plano parecia bem fiado, mas não foi harmonizado com os outros problemas. Resolveu o problema de energia elétrica, porém a represa bloqueou a água. No fundo foram instaladas máquinas enormes que bombeiam a água para trás. O rio, que corria rumo ao interior, fugindo do mar, passou a inverter o curso, entrar no Pinheiros e ir à usina fazer energia. Foi assim que parte do Tietê passou a chegar mais cedo ao oceano.

Por causa do desrespeito ao rio, São Paulo é, para os técnicos, a área metropolitana com os problemas mais complexos do mundo. A capital está cercada de 30 municípios, todos na bacia Tietê-Cubatão: Arujá, Barueri, Carapicuíba, Jandira, Cotia, Diadema, Embu, Franco da Rocha, Guarulhos, Itapeverica da Serra, Itapevi, Mauá, Ribeirão Pires, São Bernardo, Santo André, São Caetano, são alguns deles. Do alto, o panorama é o de uma única e grande cidade, com um milésimo da superfície do País,

7,6% da população e 42% da produção — quase a metade. Tudo o que acontece aqui, acontece no Brasil. Se tudo vai bem, é bom para ele; se há crise, é ruim; e se houver colapso, será um desastre nacional. E acontece que neste momento, aqui em São Paulo, vai tudo mal.

O rio aviltado não é mais um benefício: não há nem água suficiente para 5 milhões de habitantes beberem. Nos primeiros 412 anos de existência, a cidade só conseguiu captar 11 metros cúbicos de água por segundo. Nos próximos 35 anos terá de captar quase mais de 50 metros cúbicos. Hoje, temos 11, mas precisamos de 23. No ano 2000 vamos precisar de, pelo menos, 60 metros cúbicos.

E o Departamento de Águas e Esgotos não dá uma gota para as indústrias. Por isso elas foram enfileirando-se na beira dos rios, para tirar água por sua conta. Mas o DAE despeja no Tamanduatel os esgotos de 300 mil habitantes. Duas mil indústrias despejam detritos correspondentes aos esgotos de 1 milhão de pessoas, e a composição do rio chega a ter mais proporção de esgotos do que de água. Uma cloaca aberta atravessa a cidade, dentro dela corre uma massa mais ou menos líquida, usada vezes seguidas. E aqui está o cúmulo: uma indústria, em um ponto do rio, telefona para outra, avisando que vai soltar a sua descarga, e pede-lhe que acione as bombas, porque a densidade do rio vai aumentar.

Os administradores desconsideram os técnicos. Os reservatórios baixam nas secas, a poluição traz problemas para a saúde e até diminui a capacidade de produção de energia.

Em 1966, em seu primeiro ano de existência, o Jornal da Tarde publicava a reportagem que você vai ler abaixo sobre o problema das enchentes na capital. O autor, Evaldo Dantas Ferreira, descrevia então um quadro desolador da situação. Sem se mexer uma vírgula, verifica-se, 10 anos depois, que não se evoluiu 1 centímetro.

O plano de hoje já chega tarde

São Paulo nasceu do encontro do homem com o rio: Anchieta e os primeiros paulistas fincaram pé junto ao Tamanduatel, a 750 metros de altura. Nasceu para ser a cidade que mais cresce no mundo, e a maior com essa altitude. E viveu em paz com o rio, até que um dia os trilhos de uma ferrovia invadiram a várzea e as pequenas fábricas entupiram o caminho do mar.

A explosão foi coisa recente, que muita gente que anda por aí pode dizer que assistiu. A São Paulo de 1920, com 500 mil habitantes, multiplicou-se dez vezes, num processo desordenado, violento, único no mundo. Isso criou os maiores problemas entre o homem e o rio, porque o rio não foi tratado como devia.

Em 1554, o Tietê era um rio bonito de águas claras. Nasceu no Paratiba, pertinho do Atlântico, veio vindo nos contrafortes da serra, recebendo muitos afluentes, cortou o planalto e foi entregar ao rio Paraná, na ponta do Estado, as suas águas, que 3 mil quilômetros depois iam chegar ao Prata e morrer no mar. Anchieta chegou à confluência do Tietê com o Tamanduatel, pensou no colégio e foi construí-lo no alto, à beira de um barranco enorme, protegido contra os ataques.

O colégio prosperou, virou aldeiazinha, virou cidade e metrópole, os paulistanos foram fazendo a história do Brasil. A cidade era bonita, no alto, das casas podia ver-se as várzeas, o Tamanduatel e um pouco mais longe o Tietê. Os córregos Anhangabaú, Saracura Grande e Saracura Pequeno enfeitavam o panorama, e pelo alto da cidade foi se espalhando.

A vilazinha lotou o espigão. Lá de baixo vinham as ladeiras para a Rua Direita e a São Bento. Al parava a cidade. Embaixo, a várzea desocupada, do outro lado a mesma coisa. No rio sinuoso as águas eram limpas, as barquinhas levavam mercadorias e verduras até o porto perto da atual Ladeira General Carneiro. Ali perto, dizem que os rapazes iam tomar banho, nos fins de tarde de verão.

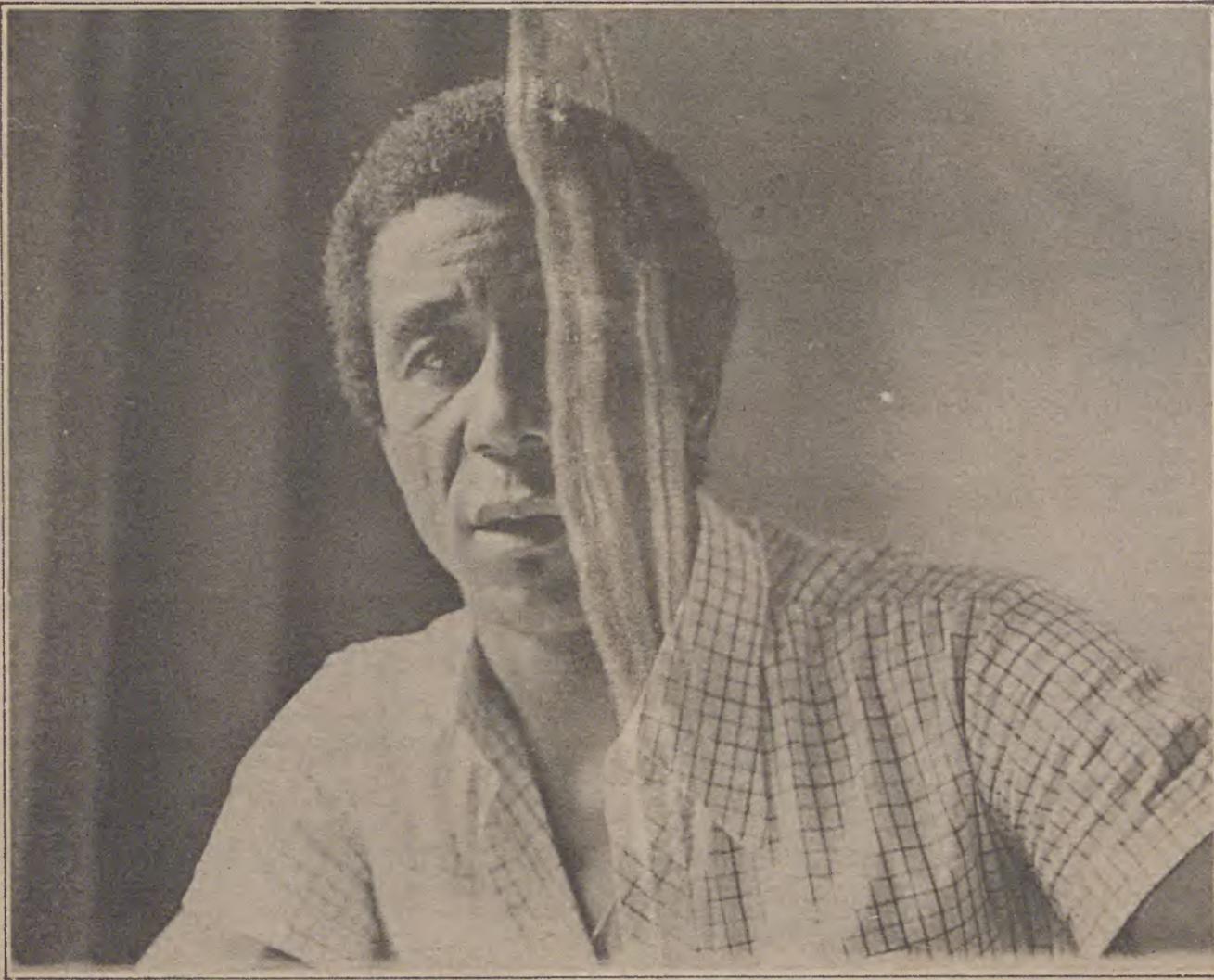
O tempo, o Anhangabaú e o Pacaembu foram ficando para trás, ocuparam os Campos Elísios, mas o salto mais importante quem deu foi um comerciante que pulou o Tamanduatel, e montou uma casa comercial no lado de lá da várzea: José Brás. Uma porção de pequenos comerciantes foi atrás, o bairro cresceu e levou o nome dele. Entre o Brás e o centro, a várzea vazia. O Tamanduatel dava voltas, inundava o que queria e não fazia mal a ninguém, porque o respeitavam. Quando muito, umas chacarazinhas, como a do Chá, que vendeu verduras até os 15 anos deste século.

O Tietê era a estrada da penetração. Até hoje está lá ancorada em Porto Feliz, uma barcaça velha, do tempo das grandes entradas. Rio e homem estavam em paz: a água trazia os peixes, girava as moendas, fertilizava as hortas, levava os barcos. Até um dia.

O homem plantou os trilhos, levantou casas na baixada, espremeu as fábricas nas margens do rio, pôs pedras, asfalto, edifícios. Do outro lado, secou fontes, canalizou os córregos, o Anhangabaú, e os enterrou no vale. A zona dos rios foi inteiramente tomada, urbanizada, impermeabilizada. E o que sobrou de rio ficou sendo fossa, onde as indústrias jogavam esgotos, óleo. A industrialização levou o homem para a várzea, o homem levou a sujeira para o rio.

Um homem que chegou a presidir a província — Conselheiro João Afonso — foi o primeiro a lembrar que as margens dos dois rios deviam ser tratadas tecnicamente. Teodoro Sampaio presidiu um grupo que verificou trechos do Tietê, mas a solução era provisória, não resolvia. E o rio continuou sendo desrespeitado.

MIL GOLS E NÃO É PELÉ



Herói do Corinthians, foi sacrificado pelo gênio de Rivelino; ídolo do Fluminense, se desgraçou por questões de amor; do Porto, saiu quando acabou o dinheiro. Hoje, feliz no Internacional, faz as contas do que fez entre uma aventura e outra: 992 gols, comprovados.

Faltam 8 gols para o melésimo de Flávio. Mas ele só quer tocar no assunto quando faltarem 3 gols. Aí o dr. Godoy Bezerra, comentarista do canal 10 (Porto Alegre), vai mostrar os comprovantes da façanha que iguala a de Pelé. O centroavante tomou essa decisão porque sua conta, anunciada há tempos, quando andava na casa dos 950 gols, foi contestada por um jornalista de São Paulo — Vital Bataglia, do Jornal da Tarde.

Se fosse um jornalista de outra cidade, Flávio talvez nem se importasse. Mas não consegue esquecer que a imprensa paulista quase acaba com sua carreira, no último ano em que jogou no Corinthians — 1968. Era chamado de perna de pau pra baixo. Nunca entendeu por que.

— De 54 a 64, o Corinthians passou sem artilheiro. O último foi Baltazar, o cabecinha de ouro. Cheguei de Porto Alegre em 64 e assumi o posto. Fui artilheiro do time e vice do campeonato paulista até ir pro Fluminense. Não conseguia ser o artilheiro por causa do Pelé, que só me deu chance em 67, mesmo assim porque andou machucado. Fiz 37 gols. Mas, depois, com a campanha toda da imprensa contra mim, falei pro Wadih Helu (então presidente do clube) que não dava mais pra continuar. Wadih não queria me vender, mas fiz tudo. E ele acabou me emprestando ao Fluminense, com passe fixado em 600 mil, e fui ficando. Entrei com o pé direito: ganhamos dois campeonatos seguidos e fui sempre o artilheiro.

Flávio relembra isso no seu quarto no hotel Excelsior, avenida Ipiranga na véspera do jogo do Inter contra o São Paulo, domingo (com uma contusão no pé direito, acabou não jogando). Só depois de 4 horas de conversa, saiu da defesa e começou a falar sobre a crise com a imprensa paulista. E em nenhum momento sequer tocou num dos personagens que alimentou essa crise: Rivelino (Flávio é muito recatado). Mas há quem se lembre bem. Fala Luís Rogério Fabrino, naquele tempo na seção de esportes de um jornal paulista:

— Flávio errava qualquer jogada, e o Rivelino já estava lá, de braços abertos, entregando ele pra torcida. Aí falavam que o Flávio fazia muito mas errava muito mais, que era grosso. E deixava de valer o único argumento que ele tinha: bola na rede. E olha que ele não tinha quem jogasse com ele lá na frente, como o Pelé tinha no Santos. De lá pra cá o Corinthians não encontrou um centroavante como ele, um tipo em extinção no futebol brasileiro, um cara que joga de frente pro gol. Depois que ele foi embora virou nostalgia no Corinthians.

Por onde passa, Flávio sempre deixa saudades. Aos 30 anos, 15 de profissão, nunca deixou de ser artilheiro em qualquer um dos clubes onde jogou até hoje: Internacional, Corinthians, Fluminense, Futebol Clube Porto (Por-

to, Portugal) e de novo, Internacional, onde foi campeão e artilheiro do último campeonato nacional, com 16 gols. Acha pouco — “25 já seria razoável” —; mas culpa a retranca que assola o futebol brasileiro.

Foi o técnico Brandão quem o trouxe do Inter para quebrar o jejum de gols do Corinthians. Sua fama de goleador já era grande. E, quando chegou ao aeroporto de Congonhas, torcedores em festa o levaram para o Parque São Jorge, “cheio como em jogo de futebol”.

Coisa mais louca ele só encontrou na cidade do Porto, que quase parou para homenageá-lo.

— Levei duas horas pra sair do aeroporto, não acreditava que aquela festa toda era pra mim, pensava que fosse pra algum ministro. Me levaram pela avenida principal da cidade, cheia de bandeiras. Eu nem me entendia mais.

Mas não bastavam os gols de Flávio para o Corinthians chegar a um título. No seu tempo, participou de 4 finais e perdeu todas:

— Não sei o que é, na final parecia que todo mundo ficava pregado no chão.

Assim, ele tinha que se contentar com acontecimentos isolados, como o dia em que o Corinthians conseguiu enfim ganhar do Santos, depois de 8 anos, em 1968. Foi na estréia do ponta direita Paulo Borges, comprado do Bangu.

— Pelé ficou doido naquele dia. Fez tudo o que sabia mas não deu. A torcida fez uma festa na cidade pra comemorar os 2 a 0. Tinha gente vindo na contra-mão em plena São João.

Paulo Borges foi outro dos cobras que o Corinthians “enterrou” nos últimos anos.

— Flávio, você não acha que sobreviveu ao Corinthians?

— Sim — responde depois de pensar alguns segundos, medindo o que ia dizer.

Em 65 Flávio era um artilheiro consagrado e foi convocado para a seleção que voltou invicta da Europa, nos preparativos para a Copa perdida no ano seguinte. O ataque: Garrincha, Gérson, Pelé, Flávio e Rinaldo. Mas torceu o tornozelo e acabou sendo dispensado, entrando Alcindo no lugar. Flávio acha que, depois de perder a Copa, o jogador brasileiro perdeu a confiança em si, os times caíram para a retranca e os goleadores se tornaram cada vez mais raros.

Em 70, já no Fluminense, Flávio estava entre os convocados de João Saldanha, mas foi dispensado por Zagalo, técnico do Botafogo, embora estivesse na crista da onda, fazendo gol de tudo quanto é jeito. Com Flávio, o Fluminense foi campeão carioca, depois de 5 anos,

ganhou a Taça Guanabara e, em 70, o campeonato nacional.

Qual era o problema?

Disciplina não podia ser. Flávio só foi expulso de campo 4 vezes em 15 anos de carreira. Preparo físico também não. Com quase 1,80 de altura, ele é um dos físicos mais privilegiados do nosso futebol, o tipo que Nelson Rodrigues chama “negro plástico”. Medo? Todo mundo sabe que Flávio não foje do pau.

Também tem aquela história de um jogo entre o Inter e o Peñarol em Montevidéu, em 1962. A barriga de Flávio apertou quando faltavam dois minutos, mas ele segurou até o fim. Mas tudo veio abaixo quando ele entrou correndo no túnel. Um policial uruguaio viu e comentou:

— Eta brasileiro macho, correu tanto que se borrou! (O Inter ganhou de 2 a 1)

As coisas ficaram claras quando Zagalo assumiu no Fluminense, em 71 e foi logo encostando o Flávio. Além dos problemas com o técnico, o jogador enfrentou uma fofoca largamente difundida no Rio, que resultou na sua venda para o Futebol Clube do Porto, por 650 mil, e na queda de um diretor do clube: um suposto romance com a filha do ex-presidente do Fluminense, Francisco Laport.

Flávio nega, sem graça:

— Ela ia aos treinos, a gente papeava, mas ela conversava com todo mundo. Era viúva. A história cresceu e abalou a moral das famílias do Fluminense. E acabaram me vendendo. Aí a história cresceu mais ainda. Quando eu saí a torcida se revoltou. E a oposição acabou derrubando a diretoria.

Em Portugal, a vida correu mansa. O maior problema de Flávio era o meia-armador Julio, um sonâmbulo que cantava fados de madrugada na concentração, e acordava todo mundo. No mais, era artilheiro do clube, que se satisfazia com o 4º lugar no campeonato português, querido da torcida. Morava a 50 metros do mar. Foi lá que se casou com a alemã Petra Habermann, de 26 anos, com quem tem um filho. Ela está se tratando da coluna na Alemanha.

(Quando descemos para passear na avenida Ipiranga, ele comprou uma revista italiana de modas só porque tinha o nome de sua mulher — Petra —, junto com Capricho e Sétimo Céu. E pouco antes fez o que parecia um desafio: Disse que ela podia se tratar bem aqui. Mas ela queria ir. Então eu disse, vai!)

Flávio voltou ao Brasil por causa da revolução portuguesa. Mais precisamente, a nacionalização dos bancos depois do 25 de abril. O presidente do Porto era banqueiro e ficou mal na área. Aí o clube teve que se desfa-

“E Flávio vai chegando ao milésimo. Ele não gosta de comparação, pois tem medo de parecer pretencioso. Mas hoje pensa que não teria sido de todo ruim promover a sua imagem, como fez Pelé.”



zer dos jogadores estrangeiros, muito caros. Já estava com um pé no Saint-Etienne, da França, quando recebeu convite do Inter para voltar. Aceitou e acha que nunca mais sai de lá.

— Me criei no Internacional. E seria bom acabar por lá, daqui a uns 4 anos — diz Flávio, de olho na copa de 78.

Ele procura, mas não consegue esconder que esse é o maior sonho. É a última chance que tem de jogar pela seleção. O Brandão, que o levou do Inter para o Corinthians, já disse que não vê problema em idade. E, em 78, Flávio estará com apenas 32.

— Se ele me chamar, vou dar minha contribuição. Não é estrelismo controlado. Flávio é simples mesmo, como no campo.

— Eu jogo pro time. Procuo simplificar a jogada. Assim o jogador aparece muito pouco, mas pro time é o ideal. Procuo também jogar sem a bola, abrindo espaço pros outros. Antes eu ia buscar a bola, organizar a jogada. Mas agora tem muita gente pra isso. Com essa retrans-

ca toda, o melhor negócio é ficar no batente, dosando a energia, sabendo quando é hora de entrar firme e hora de usar a manha. Faço uma catimba mais leve, pois a pesada desgasta. Assim: jogo dois do mesmo time um contra o outro. Digo assim: “Olha, essa cara aí tá te chupando”.

E Flávio vai chegando ao milésimo. Ele não gosta da comparação, pois tem medo de parecer pretencioso, mas hoje pensa que não teria sido de todo ruim promover a sua imagem, como Pelé.

— Se o cara é bom e ainda tem uma máquina de promoção do lado, junta a fome com a vontade de comer. Eu não tive isso não. O cara fica tão ciente dele que passa a valer 2. Nós somos uma máquina de atrair dinheiro. Não sobra tempo para fazer mais nada, se você quiser encerrar o futebol como ele é, tem que se desfazer da vida.

Por falar em comparação: Pelé virou uma multinacional; Flávio, dono de quatro apartamentos, quer abrir uma butique quando parar.

Palmerio Doria

A FAZENDA HOTEL FONTE SONIA APRESENTA SUAS NOVAS INSTALAÇÕES

Piscina com-deck, cavalos para as crianças brincarem, lagos para pesca, cascatas, bosques e jardins na melhor estância climática do Estado de São Paulo.

**PREÇO PARA CASAL CR\$ 250,00
TUDO INCLUIDO**

Apartamento com café da manhã, almoço, chá e jantar, saboreando os quitutes da fazenda.



Fazenda Hotel Fonte Sonia
Valinhos - Fone: 2300

Reservas com antecedência
pelos fones: 35-9505 e 33-2903.

PVC e FDA (Administração de Alimentos e Drogas): O que ocorreu, o que virá a seguir.

As restrições propostas sobre o uso de cloreto de polivinil (PVC) em garrafas, embalagens tipo ampola e outras embalagens semi-rígidas e rígidas que entram em contato com alimentos não são, de modo algum, motivo para considerar-se este plástico versátil uma coisa do passado.

Cuidadosas deliberações sobre a proposta da Administração de Alimentos e Drogas (FDA), os processos verbais envolvidos para dar à mesma o efeito de lei e as ações previstas — tanto técnicas quanto legais — das indústrias plásticas e de embalagem deixam alguma expectativa quanto à continuidade do uso seguro de PVC em embalagens alimentares.

Uma vez que o receio inicial provocado pela proposta se tenha abrandado, poderá ocorrer persuasão contrária e com ela uma justificação do PVC face aos insinuados perigos associados à sua aplicação para alimentos.

No interim, existe uma esperança da indústria que a ação da FDA não venha a ter consequências prejudiciais a todos os plásticos usados para aplicações em alimentos. Motivo: se os receios anteriores sobre os plásticos forem uma indicação da resposta do consumidor, poderá haver uma reação negativa quanto aos plásticos como uma classe. Mesmo nas áreas onde a FDA concedeu liberação, do ponto de vista de saúde, ao PVC para uso do ramo alimentar, os consumidores poderão adotar a atitude de que “não vale a pena arriscar”.

Para compreender plenamente o que a FDA está tentando fazer, é necessário analisar o texto da proposta contida no Registro Federal (Federal Register) a 3 de setembro.

Após discutir inicialmente os usos do PVC para aplicações em alimentos, a seção de comentários dá um histórico sobre a transferência do cloreto de vinil (VC) para o alimento. (FDA não se refere ao mesmo como monômero de cloreto de vinil. Ao explicar o processo químico envolvido na liberação do VC nos alimentos, FDA observa que não lhe foi possível detectar VC em quaisquer produtos de cloreto em polivinil plastificados, ou flexíveis, que analisou).

A parte do trabalho executado em 1973 por Schenley Distillers, relativo à transferência de VC partir do das garrafas de bebida de PVC, a FDA observa que outros relatórios e submetidos, relativos à transferência aos alimentos, geralmente “não incluíam informação adequada para avaliar a exatidão, tais como: uma adequada descrição da metodologia, incluindo cromatogramas; estudos sobre recuperação confirmando as pretendidas sensibilidades; dados mostrando a confirmação pela espectroscopia da massa e identificação do material plástico”.

O trabalho apresentado à FDA pela “Society of the Plastics Industry” (SPI), bem como material dos governos Britânico e Canadense, relatam o encontro de VC em várias amostras de alimentos. Todavia os dados disponíveis indicam, é feita a observação, que certas aplicações de VC não apresentam uma possibilidade realista de sua transferência. E além disso, o agente Alexander Schmidt, que assina o relatório, diz que FDA desconhece quaisquer descobertas da transferência de VC partindo de filmes, forros de tampas, revestimentos, juntas ou tubulações flexíveis.

“Resultados de análises de partes extraídas de tais artigos não mostraram cloreto de vinil averiguável” observa o documento. “As próprias análises destes artigos plásticos não mostraram cloreto de vinil averiguável usando-se métodos analíticos declarados como capazes de detectar um nível tão mínimo quanto 1 parte por milhão (ppm) de VC residual. Nenhum VC residual foi encontrado na análise da FDA em saquinhos de sangue e tubulação flexível, usando-se um método capaz de detectar 0,35 ppm de VC residual.”

No que diz respeito a outros tipos de recipientes, a FDA observa uma grande variedade de produtos embalados em PVC rígido ou semi-rígido, variando em espessura de 7 a 20 mm. Estes incluem óleos vegetais, vinagre, mel e suplementos líquidos de vitamina. Grandes quantidades de carnes beneficiadas são embaladas em recipientes rígidos e semi-rígidos de PVC, e geleias, mel e outros condimentos, são frequentemente comercializados em recipientes de porções individuais fabricados de polímeros de PVC.

Existe um nível seguro de ingestão de VC? FDA diz não ter conhecimento de qualquer dado adequado de toxicidade, de estudos sobre alimentação de animais que demonstrasse um tal nível. Assinala que são necessários estudos intermináveis para avaliar adequadamente o potencial quanto aos efeitos de longo alcance, tais como carcinogenicidade.

Está incluído material de um relatório preliminar referente aos possíveis efeitos danosos da ingestão de VC. No trabalho executado pelo Dr. Cesare Maltoni na Itália, o qual não será concluído antes do próximo ano, ficou estabelecido que na intubação em ratos — alimentação por sonda de VC durante 52 semanas diretamente no estomago, numa solução de óleo de oliva em níveis de dosagem de 50 mg por quilo de peso do corpo — dos ratos que morreram, um rato no grupo de mais alta dosagem tinha angiosarcoma (uma rara forma de câncer) do timo, e um rato daquele grupo de dosagem ao nível de 16,5mg tinha angiosarcoma do fígado. Não foram relatados tumores no grupo de dosagem de 3,3 mg ou no grupo de controle.

Baseado nestes dados incompletos, o Agente Schmidt conclue que é possível que, quando for concluído o estudo de Maltoni, venha ele mostrar que o VC é carcinogênico quando ingerido. O Agente conclue que os dados preliminares combinados com outros dados disponíveis são suficientes para justificar as ações propostas.

Tendo examinado os dados disponíveis referentes à segurança do cloreto de vinil e a probabilidade da transferência do VC aos alimentos, o Agente conclue que o uso de polímeros de VC deveria ser proibido onde haja uma razoável probabilidade de qualquer transferência do VC para os alimentos.

Esta conclusão é consistente com as exigências da Lei sobre Alimentos, Drogas e Cosméticos quanto a todos os usos de polímeros de VC, quer anteriormente sancionados, aprovados nos aditivos alimentares, ou baseados na suposição de que são eles geralmente reconhecidos como seguros (GRAS). A Lei proíbe o uso de artigos que entrem em contato com os alimentos, que possam tornar o alimento prejudicial à saúde.

Embora formas rígidas e semi-rígidas de PVC venham a ser eliminadas pela ação proposta da FDA, outros usos do PVC terão permissão para continuar. Estes incluem: finas películas plastificadas, forros de jarros e tampas de frascos, juntas, tubulações flexíveis, e adesivos contendo polímeros de VC.

No futuro, caso o regulamento se torne definitivo em sua forma proposta, os polímeros de VC poderão ser usados em aplicações rígidas e semi-rígidas mediante aprovação de uma petição relativa especificamente a alimentos. Adicionalmente a outras informações exigidas para tal petição, serão necessários dados para demonstrar que não há expectativa razoável de que o VC venha a tornar-se um componente do alimento. Para os fornecedores de embalagens e materiais, este é um importante aspecto da proposta pois sugere uma oportunidade para usos futuros do PVC nestas aplicações.

FDA observa que, quando os regulamentos finais forem emitidos, poderá

ser necessário definir as classes dos artigos de PVC permitidos para entrar em contato com o alimento “com maior particularidade. “Por conseguinte”, acrescenta, “baseadas nos dados disponíveis em informações relativas a probabilidades teóricas de transferência do VC, as especificações para os artigos permitidos deverão ser estabelecidas em termos de espessura, grau de plastificação, método de polimerização empregado, conteúdo de VC do “Composto” usado, calor aplicado durante o processamento, e critérios similares”.

O Dr. Schmidt deixa uma outra esperança aos embaladores. Observa ele que está ciente de que a tecnologia para reduzir a quantidade de VC (monômero de cloreto de vinilo) nos polímeros de VC, ou eliminá-lo inteiramente, está se desenvolvendo rapidamente — cita ele um relatório da Ethyl Corp. publicado em “Modern Packaging” de abril, páginas 45-48 — e que grandes avanços ainda não de conhecimento da FDA poderão ter sido feitos nos meses recentes.

E abre ele a possibilidade de que poderão existir classes adicionais de embalagens que entrem em contato com os alimentos, sobre as quais não há probabilidade razoável da transferência do VC. As informações relativas a estes aperfeiçoamentos deverão ser submetidas à FDA em forma de comentários sobre a proposta. Deverão estar incluídos em tais informações, dados, metodologia analítica usada e uma análise teórica da probabilidade de transferência.

FDA planeja também investigar quaisquer problemas potenciais associados com embalagens de PVC para cosméticos, drogas e dispositivos médicos. Entretanto, não foi estabelecida uma data para uma proposta regulamentação destas áreas.

Como o Dr. Schmidt sente que existem alternativas disponíveis para os materiais que o FDA está propondo restringir, “o risco” diz ele, “é um que nós como nação podemos evitar”. Mas, acrescenta ele, a situação não garante a promulgação de regulamentação sem uma oportunidade para comentários públicos. “Nem tampouco exige a retirada e destruição de alimentos já embalados”, crê ele.

A primeira reação veio da SPI. Deverá ela solicitar um relatório completo sobre os regulamentos propostos. O presidente da SPI, Ralph H. Harding Jr., comentou que a FDA reagiu com “pânico injustificado” à possibilidade de transferência de VC para os alimentos, partindo de recipientes de PVC.

Chamando de “incompreensível” a proposta da FDA para retirar as sanções anteriores sobre recipientes, à luz dos dados que a indústria já apresentou à FDA, Harding afirma que SPI manterá em sua disputa o argumento de que não existe possibilidade prática de transferência de VC monomérico.

A qualquer um que pretenda fazer comentários sobre a regulamentação proposta (o prazo final é de 3 de novembro), FDA recomenda a inclusão de todos os dados e informações disponíveis que ajudem a identificar aplicações e especificações particulares garantindo que não há possibilidade razoável de transferência. O motivo: Quando surgirem os regulamentos finais baseados em tais dados e informações (FDA crê que isto poderá ocorrer a qualquer tempo entre seis meses a um ano, a partir de 3 de setembro, data da proposta), poderá ser adequado restringir ou eliminar os usos de materiais agora permitidos.

Transcrito do número de outubro de 1975 — páginas 5, 6 e 37, de Embalagem Moderna (Modern Packaging).

RACHEL, Cr\$ 600, A HORA

"A parte mais legal é quando a Rachel Welch fica seis minutos em cena, com trajes sumarríssimos, fazendo barulhinhos sensuais com a boca. O Waldomiro Saad viu isso em Las Vegas e disse que a platéia delira!"

Dia 19 no Beco, trazido por Waldomiro Saad Produções Artísticas, ao preço de \$ 350 mil cruzeiros para fazer duas apresentações, de uma hora cada, será montado o mesmo show que Rachel Welch, 35 anos, apresentou em Paris, Caracas e Las Vegas.

"Tudo igual, cenários, roupas, som, tudo importado" garante Antonio Serral, que responde pelo Beco na ausência de Abelardo Figueiredo. "Além de vir acompanhada de um séquito, com cabeleireiro, secretária particular, maquiador (que pediu uma cadeira especial, parecida com a de barbeiro) uma orquestra com 24 músicos, um corpo de 6 bailarinos, Rachel Welch exigiu uma equipe de segurança que falasse inglês, uma caixa de coca-cola gelada, um sofá confortável, para descansar entre as duas apresentações, sem sair do camarim, e, o mais importante, que as mesas mais próximas estivessem a 3 metros do palco.

"Sabe o que acontece? — comenta o chefe dos maîtres — os vips que vêm de fora ainda pensam que temos índios nas ruas. Mas é só sobrevoar a cidade, na chegada, que perdem o medo."

Mas o problema da segurança está quase resolvido. Segundo Serral, provavelmente Rachel Welch será considerada hóspede oficial da Secretaria de Turismo, que lhe entregará as chaves da cidade, e se encarregará da sua segurança: "o carro, inclusive, teria sempre à frente os batedores da Polícia Militar".

"Dessa vez — explica Serral — o Saad não quis fazer como fez com o Kojac, levar o artista para o Anhembi, cobrar \$ 30 e faturar pela quantidade, porque além do Kojac não ter acontecido lá, o show da Rachel, que não é cantora, é muito íntimo, precisa de um certo ambiente... É muito mais plástico, visual, que qualquer outra coisa. Ela fica o tempo todo no palco, trocando de roupa várias vezes, atrás de um biombo. Em Las Vegas, quem viu disse que ela fica em pelo, mas aqui não vai dar..."

O primeiro show será às 21:30 e o segundo às 2:00 h. Estão à venda 3 tipos de ingressos: os lugares mais perto do palco custam \$ 600, os do meio \$ 500 e os de trás \$ 400. Jantar e bebidas serão cobrados à parte. A lotação da casa é de 600 lugares e no dia 2, apesar dos ingressos-programas (cópia fiel de Las Vegas) ainda não estarem à venda — porque faltava registrar o contrato para garantir o espetáculo — a metade estava reservada.

Não é uma artista fabricada; é uma mulher fabricada

Uma calça italiana, muito justa, justíssima. Uma blusa de alcinhas, que poderia ser comprada em qualquer loja. Foi assim mesmo que ela chegou em Hollywood, com 23 anos, no começo de 1964. Três anos depois, o corpo perfeito revelado por um biquíni de couro, Rachel Welch estava na capa das revistas do mundo inteiro. Era o símbolo sexual lançado à adoração dos anos 60, a estrela que iria acabar com todas as superestrelas. E, sobretudo, um produto de irretocável acabamento. Seu lançamento no mercado fora planejado com um cuidado nunca visto. O agente Patrick Curtis, a quem Raquel entregara seu destino, não se esquecera de qualquer detalhe.

Uma superestrela, sem ter feito qualquer filme. A mulher mais desejada do mundo, apenas por uma foto. Dois títulos ameaçados pelo macacão de plástico que escondia sua beleza em "A Viagem Fantástica", mas confirmados pelo biquíni de pele em "Um Milhão de Anos Antes de Cristo", o segundo filme de Rachel. Que não era exatamente o segundo, mas era muito melhor que ninguém soubesse que uma superestrela havia feito pontas irrelevantes em filmes de que ninguém se lembrava.

A mulher mais bela do mundo? Certamente. Poucos meses antes, essa mulher chamava-se Ursula Andress. Rachel não se esqueceu e sua boca cuidadosamente esculpida a bisturi abriu-se, revelando os dentes perfeitos, cerrados um a um até ficarem no tamanho exato: "Ninguém pode ser a mulher mais bonita do mundo. Isto não passa de um conto de fadas temporário". Poucos não se surpreenderam com a frase. Afinal, não faltava quem pensasse que Rachel fosse um robô de extraordinária



perfeição; ou quem garantisse que seu corpo fora modelado a silicone dos joelhos para cima. Havia até mesmo os que garantiam que Rachel Welch era homem. Esta acusação foi destruída por um escândalo, a descoberta de seu casal de filhos, saldo de um secreto casamento anterior com um homem chamado Jim Welch.

A própria estrela confirmou isto, ao mesmo tempo em que sua tórrida cena de amor com o negro Jim Brown em "100 Rifles" concentrava sobre seu corpo as mais delirantes fantasias eróticas. Rachel então casou-se. Com Curtis, naturalmente, um homem baixinho e antipático que durante três anos aplicara nela o seu dinheiro (aulas de etiqueta, de arte dramática, de dança, uma infinidade de cirurgias plásticas). Era uma forma de reconhecimento, afinal. Sem ele por perto Rachel jamais teria encontrado sensualidade em sua voz rouca, nunca teria sabido usar seus gestos enérgicos, seu queixo desafiador, seu olhar agressivo. Ela nunca teria descoberto que tudo isto deveria ser destacado numa mulher que pretendesse ser o símbolo erótico de sua época.

No primeiro ano de carreira, Rachel Welch conseguiu ganhar um milhão de dólares. No segundo, estava casada. No terceiro repetiu a frase comum a todos os símbolos sexuais: "Quero ser atriz". Tentou, e muito, em "Myra Breckenridge", o escandaloso romance de Gore Vidal (no Brasil, o filme chamou-se "Homem e Mulher Até Certo Ponto"). Fracassou. O filme também. A década chegava ao fim, Rachel foi filmar na Itália. Ela ainda era uma estrela sim. Mas não, e definitivamente, "a estrela que acabaria com todas as superestrelas".

Há quem garanta que Rachel acabou conseguindo representar, em "Brutal Beleza", um filme de segunda.

Há quem garanta que ela jamais conseguirá isto: Como o diretor Herbert Ross, que desesperado com a impassibilidade do seu rosto, quase o destruiu a bofetões durante a filmagem de "O Fim de Sheila". Ou como Liz Taylor, cujo marido Rachel andou tentando quando filmavam "Barba Azul": "Coitadinha, tão perfeita. Colocaram tudo nela em proporções exatas. Pena que tenham esquecido do cérebro". E Rachel continuou arrastando junto com sua fama e glória a inimizade e o desprezo de todos os que não alcançaram sucesso tão fulminante. "Poucas pessoas são tão odiadas em Hollywood", diria dela o crítico e ator Rex Reed.

Em 1972, Rachel abandonou o marido e a imagem, quase ao mesmo tempo. Passou a viver, sem se cansar, com Ron Talky ("Mas isto não quer dizer que deixarem de sair com outros homens quando me der vontade"). E vestiu-se da cabeça aos pés para ser transformada na adorável órfã Annie num filme de tevê. Depois, fez outros filmes, fez shows em Las Vegas, estrelou especiais para a tevê, cantando e dançando. O produto perfeito para o consumo dos anos 60 não ultrapassou a previsão dos vendedores. Ainda encontra bons mercados, contudo. Os produtores continuam convidando Rachel para enfeitar seus filmes (a maioria evita o verbo interpretar quando fala dela), como em Os Três Mosqueteiros.

Há dez anos, do alto de uma escada e sob o brilho de mil flashes, ela afirmou desafiadora: "Vim para Hollywood e descobri que aqui todos são medrosos. Venci porque tive coragem". Há pouco tempo, numa entrevista menos concorrida, Rachel foi mais sincera: "A beleza foi uma espécie de mula para mim. Foi com ela que construí minha carreira".

Por que motivo iria Elis Regina brigar com as pessoas que a ajudaram a fazer o melhor show dos últimos 12 meses? O motivo de uma briga dessas só pode ser um: dinheiro.

Os brigões são três: além de Elis, temos do outro lado a atriz Miriam Muniz, que dirigiu o espetáculo; e o artista Naum Alves de Souza, responsável pela cenografia e pelos figurinos. Estes querem receber os 5% da bilheteria, o que — conforme dizem — haviam combinado verbalmente com Elis, durante a criação do "Falso Brilhante". Elis não fala nada. Quem fala é um de seus dois advogados, Edgard Silveira Bueno Filho. Sem "entrar no mérito da questão", se combinaram ou não, o advogado diz que já ofereceu os 5% a Miriam (normalmente, o diretor de um espetáculo costuma ganhar entre 3 e 7% da bilheteria); quanto a Naum, o advogado de Elis anuncia que está "estudando o caso".

A primeira nota da imprensa sobre a briga saiu duas semanas atrás, na coluna que Walter Silva tem na Folha de S. Paulo (Walter Silva, o também radialista "Pica-Pau", foi o responsável pelo lançamento de Elis Regina em São Paulo, no programa O Fino da Bossa, em década atrás.) Em sua coluna, o antigo apresentador do programa "O Pica-pe do Pica-Pau", entre outras coisas, chamava Miriam Muniz e Naum Alves de chantagistas. Claro que Miriam julga a matéria da Folha "inverídica" e "sacana". O recorte de jornal está anexado aos documentos juntados pelos advogados de Miriam Muniz e Naum Alves de Souza.

Até duas semanas atrás, Miriam e Naum vinham tentando, através de encontros e diálogos com Elis, receber os 5%. Só no primeiro mês, segundo um torcedor de um dos briguentos, a bilheteria de "Falso Brilhante" — rendeu surpreendentemente perto de 800 mil cruzeiros — o que significaria 40 mil cruzeiros para Miriam e 40 mil para Naum. O Teatro Bandeirantes, na Brigadeiro, tem quase 1.050 lugares. A 40 e 20 cruzeiros a entrada, a casa lotou diariamente desde a estréia no dia 17 de dezembro, com muita gente em pé, inclusive. Um dia, Elis começou a não querer falar mais do assunto com Miriam nem com Naum. Mas seus dois advogados já estavam cuidando do caso.

Então veio a nota da Folha. Irritados com a acusação de chantagistas — que Elis nega ter feito — Miriam e Naum foram à Sbat (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), que, como é normal, servia então de mediadora. Houve uma primeira reunião com todos os advogados: os dois de Elis, o de Miriam e o de Naum. Não houve acordo. Durante toda a semana passada, Jair Bittencourt, representante da Sbat, tentou promover novas reuniões, mas sempre uma das partes faltava. Miriam nega que lhe tenha sido proposto passar a receber 5% da bilheteria; enquanto o advogado de Elis, Edgard Silverira, diz que Miriam pedia, agora, 10%.

Fracassadas as negociações na Sbat, Jair Bittencourt lavou as mãos e diz que o caso agora deverá ser resolvido na Justiça — embora os advogados de Elis ainda digam estar procurando um acordo amigável. Mas um "observador" diz que um dos advogados tem um trunfo escondido nas mãos, que pode decidir o caso muito desfavoravelmente para Elis. Aguardem: na semana que vem pode haver mais um capítulo. Ou o fim da novela. Certamente sem happy-end.

A ELIS QUER VOLTAR À SARJETA

ELIS NÃO QUER FALAR DA BRIGA. "TOU AQUI PRA VER COISAS E DENUNCIAR, ENTENDE? AS OUTRAS COISAS PARALELAS, EU PEÇO QUE SEJAM COMENTADAS COM AS PESSOAS DEVIDAS", DIZ ELA. ENTREVISTA A EDUARDO BAHIA

AQUI — Gostaria que você me falasse a respeito do "Falso Brilhante".

Elis — Chega um determinado momento em que satura e você não quer mais comer, você quer vomitar. E eu estava numa fase de vomitório. Estava pensando seriamente em tirar o time de campo. Sair. Ir pra minha casa. Sambar... E aí então João Bosco e Aldir Blanc, (compositores de "Dois Pra Lá, Dois Prá Cá") bateram um papo imenso comigo. Muitas horas, e me explicaram que eu realmente não tinha condições de sair. Era uma mentira para mim. O que estava acontecendo é que estavam surgindo barreiras, e que o negócio mais digno era vencer estas barreiras, em que fosse preciso partir da estaca zero de novo. Aldir, que sabe mexer com a cabeça das pessoas, inclusive é psiquiatra, sacou toda a transição, todas as dificuldades que eu estava tendo, que no geral são as dificuldades de todo artista brasileiro, e até latino-americano, e deu-me uma saída: "Explique-se. Explique a sua escapada para a magia, para a quixotada. Conte para as pessoas o que você está contando para mim." Bem, definido o conteúdo do espetáculo na cabeça, partiu-se para a forma.

AQUI — Foi definido o conteúdo lá no "Macunaíma"? (Centro de Estudos, onde Miriam Muniz atua na diretoria).

Elis — Não, o conteúdo estava na minha cabeça. Eu sou uma das pessoas menos maleáveis da face da Terra, inclusive sou tida como uma pessoa difícil. Não deixo moldar minha realidade, pois quem a faz sou eu mesma. Mas claro, eu sou uma pessoa que vive, e aprende. Quando tem um dado novo, a gente ouve, digere, e fica com aquilo que interessa, e joga fora o resto, como qualquer processo de alimentação... Felizmente eu encontrei um grupo muito inteligente, muito bem dotado, e com muita história paralela pra contar. E o "Falso Brilhante" é a minha história, e a rapaziada também deu o seu depoimento, ou melhor, dá o seu depoimento, contando todas as barras que passou até chegar hoje. (— Mãe, dá uma desligada nesse televisor aí, porque Amaral Netto é pra galo. Ou muda de canal, qualquer coisa...) Então, o circo aramista, é a oscilação natural de qualquer artista. Hoje você é alguma coisa, e amanhã pode não ser nada. É o pão e o circo, né? E "Falso Brilhante", porque não é bem o que as pessoas pensam. É muita capa de revista, muita entrevista, mas também muito pau comendo por trás disso tudo. É a perspectiva de ter que comprar um litro de leite amanhã, e não ter dinheiro, e não é pelo fato de não acontecer comigo que eu desconheço essa realidade, porque os privilegiados, os habitantes do Olimpo musical brasileiro são poucos. Dez, doze, quinze no máximo, mas a grande maioria pasta, e violentamente. Então o depoi-



mento só é válido porque estou encarnando a maioria, com todas as dificuldades que essa maioria enfrenta. E foi o que nós procuramos fazer. E isso serve aqui, pro Uruguai, pra Bolívia, pro Peru, pra Venezuela. Pra toda América Latina. Só se modifica o idioma. A partir do momento que você habita uma realidade subdesenvolvida e desenvolve uma posição igual a essa, a coisa é toda igual, as possibilidades e limitações são literalmente mesmas, e o "Falso Brilhante" é exatamente isso, até que o camarada toma consciência disso, e publicamente resolve, ao invés de dar um tiro na cabeça, partir pra quixotada. Porque só sendo Don Quixote é que sobrevive, brigando contra moinho, fingindo que não está acontecendo nada, e então age malandramente, safadamente, e assume um comportamento de marginal, que ele sabe e tem consciência que é.

AQUI — Segundo os jornais, está havendo uma briga entre você, a Miriam Muniz e o Naum Alves, que pedem 5% da renda bruta da bilheteria, conforme havia sido combinado verbalmente por ocasião da criação do espetáculo. Em que pé está a discussão hoje?

Elis — Inicialmente eu queria esclarecer que não contratei o Centro de Estudos Macunaíma, contratei a Miriam Muniz.

AQUI — Mas como ficam as coisas agora?

Elis — Bem, quando é oportunidade de conversar, conversa-se. O meu departamento é o da música. Eu me comprometi a pisar no palco às 9 horas da noite, cantar, fazer o "Falso Brilhante", e sair do palco às 11 horas. E faço isso com total responsabilidade, consciente do meu dever. As outras coisas paralelas, eu peço que sejam comentadas com as pessoas devidas, já que foram invocadas para isso. Portanto, as minhas coisas são minhas, e

continuarão sendo. Esse outro tipo de papo eu não sei comentar nestes termos. O meu departamento é cantar. O que tiver que ser discutido com minha firma (Trama) que seja discutido com minha firma. É uma coisa meio enrôlada porque é um troço paralelo. Eu sei e não sei ao mesmo tempo, saca? Os departamentos se confundem, mas os assuntos que tenham que ser resolvidos com a Trama, que se faça com ela, eu não tenho nada de ver com isso. Como já disse, saio do teatro às 11 da noite e vou pra casa cuidar de mamadeira, de fralda, de supermercado, de colégio. Eu não sei falar de coisa que não entendo.

AQUI — Elis, em 66, 67 e 68 você tinha uma imagem de cantora contestadora, que falava as coisas que queríamos ouvir. É verdade que na época tinha-se mais liberdade para isso. Lembramos facilmente de você, de Chico Buarque, Nara Leão, Gilberto Gil e outros mais. Quando você mudou pro Rio mudou sua imagem também, e mudou a imagem de uma pessoa que não estava mais fazendo aquilo que a gente queria que você fizesse, ao contrário do Chico por exemplo.

Elis — Eu queria que você visse o "Falso Brillante".

AQUI — Eu vi. Mas eu queria saber o porque da transformação.

Elis — É o seguinte: não existem compartimentos estanques na vida da gente. Você não é artista até certa hora e depois passa a ser um indivíduo. As duas coisas se fundem muito, e quando você como pessoa não está legal, quer dizer, você não vive uma realidade legal, boa, apaziguante, confortável, você se confunde. Prá bom entendedor, um terço de palavra basta. Quando você tá completamente arrebitado, você não faz coisas certas. Não tem possibilidade de... Porque tem tanta coisa errada, que por mais certo que você queira ser, chega um momento que você perde as rédeas. Até o dia que se para e repesa. Nunca o indivíduo é menos importante que a função que ele exerce. Tem que se estar individualmente numa ótima, para que sua função seja exercida integralmente. Quando, como indivíduo, está f..., não se tem condições de exercer sua função na sociedade numa boa. Fica-se tão preocupado com seus problemas pessoais, que não tem mais tempo de pensar noutras coisas. Só se pensa em si mesmo e se passa a conjugar o verbo na primeira pessoa, do singular. E quando fica-se numa ótima, passa para a primeira pessoa do plural. Então, eu acho que é um crédito de confiança que as pessoas têm que dar. Não existe um ser humano que, todos os dias, faça

uma coisa genial. Tem pessoas que passam por períodos de oscilação. Acho que todas as pessoas passam por estes períodos. Gênios, maravilhas, pessoas incríveis têm linhas de oscilação. E como somos pessoas sensíveis — e quanto mais sensível, mais se ferra — chega uma hora que perdemos, realmente, a noção de tudo. Porque se está f..., porque se está carente, porque está vivendo uma realidade adversa, porque está com o filho à morte, enfim, porque se está com porradas de problemas prá se reolver. Fica-se com pena de si mesmo, que esquece do vizinho. No momento que começa a limpar a área... não a de atrito porque áreas de atrito criei e vou criar a vida inteira, porque eu sou uma pessoa de porrada. Eu não estou aqui de passagem, estou aqui a negócios. É muito diferente. Tô aqui pra transar porradas, ver coisas, e denunciar, entende? E tanto denuncio que chamo o João Bosco, o Belchior, fulano, beltrano e canto músicas deles. A marginália vou lá e transo com ela, porque ali tá a coisa. Eu preferi voltar à sarjeta, pois foi de onde eu vim, sabe? Eu cheguei a essa conclusão. Eu precisava ter coisas, pra saber que elas são absolutamente dispensáveis. O negócio é voltar o mais possível, pros cheiros da minha infância. O oheirô do café da manhã da minha avó. Os barulhos da minha avó acordando cedo pra fazer o café pros meus tios que iam trabalhar, sabe? Essas coisas que fizeram de mim a pessoa que chegou aqui no dia 31 de março... conjuntamente... É, bicho, houve uma hora que eu destrambelei. Eu era filha de operário, e de repente vi poder na minha mão. Minha avó já dizia: "quem nunca comeu melado, quando come se lambuzei". Eu me lambuzei. Agora, sou suficientemente digna pra dizer que me lambuzei, e depois de lambuzada, eu me (c...) e agora eu quero me limpar. E acho tô me limpando, corrijo: acho não, tenho certeza, absoluta creteza. Doa a quem doer. Custe o que me custar. Eu vou ser uma pessoa fiel a mim mesma; as coisas que eu pensava com 13, 14, 15, 16, 17, 18 anos, quando então eu ingressei no Olimpo — e você sabe que ser mito põe você numa posição mais ou menos igual a Deus, e pra quem não está acostumado é uma barra um pouco pesada.

Agora, com 30 anos, dois filhos, dois casamentos, muita porrada na cabeça, acaba-se aprendendo que não tem muita vontade habitar o Olimpo, então o negócio é abandonar o Olimpo e ir pro purgatório mesmo, e ficar rolando na sarjeta como todo mundo, até o dia em que se esgotar a encarnação e partir para uma outra, e tudo bem. E eu, ainda bem que tenho essa abertura: fiz besteira,

tô aqui pra me limpra, admito, dou mãos à palmatória, e tá aí meu trabalho pra quem quiser ver. Isso tá entregue no espetáculo, e tudo bem. É a sujeira, é a marginália, é a clandestinidade, é o que você quiser, mas eu assumi a minha realidade profissional, que não é nenhuma, eu não tenho profissão. Eu sou um músico, mas não sou músico porque sou uma cantora, mas cantora não é nada. Eu sou desquitada, tenho um filho do segundo casamento, quer dizer, sou concubina, ou seja, sou aquilo que ninguém desejaria pro seu próprio filho. E assumi. E tô, bicho, doirmando como nunca. Acordo de manhã, olho pro espelho, dou um adeusinho pra mim, e digo: você tá jóia, vou morrer de satisfação por você. Se você continuar assim, vai ter que falar "m..." quando morrer, se não entra em órbita. E é isso aí.

AQUI — Agora, mudando um pouco, São Paulo tem uma imagem...

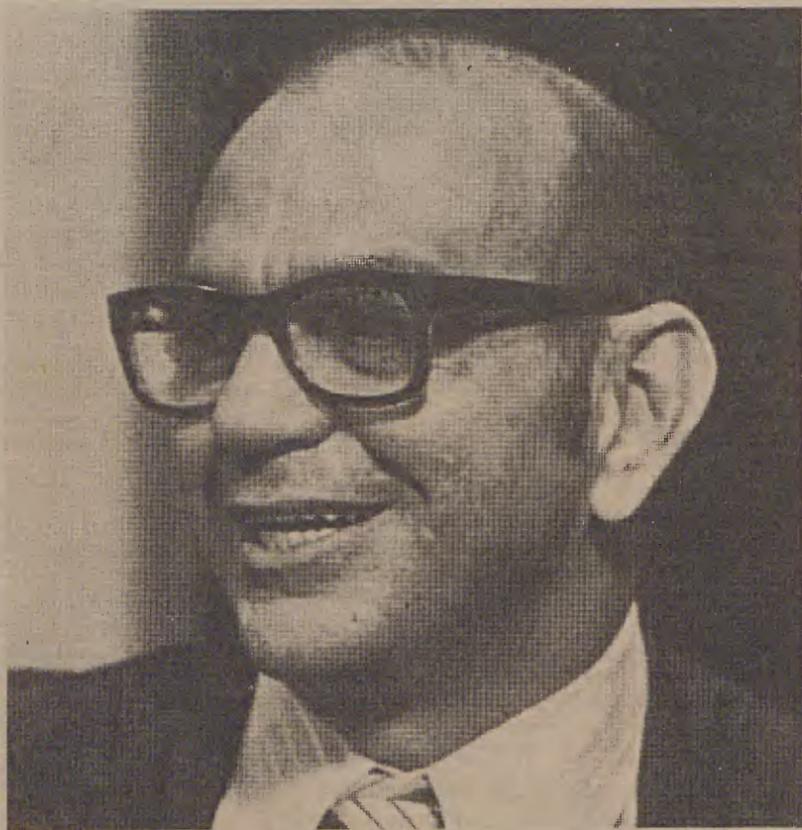
Elis — Meu filho, São Paulo é o país mais próximo do Brasil. Essa é outra história. São Paulo é uma das coisas mais bonitas que tem aqui, com todas suas contradições, seus altos e baixos, é um troço que te empurra prá fazer as coisas, sabe? Você acorda às 6 da manhã pra mandar seu filho pro colégio, às 7 passa a condução escolar, e aí estão as mulheres todas nas ruas, os filhos saindo pros colégios, os maridos pro trabalho, todo mundo dando adeus, e aí você já fica com vontade de ir pra padaria comprar o pão, o leite, vir pra casa, fazer a comida, e é centro, né? Centro de tudo, e nada melhor do que se estar no centro, no redemoinho. Roda mundo, roda gigante, e como já dizia Chico Buarque, é a roda viva, vamos embora. É aqui. Não saio, não tem jeito. Daqui pra Porto Alegre ou Nova York. Cada um pra sua origem.

AQUI — O espetáculo depois vai prá onde?

Elis — Vai pra onde der, mas eu moro aqui. Não saio daqui, não tem condição. Meus filhos já estão até com sotaque. Tá tudo bem. Meio italianados, todos.

AQUI — Existe uma certa onda, de que em São Paulo os shows não vingam nas épocas de férias escolares de fim/início de ano, mas o "Falso Brillante" provou o contrário?

Elis — Não dá bicho, como é que se vai parar uma de 10 milhões de habitantes? As pessoas que saem de São Paulo são em número muito reduzido, que vão pros Guarujás da vida, os Ubatubas da vida, e outros mais. Eu não acredito. E o povaréu que fica aqui? E vão ver o quê? Tem que ter o que ver. Supermercados estão cheios, filas de ônibus também. Realmente não dá prá parar...



LIMA DUARTE



GERMANO FILHO



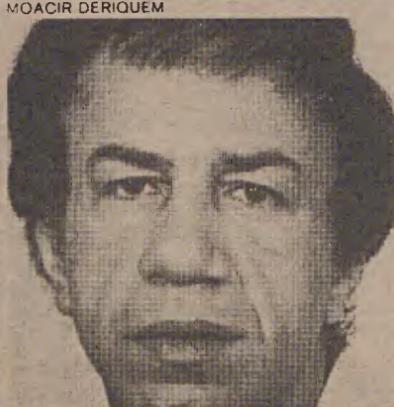
MOACIR DERIQUEM



LUIZ ARMANDO QUEIROZ



DEBORA DUARTE



NESTOR DE MONTEMAR

O susto.
O medo.
A cobiça.

PECADO CAPITAL

com
Francisco Cuoco
e Betty Faria.

Segunda a sábado,
8 da noite.
A cores.



REDE GLOBO

MÚSICA EM CASA

Vitor Assis Brasil — interpreta Jobim ***
Moraes Moreira — **
Minas — Milton Nascimento ***

Simon, simples como se cantasse no banheiro

Still Crazy after all these years — Paul Simon (CBS) — Depois de desfeita aquela que poderia se chamar de a melhor dupla de rock and roll dessa década, Simon e Garfunkel voltam agora desenvolvendo um trabalho individual. Garfunkel com um álbum solo em que realmente nada chega a acrescentar além do que todos já conheciam sobre seu trabalho em dupla, isto é, era o cara que cantava direitinho, principalmente fazendo os vocais que seu companheiro sabia dividir tão bem. Chegou também a compor com Paul algumas trilhas para filmes, a mais bem sucedida delas de "A Primeira Noite de um Homem" (The Graduate); com o tema principal "Mrs. Robinson" chegando a figurar por bom tempo nas paradas.

Mas, se tratando de Paul Simon, tudo muda de figura, especialmente no que diz respeito ao seu último trabalho lançado entre nós, onde ele, além de compositor e intérprete, aparece como excelente arranjador, escrevendo para cordas e metais. "Still Crazy after all these years" (Continua Louco Depois de Todos Esses Anos) é um disco próprio para quem esperava um trabalho avulso de Paul Simon, feito com a maior seriedade e com um time de músicos que não poderia ser melhor. Tem o piano de Barry Beckett, o baixo de David Hood e a bateria de Roger Hawkins (o trio que fez a "cozinha" no primeiro disco do baterista Jim Capaldi — ex-Traffic. Nesse disco Paul canta seus blues com a simplicidade de quem está no banheiro e não num estúdio de 32 canais. Tem ainda a novidade de Paul estar fazendo os arranjos, tanto de cordas como de metais, enfim um delicioso coquetel feito por um dos melhores trovadores da América.

Wind on the water — Crosby & Nash (Phonogram) — Antigo remanescente dos Byrds, David Crosby chegou a fazer um álbum com seu companheiro Nash onde os dois se identificavam totalmente com a linha country. Grahan Nash, um dos remanescentes dos Hollies, sempre foi excelente compositor, inclusive um dos principais responsáveis pelo repertório do Crosby & Stills & Nash & Young. Composições suas como "Chicago" e "Simple Man" eram sempre o ponto alto das apresentações do grupo. Veio a dissolução e cada um dos elementos foi para um lado, só que Crosby e Nash se encontraram e tudo indica que o casamento foi pra valer, pois já estão juntos desde 1973. Este disco é uma continuação desse trabalho, agora mais dirigido para a linha "nash" (de Nashville) e com uma novidade: a dupla abandonou as violas acústicas, com David Crosby tocando guitarra e Grahan Nash piano e harmônica. No mais é tudo uma reprise dos velhos chavões que eles tanto conhecem, com destaque para a faixa "Naked in the rain", que chega a lembrar a harmonia do antigo sucesso Chicago.

Pecado Capital — (Som Livre) — São as trilhas de novelas (a maior fonte de renda da gravadora Som Livre) que novamente voltam a atacar. Dessa vez, é a de "Pecado Capital", que chaga com a força de um furacão ameaçando bater todos os recordes de vendagem no gênero. Também não é para menos, já que o disco reúne alguns dos grandes vendedores de discos do país, como é o caso de Martinho da Vila (Você não passa de uma mulher) e Paulinho da Viola, este com o tema (Pecado Capital). Mas tem ainda o estreado Wando e a sua "Moça", Moraes Moreira e o antigo sucesso de Roberto Carlos "Se você pensa", cantando de uma maneira bem diferente, João Donato e uma parceria com Gil "Que Besteira"; e mais Sônia Santos, o conjunto Época de Ouro, Nana Caymmi cantando "Beijo Partido" de Toninho Horta e ainda Luís Melodia com a sua belíssima "Juventude Transviada", sem dúvida nenhuma, a melhor coisa do disco. (Interino)

Além de compor e cantar, ele ainda aparece como bom arranjador



Renato de Moraes

MÚSICA NA RUA

Alceu Valença — Teatro Aquarius ****
Jards Macalé — Teatro Oficina ***
Brazilian Jazz Stompers — Opus 2004 **

Bis para o cantor que come flor

Como convém, e merece, o artista Jards Macalé e seu show **Sorriso Verão** (Teatro Oficina, até domingo, 8): sem dúvida a principal atração da atual temporada paulista.

Se, como diz o samba, o que a platéia quer é aplaudir, pedir bis e ser feliz, os 100 minutos de coleante musicalidade, contagiante informalidade e refinado humor "colocados em exposição e audição" pelo compositor de **Movimento dos Barcos e Anjo Exterminado** são de tropical terapia. Os detalhes restantes a especular são certamente os cruciais da questão: teria a tradicional família musical brasileira absolvido e integrado o artista maldito e suas irreduzíveis posturas fora dos esquemas bem comportados? Teria o público evoluído ou o músico retroagido, talvez estacionado?

De fato, nem uns, nem outros, ambos, em proporções equivalentes. Virtualmente influenciado por suas recentes experiências cinematográficas (em **Amuleto de Ogum** e no inédito **Tenda dos Milagres**, dirigidos por Nelson Pereira dos Santos), Jards Anet da Silva, ou da Selva, ou da Vida, como ironiza Macalé, carioca em Ipanema, 33 anos, delas retirou valiosos ensinamentos. No domínio dos gestos e da encenação, na comunicação ampla e direta com a platéia, Macalé parece instaurar no show brasileiro o tão almejado elo entre a livre criação (em seus possíveis níveis hoje) e a receptividade/adeseção dos espectadores. Em termos mais abstratos ou metafísicos, o casamento do feitiço com o feiticeiro.

Da filtrada pureza do som a uma hilariante composição nova sua sobre a privada, **O Melhor Lugar do Mundo**, ou uma leitura de um texto do historiador Hélio Silva sobre o poder e o pijama (aliás, usado pelo artista), até imitações de Jorge Veiga e Louis Armstrong. Ou observações sobre a realidade presente e dados circunstanciais criados pelo público que encorpam ainda mais o espetáculo.

Afinal, um sucesso, que poucos se arriscariam a prever em 1969, durante sua inconformada interpretação de Gotham City no Festival Internacional da Canção. Ou mesmo pouco tempo atrás, o "cantor que come flor", como passou a ser reconhecido na rua depois de sua última aparição, cantando **Princípio do Prazer**, entre quebras de pratos e mordidas em rosas, no Festival Abertura.

Neste segundo show de sua carreira, de também dois LPs, Macalé alia interpretações personalíssimas de compositores desconhecidos (**Orara Analfabeta**, de Gorovrinha e Nascimento Gomes, **Mambo da Cantareira**, de Barbosa da Silva e Eloido Varthon) ou ilustres (**Contrastes**, de Ismael Silva, **Vara Criminal**, de Moreira da Silva). Para rir da dor e da morbeza romântica e enaltecer a miazade, ele ainda recorre a Chaplin (**Smile**), e Chuck Berry (**Johnny B. Good**), a amigos como Jorge Mautner (**Samba dos Animais**) e, naturalmente, a si mesmo (**Olho no Olho, Luz**, esta em parceria com Confúcio, Ezra Pound e Augusto de Campos). Com tal fôlego, poder-se-ia, inclusive, eliminar a correta participação da cantora-compositora cearense Marluí Miranda. E, no mais, parafrasear Caetano Veloso: "Salve o compositor popular".



Vaiado desde 1969, Jards Macalé enfim é absolvido pelo público

CAFÉ CONCERTO

Babau da Mangueira (Jogral) **
Ana Maria Brandão (Jogral) **
Zé Aneto Paschoal (Jogral) **

Pianista às vezes pensa em ir vender hot-dog

O Dias, pianista de 39 anos, trabalhando como profissional há mais de 20, tem um grave problema: quer alugar um piano para poder começar a escrever os primeiros arranjos para orquestra, mas não tem fiador e nenhuma garantia a fornecer. — "Tenho uma boa família e talvez até alguma tradição, mas falta uma propriedade" — completa ele meio sem jeito.

Cesar Dias, ex-piano em bar de hotel, ex-acompanhante da cantora Cláudia, ex-músico de baile de interior, ex-pianista de banda de circo, quer se isolar completamente durante uns 5 anos numa praia sem semáforo, sem buzina e sem poluição, para poder estudar com tranquilidade e voltar como maestro arranjador. Com entusiasmo, lembra a história recente do pianista Wanderley, muito conhecido na noite, que largou tudo, comprou um trailer e foi para Ubatuba vender hot-dog.

Mas enquanto isso não acontece ele toca com Irineu (contrabaixo e guitarra) e Neide (cantora) no "Pub Theodorus's", um barzinho muito bem montado no estilo inglês, na Alameda Lorena 1906, de propriedade de José Carlos de Andrade. O trio começa sempre lá pelas 8 da noite e vai até as 2 da manhã, executando um repertório quase que exclusivamente de música americana. A Neide Salgado, que veio de Santos e trabalha na noite há 20 anos, chegou a fazer um programa semanal na Tv Tupi em 62, chamado "Ela", onde cantava todo o repertório de Sarah Vaughan e Ella Fitzgerald, acompanhada de uma grande orquestra regida pelo maestro Radamés Gnattali. No ano seguinte foi convidada pela direção do Canal 7 para fazer uma réplica do programa da Tupi, só que desta vez trabalhando em dupla com Dick Farney e sob a direção de Eduardo Moreira, num especial chamado "Ele e Ela".

No Pub, o trio fica num andar superior e só é visto pelo público através do enorme espelho colocado no térreo. Mas também não faz diferença alguma, comenta Dias — "o pessoal só percebe que existe música quando nós paramos de tocar ou então quando sai alguma nota errada, aí sim todo mundo olha." É uma pena que seja assim, pois os três são excelentes profissionais e executam o tipo de música que escolheram, para trabalhar com a maior classe. A Neide, dona de um incrível swing, faz verdadeira mágica tirando som de uma aparelhagem de voz que não existe. Suas interpretações de "Misty" e "Cry me a River" chegam a ser tocantes, e no clássico "The Lady is a Tramp" mostra ser uma rainha da "divisão".

Ela é casada com o baixista Irineu, um dos poucos músicos que ainda prefere o tradicional "rabeção" ao contrabaixo elétrico, isso quando não está na guitarra. Começou tocando baixo-tuba na banda da Escola Técnica de São Vicente. Fez parte de um trio meio à base de "Los Panchos" com seu amigo Lúcio Cardin, autor de "Matriz e Filial". Depois de estudar contrabaixo com Luís Chaves (Zimbo Trio), Irineu trabalhou com Johnny Alf no extinto Juão Sebastião Bar, na rua Major Sertório, e ainda chegou a gravar alguns discos com Manfredo Fest.

No Pub, onde os três estão relativamente bem, pois pelo menos tocam somente as coisas que gostam, só existe um problema — é com relação ao pagamento, pois segundo Irineu existe uma verdadeira discriminação de instrumento, e não é só nesse bar. Por exemplo, o pianista e a cantora que trabalham exatamente o mesmo tempo que o contrabaixista, são mais bem remunerados, ganhando 200 cruzeiros por noite, enquanto o Irineu que toca dois instrumentos com grande profissionalismo recebe 125 cruzeiros. Quanto a mim só tenho uma queixa: paguei 45 paus por três cervejinhas em lata, nas me disseram que bar de gente fina é outra coisa mesmo.

Dias gostaria de se isolar uns 5 anos, e voltar como maestro



Sergio Mello

CINEMA EM CASA

Kolchak, Os Demônios da Noite ***
Enigma **
O Sexto Sentido **

O terror foi avacalhando, avacalhando...

Em plena madrugada, numa sala escura, assistindo uma "Sessão Coruja", não há quem resista a um bom filme de terror. Talvez numa sala de cinema, os outros espectadores sirvam de "distanciamento", não permitem que você se envolva num mistério mais tenebroso. Deve ser por isso, que, quando em dúvida, as nossas emissoras de teve sempre optam pelo terror.

A responsável pela moda entre nós foi mesmo a Bandeirantes. Seu "Cine Mistério" dos sábados às onze horas, foi campeão de Ibope até acabar esgotando o estoque de clássicos de terror das distribuidoras. A solução foi partir para uma variante, uma série que mistura aventura, terror e parapsicologia. Apesar do título de um mau gosto alucinado ("Kolchak" - colocado propositalmente para forçar a semelhança com o "Kojak" do pirulito), a série "Demônios da Noite" (The Night Stalker, 73-74) parte de uma premissa muito original.

Foram dois "filmes-pilotos" que a Globo exibiu com muito sucesso ("Panico e Morte na Cidade" (The Night Stalker, 71) e "A Noite do Estrangulador" (The Night Strangler, 72) que deu origem ao personagem Kolchak, um repórter do interior (Darren Mac Gavin) que é o típico anti-herói, sempre incompreendido pelos redatores-chefes (que o despedem continuamente) e os delegados (que o expulsam da cidade).

Kolchak sempre entra bem. No primeiro filme, ele estava em Las Vegas quando chega à conclusão de que o autor de vários assassinatos é um vampiro. No outro, descobre que o criminoso é alguém que já teria morrido há 120 anos. Naturalmente ninguém acredita nele e a série coleciona seus casos estranhos e seus azares.

Evidentemente os filmes esbarram num problema muito comum. É muito difícil encontrar boas histórias, bons roteiros, para fornecer aventuras convincentes a cada semana. E é exatamente deste mal que sofre "Os Demônios da Noite". A cada episódio, as idéias vão ficando mais pobres, a realização menos empenhada.

É certamente por isso que normalmente, quando se produz uma série de terror, procura-se partir para a antologia, um episódio completamente diferente a cada semana, a partir de um título vago como é o caso de "Enigma", o inglês "Journey to the Unknown, 67" todas às quintas às 24 h na Bandeirantes. Já exibido antes pela Tupi e pela Globo, "Enigma" foi feita pela mesma Hammer que foi responsável pela ressurreição de Drácula na figura de Christopher Lee.

A melhor coisa da série é mesmo a abertura, com uma camera subjetiva, que entra por um parque de diversões, subindo e descendo por uma montanha russa, prometendo nos conduzir por um "torvelinho de emoções", por regiões nunca dantes conhecidas.

Os episódios são quase sempre razoáveis, lidando com o trivial-variado da parapsicologia. Nesta duas últimas semanas, o assunto foi o mesmo: a premonição. Em ambos, algum vigarista procura se aproveitar do paranormal (para fazer chantagem ou obrigá-lo a se apresentar num night-club) com resultados desastrosos. O que nos faz pensar na velha crítica: nos seriados, só se mudam os sexos dos personagens, as histórias são sempre as mesmas.

Outra série semelhante está na Tupi, nos sábados depois das 22 horas: "O Sexto Sentido" (The Sixth Sense, 71). Só que esta parte de um ponto de vista pseudo-científico (na medida em que pode ser científica uma produção desse genero). Um médico parapsicólogo (Gary Collins) que trabalha num instituto de pesquisas, a cada semana tenta ajudar um novo paciente sempre às voltas com problemas sobrenaturais. Como sempre, o "filme-piloto" da série (onde Carol Lynley é a vítima) promete emoções que os sucessores não cumprem.

Enigma, hoje o 13, já andou na Globo e na Tupi, e sempre igual.



Rubens Ewald F9

CINEMA NA RUA

Lucky Luciano *
Um Inverno de Sangue em Veneza ****
Banzé no Oeste ***

Desta vez, sexo e gozação em Bergman

Na psicologia freudiana, Eros e Tanatos (o Amor e a Morte) constituem polaridades opostas: de um lado os impulsos eróticos, de gratificação da libido, correspondendo aos instintos de vida; e, de outro, as frustrações sexuais, dando lugar à neurose que favorece os instintos de autodestruição e morte.

Na mitologia grega, entretanto, Eros e Tanatos são irmãos. E nas filosofias grega e oriental, se a vida está intimamente ligada à morte, a morte também é um manancial de vida, além de ser a suprema libertação. Para Platão, a união dos dois sexos representa a reintegração das duas metades da laranja no Andrógino primordial, o ser perfeito que existia antes da "queda" da alma na matéria. A atração sexual, portanto, e o próprio ato biológico do amor expressaria esse anseio inconsciente de morrer no objeto amado, de destruir o dualismo e a separação, para voltar a integrar-se na unidade primordial.

Essas considerações, à primeira vista, parecem nada ter a ver com **A Última Noite de Boris Grushenko**, a comédia mais "filosófica" de Woody Allen. Mas o título original do filme, **Love and Death**, indica claramente que o autor-diretor-ator associou o amor à morte, embora talvez de modo inconsciente.

A Última Noite de Boris Grushenko é uma paródia do épico Guerra e Paz, de Tolstoi, tendo como fundo a música de Prokofiev. Estamos na Rússia, em 1812, em pleno período da invasão das tropas napoleônicas. "Made in Czarist Russia", diz o letrado de apresentação, primeira das muitas gags deste filme rodado na França e na Hungria.

Mas se Woody Allen desta vez se volta para o passado, mergulhando na História para fazer humor às custas dos discursos filosóficos e psicológicos de Tolstoi, Dostoiévski e de todos os grandes clássicos da literatura russa, o tema central do filme é sempre o sexo — uma das obsessões de Allen. Em Um Assaltante Bem Trapalhão (**Take the Money and Run**), Sonhos de um Sedutor (**Play it Again Sam**), Bananas, Tudo o que Você Sempre Quis Saber sobre o Sexo e O Dorminhoco (**Sleeper**), Woody expôs comicemente as suas frustrações sexuais. Em A Última Noite de Boris Grushenko, surge em seu humor uma nota mais amarga: o receio de que a morte não seja muito engraçada.

"Existem garotas do lado de lá?" pergunta Boris Grushenko (Woody Allen) à Morte que lhe aparece personificada — uma das muitas referências do filme a O Sétimo Selo de Ingmar Bergman. Condenado ao fuzilamento por um crime que não cometeu — um atentado à vida do sócia de Napoleão — o herói rememora todas as ridículas e anti-heróicas peripécias de sua vida. Munido de óculos contemporâneos e de uma neurose do século XX, ele sobrevive convaradamente a guerras e duelos, antes de conseguir desposar, por uma ironia do destino, a heroína Sonja (Diane Keaton), com a qual trava absurdos debates epistemológicos e metafísicos.

"Sócrates é um homem. Todos os homens são mortais. Logo, todos os homens são Sócrates". Com esse tipo de sofismas, aliados ao seu habitual **non sense** e à sua habilidade em jogar absurdamente com as palavras, Woody Allen parodia as dúvidas metafísicas de Bergman (Persona e O Sétimo Selo são os filmes mais visados), brinca com a problemática religiosa dos grandes escritores russos e com a própria terminologia filosófica. Mas as gags visuais, que pela primeira vez estão à altura de suas gags verbais, também têm vez, na homenagem que ele presta a Buster Keaton, Eisenstein, Chaplin e ao próprio cinema mudo.

Love and Death é o melhor filme de Woody Allen. Infelizmente, as legendas em português, como sempre, não fazem justiça aos diálogos em inglês.

"Existem garotas do lado de lá?", pergunta Woody Allen à Morte.



Pola Vartuck

ARTES PLÁSTICAS

Museu de Arqueologia (USP) ****
Maty Vitart (MASP) ***
Marcelo Nitsche (Global) ***



As tentações de Santo Antonio

Falso era o repórter, não o quadro

Estava justamente preparando uma prancha intitulada "Boato", para a exposição Grande São Paulo, quando recebi um tablóide anunciando na primeira página um novo escândalo no MASP.

Acostumado, depois de trinta anos, a ler não só opiniões — legítimas e necessárias à vida cultural, mas também desabafos amadorísticos e analfabetos feitos por doentes do cotovelo ou por capangas irresponsáveis; acostumado a não dar importância a este tipo de matéria "marronzinha", não me aborreci. Todavia acho oportuno oferecer uma aula ao denunciador do "falso" exposto em nossa Pinacoteca.

Não se discute com leigos problemas de atribuição, campo reservado aos especialistas. Quero, no entanto, explicar ao delator somente o seguinte: diga o que quiser da obra de arte em pauta mas evite usar a palavra "falso".

Quando se afirma que uma obra de arte é "falsa" significa que um malandro a produziu para enganar, para tapear. É verdade que, não conhecendo a terminologia da crítica, o rapaz também diz que se trata de uma "réplica". Mas réplica significa o autógrafo do autor. E então?

No caso do Bosch do MASP evidentemente não se trata de um "falso" pois já em 1937, o professor M.J. Friedlander, entre outros mestres da crítica, publicava em seu livro "Die Altniederländische Malerei" (volume XIV, páginas 99-100, ilustração número 90) as "Tentações de Santo Antonio" como obra autógrafa de Bosch.

Se o fabricante de escândalo tivesse ao menos consultado o catálogo do MASP teria lido na página 208: "Primeira versão, com variantes na composição, da parte central do tríptico do Museu de Lisboa".

O "marronzinho" não está autorizado, mesmo alegando ter cursado o ginásio em um ano, a intervir em problemas científicos como a atribuição de obras de arte. Se ele quiser aprender mais (para se "amobralar" em Bosch) posso informar que recentemente o caso das "Tentações de Santo Antonio" foi objeto de um exaustivo estudo no Centre National de Recherches de Bruxelles — o mais idôneo na análise das artes flamenga e holandesa.

As conclusões publicadas num ensaio assinado pela professora M. L. Lievens de Waegh ("Les Tentation de Saint Antoine de Jérôme Bosch au Musée de Lisbonne. Etapes de l'élaboration d'un chef-d'oeuvre". Buletin de l'Institut Royal du Patrimoine Artistique, tomo XIV 1973/74, páginas 152-175) concorda com a atribuição a Bosch do professor Friedlander: "I think I can conclude that the version (a do MASP) came before the one in Lisbon".

Quanto tempo os ignorantes fazem perder, e quanta maldade escondida atrás do anonimato irresponsável!

"Estou acostumado com desabafos amadorísticos e analfabetos".



Pietro Maria Bardi

NOSSA BERENSON PALCO E PLATÉIA DENTES PERFEITOS



Cristiana Seggia



Raul Cortez e Alice Giunta



Mabel Suplicy

AQUI, DANIEL MÁ

NO FUNDO E NO RASO A ROUPA DAS PESSOAS É A MESMA...

Babados bem franzidos

Márcio Seggia, quem diria, quanta intelectualidade. James Joyce fez questão de reencarnar-se para conhecê-lo e ficou fascinado. Quanto assunto em comum!

Palácio das moças

Realmente faz o maior sucesso (justo) o show dominical da boate Medieval. As moças são da melhor qualidade, pena que não aconteça o mesmo com a bebida — é a queixa de todos. A única mesa com reserva fixa da casa está em nome de Chiquito Scarpa.

Rico é assim

Paulo Fernando Marcondes Ferraz aumentando seu paulicismo: comprou "casa de polo" no Helvetia Moroni Polo Club. Aliás, cada vez mais o pouco de polo que havia no Rio vem se mudando para São Paulo. Olavinho Monteiro de Carvalho parece que também está nessa. Para um rico é muito mais fácil pegar um avião e saltar em Campinas, a um pulo do Helvetia, do que ir de carro até a Barra da Tijuca.

Atraso não, adiamento

A muito esperada para a festa guarugense de Germano Mariutti, Angela Dinis, não veio.



Os mesmos outra vez

O popular rico industrial franco-carioca Gerard Leclery chega ao Rio dia 20. Vai ficar uma semana. Vem diretamente do Caribe.

Confirmado: Florinda Bolkan quer mesmo vender sua casa da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Tem gente que não entende por que quem tem casa em Londres, apartamento em Nova York, casa em Roma, vai querer vender logo sua casa no coração do boom imobiliário carioca. Até sua irmã e gerente caseira, La Lina, levou um susto com a decisão de Florinda.

Bicolor: branco e vermelho

Ainda mariutteando: dois tons sobressaíram-se na noite. O branco, quase numa totalidade, e o vermelho, todo concentrado no blazer de José Zaragoza.

Mais um complexo mineiro

Quando Ivan Angelo surgiu, foi considerado o furor e a esperança do ficcionismo brasileiro. Depois, o jornalismo paulistano o engoliu. Agora ele volta com um romance de contos encadeados como um colar de pérolas (que Carmem Mayrink Veiga já mandou perguntar quanto custa). As editoras estão aflitas na disputa: todas querem Ivan Angelo. Evidentemente ganha quem pagar melhor. O livro vai se chamar A Festa, e não é uma homenagem a Alice Campello.

No rastro dos japoneses

Aparício Basilio da Silva faz parte do grupo que o nosso ministro Severo Gomes pega, segunda-feira no Rio, para o jantar aniversariante de Wilma Nascimento Silva na pró-

xima terça-feira, em Brasília. Aparício, por sinal, recebeu uma proposta bem alegre dos japoneses: 10 milhões de dólares por 51 por cento da sua perfumaria. Pero, nada feito. Mas já está certo que Aparício vai voltar a fazer estamparia, para a decoratividade...

sempre os mesmos

Jorginho Guinle passou por São Paulo com sua Tania Caldas. Agora, estão na dúvida se vão passar uma semana em Búzios ou Gstaad (néctar da Suíça). Em março, Los Angeles. Já está tudo certo para o Oscar. Antes Nova York, claro.

Falando em Gstaad, Ilde e Jean Louis Lacerda Soares já desceram para Paris e, no máximo até o dia 13, estarão em São Paulo.

Mas Alice Giunta chegou de Punta del Este. Caiu de paraquedas na festa de Germano Mariutti e terça-feira já reunia a turma para jantar: "Cheguei!"

Entradas, bandeiras e saídas

Falando em Germano, este ano a Mariutti & Duarte Aguiar completa a rota traçada há um ano e meio: o desenvolvimento do esquema de fabricação própria. Além de incluir o Rio de Janeiro no plano de expansão, Curitiba também terá sua boutique. Maio para o Rio, setembro para São Paulo.

No fundo, almas gêmeas.

Ângela Maria deu um jantar, convidou Elis Regina e Elis Regina não foi. Eis por que as moças estão brigadas, ou melhor, por que Ângela está brigada: só aceitará as pazes com Elis quando esta se retratar direitinho, explicando por que não compareceu nem ao menos avisou. Tadinha da Elis, tão preocupada com a sua retrospectiva não estar nem conseguindo concatenar data alguma. Na certa está pensando que esse jantar foi em 1923.

Aqui foi assim

Enfim estão inauguradas as boates Regine-Rio e Regine-Salvador. Em São Paulo há uma Regine (ainda tem casa chamada assim?) que estava só esperando a inauguração para entrar com processo dizendo que o nome é dela. Brincadeira de amador. No mais; tem um casal que não ganhou cartão "de

entrada" e ofereceu no cochicho 30 mil cruzeirinhos por um cartão com direito a convite para a inauguração carioca. Nem amador. Aqui já é debilidade mental mesmo e em alto estágio, porque os meios são tão mais simples e/ou mais fáceis...

Nas asas do mundo

Rudi Crespi sábado para Nova York onde se encontra com sua Consuelo para procurar apartamento. No caminho, desce em Bogotá para dar uma espiada na filha Pilar Echavarría. Agora o QG dos Crespi, marca registrada, será em Nova York. São Paulo, por enquanto, um prolongamento.

Espelho, espelho meu!

Raul Cortez e Norma Benguel juntos em São Paulo para remontagem de Virginia Wolf. A notícia é boa, mas os planos de Raul vão mais longe.



Germano Mariutti, o assunto.

TEATRO EM CASA

Pecado Capital ****
A Viagem ***
Canção Para Isabel **

Carlão, o brasileiro que foi pro ar

Os canais 4 e 5 mantêm, juntos, um total de 7 novelas no ar, no horário das 18 às 23 horas. Pode-se imaginar o que isto representa em horas de esforço conjunto, de atores, diretores, roteiristas, iluminadores, contra-regras, cenógrafos, figurinistas, etc; some-se o que essas duas emissoras despendem (sem esquecer, é claro, que esperam o ressarcimento vultoso através da promoção de vendas), em mão de obra, equipamento, cachês e tudo o mais que faz um espetáculo ir pro ar — e vemos como resultado um panorama melancólico.

Com exceção de *A Moreninha* (texto já consagrado pelo público); e *O Grito*, que seria uma experiência inédita, porque focalizaria problemas sociais ainda não conscientizados pela grande massa, temos ainda *Canção para Isabel*, *A Viagem*, *Bravo* e *Um Dia o Amor*. Todas representando um enfoque estéril, que os autores e produtores (e, por isso mesmo, as próprias emissoras), assumem diante do "teatro em casa".

Os temas quase não diferem uns dos outros, as situações são mais ou menos as mesmas, as personagens se confundem, e até a "técnica" de atuar é a mesma. Está legal, diria um amigo meu:

— "É isso mesmo que o povo quer..."

E eu digo que não é não. Duvido que o povo leve tão a sério essa coisa toda, tão a sério como quem produz. A seriedade com que são encarados esses textos é que é a grande tragédia. Esse teatro é produzido como se através dele a vida estivesse de fato sendo reproduzida, e em última análise, a vida fosse o que está ali. Ali está a "verdade". Não perpassa pelas cenas nenhum sentido crítico, nenhum humor que conteste nada. Pretende-se a reprodução da vida. Ora! A vida não se reproduz, cria-se.

E aí entra um fenômeno surpreendente que é *Pecado Capital*, encerrando em toda a sua produção um bocadão de ar e luz e vida, nesse panorama de velório. *Pecado Capital* engloba a vida e ao mesmo tempo põe em xeque o que vai dizendo, traz a ação e a crítica do que propõe. Apresenta tudo isso através do Carlão, personagem que sintetiza o brasileiro em todas as suas atitudes éticas e morais, mas sem nos dar comprimidos de moralismo. Ele sofre e é ao mesmo tempo vivíssimo, e pra cada obstáculo encontra uma saída. Em resumo: é gente. E os outros personagens são gente de várias camadas, mas gente que vive e respira os problemas das várias camadas sócio-econômicas que os estão vendo. Até o psicanalista, que seria uma atrapalhação num texto de novela, nada mais é que um homem tentando ajudar com sua técnica.

Acho que é suficiente vermos a novela através do apelo ao consumo que apresenta, e não precisamos de outras vinculações, como ao aspecto patético de um panorama de museu de cera.



"Pecado Capital engloba a vida e põe em xeque o que vai dizendo".



Hella Schwartzkopff

TEATRO NA RUA

O Noviço ****
Absurda Pessoa ****
Roda Cor de Roda ***



Ainda bem que o palavrão sai da boca de Irene

Se a Betty Friedan tivesse sido aluna interna no Sion do Brasil, e nos dias longínquos da puberdade tivesse sonhado em ser dramaturga, certamente teria bolado *Roda Cor de Roda*, numa noite de inquietação, rolando na caminha de colegial prisioneira, vendo o desenrolar da peça em sua cabecinha ingênua, sem ainda imaginar que seria um dia a "grande chefe do Women's Lib".

A peça se propõe a muito, quando se denomina *Roda Cor de Roda*, porque em verdade está mais conforme um quadrado cor de rosa. Vem atolada numa enxurrada de palavrões que despertariam muita hilaridade se fosse desempenhada por meninos e meninas de 12 a 14 anos, fazendo concurso pra ver quem sabe mais um — como aquele concurso clássico de todos os púberes: ver quem cospe mais longe. As idéias são as mais anacrônicas e pueris e chega-se ao clímax com uma das personagens (lá pelas tantas do desenrolar do concurso), vestida de azul, sob um foco de luz azul, recitando uma fala poetizada, dizendo das maravilhas de um mundo utópico em que o sol teria mil estrelas em volta, e a lua estaria envolvida por um arco-íris (tudo isso dito com a maior seriedade de que a atriz Lillian Lemertz é capaz).

Roda Cor de Roda, de Leilah Assumpção, tem no elenco Irene Ravache, Lillian Lemertz e João José Pompeo, com a direção de Antonio Abujamra, e com cenários e figurinos de José Anchieta.

A peça inteira está montada sobre um só elemento que é uma moça inteligente, versátil, com uma voz bonita e uma dicção privilegiada: Irene Ravache. É simplesmente fantástico o que ela consegue através do personagem de Amélia, uma dona de casa típica que se transforma em prostituta vivíssima, faturando horrores, a ponto de poder sustentar o marido e a ex-amante do marido (que agora seria a mulher, mãe dos filhos do casal). Dentro dessa coisa toda, que tem pretensões de ser crítica social, a partir de uma visão típica de adolescentes perturbados por crises hormonais, Irene Ravache dá tudo o que tem de melhor. Ela é bonita, charmosa, com uma agilidade insuspeitada, faz o que quer com o corpo, e tem um à-vontade que leva a gente a quase concluir que Abujamra deixou-a seguir por onde bem quisesse; e se isso é verdade, a moça não encontrará limites como atriz, se for dirigida com maiores exigências.

Sábemos que talentos não estão por aí florindo como as quaresmeiras neste verão, mas estamos esperando que dramaturgos que já foram até premiados pela crítica, como Leilah Assumpção, cuidem mais de suas criações, e não se desencaminhem por estradas fáceis como as da chanchada e outras mais, porque está faltando coisa boa, *minha gente*.

A cotação da peça aqui na coluna vale pela interpretação de Irene.

"Dentro dessa coisa, Irene dá tudo o que tem de melhor"

BEST-SELLER NA FRANÇA,
AGORA NO BRASIL.



O RETRATO SEM DISFARCE DE UM AMOR HOMOSSEXUAL QUE ESCANDALIZOU TODA A FRANÇA.

PROCURE JÁ, ESTÁ ESGOTANDO.

EM TODAS AS BANCAS E LIVRARIAS



Editora Três
símbolo de qualidade editorial

IGNÁCIO DE LOYOLA



"A gente paga por livro de cheque, paga por não sei o quê, paga para deixar dinheiro depositado. Qualquer dia, paga para entrar. Até que ia dar dinheiro. Um cruzeiro o ingresso já dava boa renda. Por que fui dizer isso? De repente, aproveitam a idéia..."

O sol vai amenizar tudo

Vamos fazer uma aposta?

De quanto? Não sei. Mas pouco, que vivo de salário.

Que aposta?

Dentro de semanas, ninguém mais fala em chuvas, enchentes, planejamento, orçamentos, soluções, grupos de trabalho.

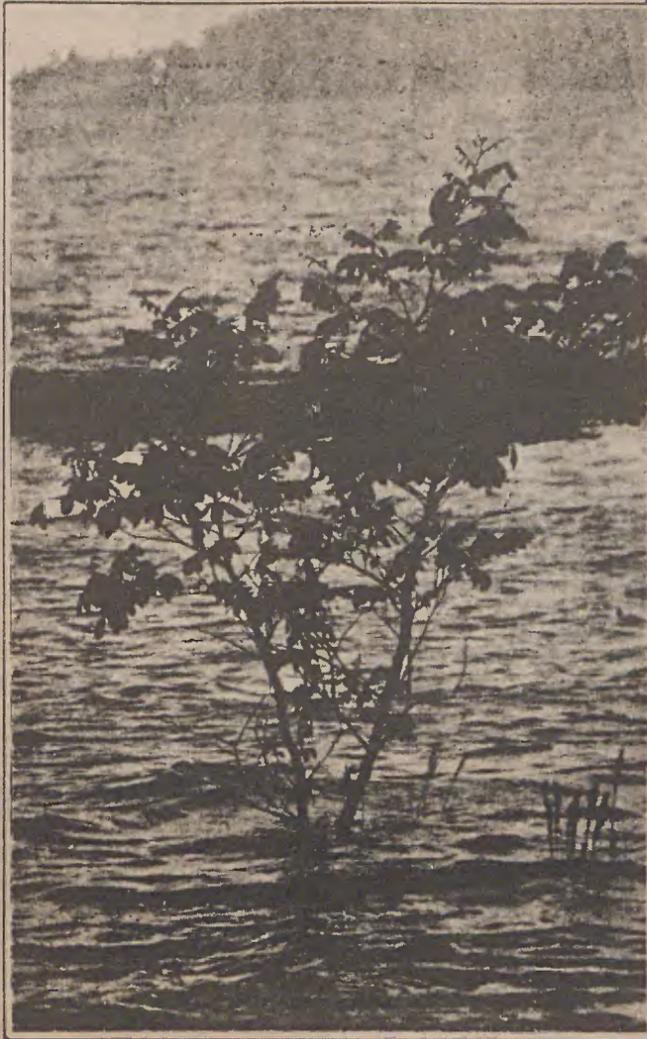
Com a chegada do sol, tudo vai ser esquecido.

O governador terá outras coisas a fazer; o prefeito também; as autoridades em geral estarão gozando o bom sol de Santos e S. Vicente, onde os prefeitos estarão anunciando praias limpas e água mineral no mar.

Com a vinda do sol, tudo será esquecido. Quem perdeu casa, perdeu. A indústria falida, um azar do comércio. Quem morreu, foi enterrado. Quem pegou doença com as inundações já estará recuperado ou morto.

Até o dia em que chover de novo. E a represa subir e os esgotos entupidos

(O povo é o culpado, não é sr. Celso Hahne? O povo joga de tudo dentro dos esgotos) provocarem outras inundações e o prefeito correr de helicóptero e o governador convocar reunião e organizar grupo de trabalho.



Qualquer hora aparece alguém proclamando: São Paulo é a Veneza brasileira. E aí como vai ser? Recife briga com a gente.

Almoçando Valdelino na chuva valente

Se você estiver com fome nas adjacências da Paulista e Augusta, não entre no Mirella, no Center Três. Outro dia, comi ali e tomei um banho. O aparelho de ar condicionado ficava em cima de minha mesa e o que pingava de água só perdia para as chuvas que inundaram Guarapiranga. Depois, leva um tempão para o garçon vir e outro tempo maior ainda para a comida chegar. E o café, eles vão buscar na esquina (verdade).

Tudo no Metrô é previsto. Até mesmo a promoção de certas manifestações.

Cada coisa é pensada em termos racionais, de modo que não perturbe a ordem estética da organização. Aí então, entra a Prefeitura de São Paulo e inunda as estações do Metrô com faixas e cartazes e stands da tal festa do verde. E o mau gosto da promoção publicitária da Prefeitura choca.

Na Sabesp tem um valente. Chama-se Valdelino Marcondes, é engenheiro e da Administração Regional de Santo Amaro. Não se sabe se irritado com as perguntas do repórter Wagner Carelli ou com a própria incompetência que este estava testemunhando, o Valdelino partiu aos socos e pontapés para cima do repórter do "Estadão". Ele teve coragem para bater, mas não teve coragem para dar o próprio nome, isto é, dizer quem batia. Mas anotem aí: o valente se chama Valdelino.

Aposto que o Pita aprendeu a bater penaltis com o Russo.

Na BR-116 eles estão se suicidando

A culpa é muito da BR-116. Nunca vi estrada mais incrível, mais esburacada e com obras absolutamente caóticas. Não existe sinalização para nada. Umas plaquetas indicando desvios. À noite, uma porção de cercas formando pequenos currais, cheias destes baldes de plástico com uma lâmpada dentro. E flechas luminosas. Acontece que é tanta luz para lá e para cá que por pouco a gente não acaba entrando na contra-mão. Agora, tem uma coisa. Eu vinha trafegando muito calmo, no fim da tarde de domingo. E o que vi em matéria de barbaridades não dá para contar. Vou jurar que a maioria morre por ali na pura base da imprudência. Pelo menos dez carros podaram as filas em lombadas e curvas onde não havia a mínima visibilidade. Outros tentavam ultrapassar mesmo vendo que vinham veículos em direção contrária. Na última hora, enfiavam-se apertadamente na frente da gente. Sabem por que isto acontece? Não sabem? Em cem quilômetros de estrada não vi um só guarda. Os únicos que vi estavam orientando um desvio na altura do quilômetro 30 ou 35 (porque tabuleta com quilometragem não existe). Só.



Quando li na "Veja" a matéria sobre os pequenos bancos, ah! que saudades! Porque estou cheio de banco grande. Desses que vão engolindo outros, outros, feito tubarão que come de tudo, desde gente até chapa de automóvel. (perceberam que também assisti ao filme?). Nos bancos grandes, a gente demora para ser atendido, demora para tirar empréstimo, paga por livro de cheque, paga por não sei o quê, paga para deixar seu dinheiro depositado. Qualquer dia, paga para entrar. Até que ia dar dinheiro. Um cruzeiro o ingresso já dava boa renda. Por que fui dizer isso? De repente, aproveitam a idéia.

VÃO ACABAR COM O PORTUGUÊS?



“Quer ir ao cinema? Que filme estão levando no Astor, Orly, Bijou, Liberty, Bristol, Boulevard, Normandie? Fumar? É fácil, é só pedir no bar um Wembley, Hollywood, Hilton King-size, a menos que você prefira um Marlboro, um Pall Mall ou um Saint Moritz (o câncer está incluído no preço). Meias coloridas? Só Lollypop. Camisas finas? Via Condotti...”

País de imigrantes — até os nossos índios vieram da Ásia —, o Brasil não podia deixar de ser uma Babel de nomes. Constroem-se prédios por judeus como Adolpho Lindenberg, por grupos luso-nipônicos como Takaoka-Albuquerque ou até mesmo húngaros, como Racsa. Tudo certo.

Quando se trata de nomes próprios ou sobrenomes, não há lei que obrigue a Vera Fischer a se chamar Vera Pescador nem o Ministro Shigeaki-Ueki a trocar seu CIC pelo de um João da Silva qualquer.

No entanto, o Brasil é dos poucos países do mundo desfribrados na sua linguagem — e portanto no seu pensamento também —, descaracterizado por uma inundação de marcas e nomes desnecessariamente estrangeiros. O português é um idioma em extinção?!

Parece que sim. Comprar objetos caros é na **Freedom**. Calças blue jeans só no **Saloon**. Centros comerciais se chamam **Shopping Center**. Salões de beleza? **Jolie Madame, Chérie, Visage Merveilleux**. Decoração? **L'Arredamento, L'Atelier, Home Store**. Modas? **Prélude, Splendiferous, For Men, Elle et Lui, Pullsport, Piccadilly, Prêt-à-porter, Ted Lapidus, Pierre Cardin, Yves Saint-Laurent, Gledson, Rue de la Paix**. Restaurantes? **The Golden Dragon, La Casserole, La Tambouille, Trastevere, Zillertal, Bierhalle, Pastasciutta, Paddock, Well's, Chamonix, Le Logis**. Churrascarias? **Piroska, Dinho's Place**. Frangos? **Chicken-in**. Boates? **Flag, Pub, Le Bateau, Tom-Tom, La Licorne, Love Story Drink Bar, Privé, Pas-separetout**. Drive-in? **Pub, Moon, Al Capone**. Sua mulher está grávida? Compre tudo para ela na loja **Future Maman**. Quando o rebento nascer terá o consólio de ser vestido pela loja **Tout Petit** ou pela **Mon Petit**. Quer ir ao cinema? Que filme estão levando no Astor, Orly, Bijou, Liberty, Bristol, Boulevard, Normandie? Fumar? É fácil, é só pedir no bar um Wembley, Hollywood, Hilton king-size, a menos que você prefira um Marlboro, um Pall Mall ou um Saint Moritz (o câncer está incluído no preço). Meias coloridas? Só Lollypop. Camisas finas? Via Condotti, Old England, William. Apartamento? Escolha entre edifícios denominados **Champs-Élysées, King Richard, Piazza del Duomo** e tomara que sua empregada saiba dizer os nomes quando telefonar para a farmácia. Reflorestamento? É óbvio: chame a **Wood**. Um lanche rápido? No menu há **cheese-burgers, sundaes com marshmallow, banana split, milk shakes, hot dogs**. Se você é leitor das páginas de economia não entenderá nada se não souber previamente o que é **open market, leasing, holding, swap exchange, stand-by credit, joint ventures, dumping, containers**. Se é diversão que você prefere, há o **Play-Center** ou ver na tv um **video-tape** de um **show** elogiando pelo **press release** da emissora. E como sonhar em ser jornalista sem usar com desembaraço **non-chalant** expressões-base como **lay-out, lead, flash, slash**? Ai do publicitário que pronunciar, com sota-

que, **outdoors, display, marketing, hard sell, soft sell, story-board** e como você se atreve a ser cinesta ignorando o significado de **road-shows, zooms, close-ups, trailers, run-throughs, slides**? Há quem goste de ficar em casa lendo um **thriller**, de qualquer maneira um **best seller** ou o último **Prix Fémina, Gallimard** ou **Prix Interallié**?

No Natal você não canta **Jingle Bells** e **Whit Christmas**? Ou nos aniversários você dá uma de nacionalista e canta **Happy Birthday** traduzida para **Parabéns à você**, nesta data querida etc. Só conservando a melodia **Yankee**? Se você não pagar as contas, já sabe: ficará sem **Light and Power**. E lembre-se: no **Brooklyn**, ruas inteiras homenageiam os **States dos States, do Texas a Louisiana ao Kansas e Arkansas**.

Se todo esse cosmopolitismo facilita a vida dos **executives** ou **Senior Auditors** ou **Sales Managers**, os nomes índios são os únicos que lutam mesmo depois de chacinadas as tribos pela cobiça dos **civilizados**. Que europeu ou norte-americano confessaria que mora em Mosca Verde (**Morumbi**) ou que técnico preferia trabalhar em Raiz Chata (**Sapopemba**)? E que seria da garota de Água Podre (**Ipanema**) se não fosse o barulho (**Tom**) Jobim?

É inaceitável que se rotule quase **TUDO** com nome estrangeiro, como **shaving cream, after shave lotion, Hair Center, Imobiliária Home Sweet Home** etc etc etc! O idioma português está agonizante, atomizado, de tal modo atolado em estrangeirismos inúteis e **snoobs** que qualquer operário de salário mínimo é **OBRIGADO** a usar várias palavras não da sua língua para fumar, beber, divertir-se, vestir-se, morar, comer.

Descaracteriza-se crescentemente uma língua que nada tem de inculta e muito de bela, só que é ignorada e massacrada pelos próprios brasileiros que não a conhecem nem têm a dignidade de respeitá-la.

Nunca poderemos ser contra os estrangeiros em bloco. Mas distinguimos entre o Senor Abravanel, de burrice a domicílio e os bons. Assim como há limites para a perda da personalidade cultural de um povo. Se é forçoso importarmos **know-how** tecnológico, por que os **disc jockeys** nativos só programam música norte-americana, num jogo de figurinhas em que uma **Dionne Warwick** vale dez **Elis Regina** e uma **Aretha Franklin** umas vinte **Elizeths Cardoso**? Por isso nossa juventude faz escarcéu quando ouve samba e aumenta o volume do **cassete** para ouvir o **rock** de **Alice Cooper** (que nos **States** não vende nem pipocas, quanto mais **shows**), **Elton John, the Rolling Stones** ou as melodias de **Bob Dylan** (que na verdade se chama **Robert Zimmerman**, mas tinha medo de que suas origens judaicas não lhe permitisse entrar no **show business**) ou dos **Beatles**.

Os estrangeiros que vieram ao Brasil, voluntariamente, em busca de vida melhor, ou acorrentados em navios negreiros, todos contribuíram indispensavelmen-

te para o progresso do Brasil, uns mais, outros menos, obviamente. Mas não é possível contemporizarmos mais com a **colonização mental** que está infiltrada entre nós!

Entre a Censura, que proíbe mais de 400 peças, e a importação de musicais medíocres, ficamos morrendo de inanição cênica com Jesus Cristo promovido a uma reles Superstar, como se fosse uma reedição musicada de **Jean Harlow; Minha Querida Lady; Pippin; Hally, Dolly; o Homem de La Mancha** (que nada tem a ver com a obra-prima de Cervantes), **Hair** e outras excrescências públicas sem valor artístico.

O Brasil parece uma estação repetidora da criação exterior: 57% da nossa tv vive de **Planetas dos Macacos** e **Espaço 1999** que devem ser ininteligíveis se forem captados no Crato e em Irecê. Enquanto isso, a pornochanchada nacional copia servilmente **Lando Buzanca**, esse inútil dispêndio de divisas com obscenidade, não pelo sexo mercantilizado dessas fitas idiotas mas pela nulidade de pensamento e sensibilidade que trazem para um país já moribundo de proteína para seu cérebro.

É preciso por ordem nesse progresso, bebericamos já milhares de litros de **Dimple, 100 Pipers, Ballantine, Chivas Regal, Johnny Walker**, hospedamo-nos em hotéis de nome **Sheraton, Hilton Cambridge, Ca D'Oro, Holiday-Inn, Normandie, Méridien** — não há fim? A única saída será... o **underground**? A Contra-cultura de um **Establishment** culturalmente ainda não desperto para uma geração que é preciso urgentemente abrigar?

É preciso reconhecer que não podemos ser **internacionais** antes de termos feições características de uma **nacionalidade**. Não há Nação sem pelo menos uma relativa autonomia cultural e sem uma linguagem que a defina. O grito **Independência ou Morte** não é contra os bons estrangeiros: ao contrário, eles que venham sempre. É contra uma subserviência diante da importação inferior, que basta ter o carimbo (até falso) do estrangeiro para ser aplaudido como ótimo. Nosso novo grito tem que ser às margens da sobrevivência da própria identidade brasileira.

Plural na sua composição étnica, graças a Deus, o Brasil deve porém ser **predominantemente** de expressão portuguesa abrigada, ou pelo menos **derivada** do idioma em que tentamos ainda falar, ler e escrever. Caso contrário, será preciso instituir uma **Linguobrás** para defesa do idioma em vias de desaparecimento. Caso contrário, estaremos sendo cúmplices para que o Brasil seja uma ilha cercada de deformações linguísticas (e quem diz linguagem diz cultura e psique nacional) a apertar o cerco dia a dia. Se perdermos essa batalha, aí **sayonara, banzai, skol, adieu, aiuto, tchau, auf Wiedersehen, Good-Bye e Cheerio** mesmo, right?

Leo Gilson Ribeiro